MOSTRA DA DIVERSIDADE CULTURAL IMAGENS DA CULTURA POPULAR

A cultura popular e o patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais

Vale do Jequitinhonha e Centro Oeste Mineiro.

FAVELA É ISSO AÍ
Belo Horizonte
2023

MOSTRA DA DIVERSIDADE CULTURAL IMAGENS DA CULTURA POPULAR

A cultura popular e o patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais

Vale do Jequitinhonha e Centro Oeste Mineiro.

FAVELA É ISSO AÍ
Belo Horizonte
2023

Esta publicação foi realizada pelo Favela é Isso Aí com Patrocínio da ArcelorMittal, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Realização: Ministério da Cultura e Governo Federal.

Copyright © 2023 Favela é Isso Aí
Realização – Favela é Isso Aí

Coordenação editorial, concepção e organização do volume – Clarice Libânio
Coordenação Executiva Favela é Isso Aí e Coordenação Geral da Mostra - Clarice Libânio
Coordenação Artística – César Maurício
Análise dos dados da pesquisa e redação dos textos – Luzinete Assis
Revisão – Clarice Libânio
Foto – Divulgação Capoeira Afro-Minas - Bom Despacho

Sumário

Apresentação 5

1. A Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular e o Prêmio Cultura e Desenvolvimento Local 9

2. A Mostra no Vale do Jequitinhonha 11

2.1. O perfil dos proponentes e tipos de iniciativas propostas 12

2.2. Projetos premiados 22

2.2.1. Projetos premiados em Carbonita 23

2.2.2. Projetos premiados em Senador Modestino Gonçalves 25

3. A Mostra no Centro-Oeste mineiro 28

3.1. O perfil dos participantes e tipos de iniciativas propostas 29

3.2. Projetos Premiados 58

3.2.1. Projetos premiados em Abaeté 59

3.2.2. Projetos premiados em Bom Despacho 60

3.2.3. Projetos premiados em Dores do Indaiá 61

3.2.4. Projetos premiados em Martinho Campos 62

3.2.5. Projetos premiados em Quartel Geral 63

4. Considerações acerca da diversidade cultural e do patrimônio das cidades do vale do Jequitinhonha e do Centro Oeste 64

A Língua do Negro da Tabatinga em Bom Despacho 66

Os Kaxixós, a tradição, a luta pela memória em Martinho Campos 68

A Catira de Martinho Campos e as performances da memória: pés, palmas e violas 70

Roda de Trespassar de Carbonita 72

As heranças africanas, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e o congado em Abaeté 73

As folias de Minas 76

O Modo de fazer e tocar violas 80

A Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira 81

5. Considerações finais 82

Referências 84

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022 11

Gráfico 2 – Nº de Iniciativas inscritas por cidade – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022 12

Gráfico 3 – Tipos de proponentes – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022 13

Gráfico 4 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022 14

Gráfico 5 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022 28

Gráfico 6 – Nº de Iniciativas inscritas por cidade – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022 29

Gráfico 7 – Nº de Iniciativas por tipo de proponente – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022 30

Gráfico 8 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022 32

Gráfico 9 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Abaeté – 2019 a 2022 34

Gráfico 10 – Tipo de Iniciativas inscritas por ano – Bom Despacho – 2019 a 2022 39

Gráfico 11 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Dores do Indaiá – 2019 a 2022 47

Gráfico 12 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Martinho Campos – 2019 a 2022 51

Gráfico 13 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Quartel Geral – 2019 a 2022 56

Apresentação

O volume que ora se apresenta foi construído a partir das pesquisas realizadas no contexto do projeto Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular em suas últimas edições realizadas em Minas Gerais, entre os anos de 2019 e 2022. Os resultados trazem uma pequena amostra da cultura popular dos territórios trabalhados – Jequitinhonha e Centro-oeste mineiro, sua diversidade de expressões e as principais manifestações do patrimônio imaterial, tendo por base os trabalhos dos artistas e grupo locais participantes do projeto.

A Mostra é uma iniciativa da ONG Favela é Isso Aí e conta com o patrocínio da ArcelorMittal, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Ministério da Cultura, Governo Federal. Em Minas Gerais a Mostra também recebeu em sua última edição o apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Secult, Governo de Minas.

Esta pesquisa faz referência à cultura popular e ao patrimônio cultural de Minas Gerais, tendo como recorte as cidades de Carbonita e Senador Modestino Gonçalves, na Região do Vale do Jequitinhonha, Abaeté, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Martinho Campos e Quartel Geral, no Centro-Oeste Mineiro.

É este universo que se constituiu como campo da pesquisa cujos resultados são aqui compartilhados, tendo como recorte as experiências locais mapeadas pelo Projeto Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular, participante do Programa Forma e Transforma da Fundação ArcelorMittal, direcionado ao fomento de iniciativas locais no campo da arte e da cultura.

O conteúdo que será apresentado nas próximas páginas teve por base os dados levantados através dos editais de seleção para participação na Mostra, em suas edições de 2019, 2020, 2021 e 2022. O intuito de tais editais foi selecionar, premiar e difundir o patrimônio cultural – seja este já protegido ou não – e os projetos culturais locais, com a apresentação de seus resultados em evento público, gratuito e acessível a toda a população.

Os relatos das iniciativas culturais pelos seus proponentes geraram, ao longo desses anos, um rico banco de dados, servindo, sobretudo, como documentação empírica para olhares mais aprofundados em torno da diversidade do povo de cada um dos territórios participantes, seu patrimônio cultural e seu vasto universo simbólico, a partir de suas referências coletivas e identitárias.

Com o objetivo de colaborar com a difusão e o consequente fortalecimento da cultura local, buscou-se a sistematização e o compartilhamento das informações coletadas, destacando os aspectos mais relevantes. Assim, o trabalho de levantamento e análise qualitativa considerou

indicadores importantes, tais como: quantidade e perfil dos participantes; tipos de proponentes (formais e não formais); tipos de iniciativas e seu tempo de existência; as diferentes linguagens artísticas e temáticas culturais mais trabalhadas; locais de memória coletiva e espaços culturais mais utilizados; patrimônio imaterial em evidência, dentre outros aspectos.

Trata-se de um trabalho de levantamento e estudo das iniciativas apresentadas pelos diversos atores sociais, entre eles: artistas, grupos, coletivos, detentores, produtores, pesquisadores e educadores atuantes no cenário cultural destas cidades. Estes atores são responsáveis por um leque de ações individuais e coletivas, cujas trajetórias e experiências traduzem o fazer artístico e cultural de cada localidade. Dessa maneira, o que se levou em consideração, além da diversidade de ações inscritas, foi o que, de fato, estas narrativas trazem sobre o universo da cultura popular e, por extensão, o patrimônio cultural intangível, indo além da identificação das diferentes linguagens artísticas encontradas.

Nesta tessitura, importa entender como vivem estes sujeitos, o que pensam, o que fazem, como produzem, preservam, promovem, recriam, operam e constroem, em seu cotidiano, suas dinâmicas culturais. Estas indagações nos levam a pensar as relações que estabelecem com a cidade, considerando sua paisagem cultural - rural e urbana-, como se conectam com o seu meio ambiente e interagem com a diversidade que os rodeia tendo a cultura como vetor do desenvolvimento local.

A relação indissolúvel entre cultura e desenvolvimento atravessa os objetivos da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular que busca se aproximar, cada vez mais em suas andanças, das culturas de base comunitária onde estão concentradas as iniciativas protagonizadas pelos grupos tradicionais e populares.

Fomentar a cultura popular e suas ressonâncias, se inserindo nas comunidades produtoras é um dos propósitos da Mostra e um diferencial. As diretrizes dos editais que foram realizados têm como vasto horizonte a produção e circulação do conhecimento, a documentação, o registro, a promoção e a fruição dos bens culturais e das artes, muito bem refletidas neste material que ora se apresenta, com uma variedade de narrativas que afloram sentimentos de pertencimento e orgulho.

Por outro lado, podem revelar lembranças de tradições que não existem mais, além de outras em risco eminente de desaparecimento por diversos fatores: idade avançada e saúde comprometida dos detentores, falta de recursos para manutenção, dificuldades em acessar políticas públicas e financiamentos na área da cultura, desinteresse das gerações mais jovens, etc... Esta experiência possibilitou aos realizadores da Mostra **compreender,** em certo grau, as

dificuldades e os desafios enfrentados pelos participantes, **construir** diálogos participativos de forma a **contribuir** com a profissionalização dos grupos na gestão local da cultura e sua salvaguarda.

Não se pode negar que a pandemia causada pelo vírus COVID-19, mudou de forma brutal o comportamento sociocultural dos indivíduos em todo o mundo, trazendo grandes impactos em diversos setores e estruturas. As tecnologias de informação e comunicação – TIC's se tornaram facilitadoras dos processos culturais, utilizando, principalmente, as redes sociais como ambientes de interação e compartilhamentos de conteúdos de vários tipos, como se viu nas Mostras realizadas virtualmente e nos produtos audiovisuais, imagéticos e digitais gerados. Mas afinal, quais os desafios vivenciados pelos protagonistas das iniciativas destas regiões com o seu uso das TIC's visto que a conectividade ainda não chegou em muitos lugares do interior, principalmente, em áreas rurais? Que novos horizontes se abrem na sociedade pós-pandemia que dizimou tantas culturas e patrimônios vivos, sobretudo, as culturas populares que se caracterizam pelas tradições orais? Que lições aprendemos e em que medida os sujeitos sociais, no seu fazer cultural, buscaram se reinventar e ressignificar suas referências culturais e seu patrimônio diante de tantas perdas?

Questões como estas abrem várias reflexões para se pensar a cultura e o desenvolvimento local em termos regionais, trazendo ao centro das discussões os fazedores, produtores, detentores, praticantes de culturas vivas... Estes carregam consigo memórias e vivências que dão contorno e volume à produção cultural e artística produzida e documentada pela Mostra da Diversidade. São saberes populares que representam valores simbólicos relacionados a crenças, tradições e costumes e, nesta esteira encontram-se diversas situações envolvendo patrimônio cultural: afetivo.... Sensível... Perdido... Esquecido... Ameaçado... Mas, sobretudo, vivido pelos vários sujeitos e grupos na contemporaneidade como representação de suas identidades. Nesta linha, o caráter regional é outro ponto relevante desta pesquisa, visto que os relatos narram, de uma forma muito rica, distintos modos de fazer, produzir e viver a cultura que marcaram e marcam estas regiões.

Inspirando-se em Gilberto Gil, este trabalho é um convite para se pensar com transcendência[1] o campo da cultura popular e suas conexões. Nestes percursos e entrelaces regional, como ocorreram nas experiências da Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura

[1] Para Gilberto Gil, 2008 "Pensar em Patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial" (Gilberto Gil 2008).

Popular foi possível vivenciar, *in loco*, como o saber local é construído e transmitido na revisitação da memória, como se firmam as identidades, como se formam os patrimônios coletivos, deixando-os como legado às gerações futuras suas ressignificações em um sentido plural e multifacetado na trajetória de seus grupos e comunidades.

Estes são os maiores aprendizados no qual se espera contribuir com a difusão do conhecimento produzido a partir das iniciativas inscritas e premiadas pelo projeto da Mostra.

1. A Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular e o Prêmio Cultura e Desenvolvimento Local

A Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular tem como objetivo o reconhecimento, apoio e fortalecimento dos principais grupos, artistas e manifestações do patrimônio imaterial dos territórios onde atua. Para tal, propõe pesquisas de campo, registros em foto e vídeo, ações de difusão e eventos.

A partir de ações de pesquisa e mapeamento cultural o projeto vem desenvolvendo uma série de ações de formação de artistas e grupos, além de fomento ao cenário cultural, contribuindo para o desenvolvimento local e o fortalecimento do próprio setor. Além disto, premia e difunde projetos culturais locais, com a apresentação de seus resultados em evento público, gratuito e acessível, nas cidades participantes, denominado Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular.

São objetivos da Mostra:

- Apresentar ao público a produção cultural das localidades e mostrar a diversidade existente em suas comunidades, tanto do ponto de vista artístico quanto social e criativo;
- Difundir ao público em geral a rica diversidade cultural e patrimônio imaterial local, contribuindo para seu reconhecimento e preservação;
- Fortalecer as trocas, as redes e os encontros entre os agentes culturais das regiões em pauta para reflexão sobre a cena cultural local, estimulando intercâmbio de experiências;
- Contribuir para o fortalecimento de projetos e ações que se baseiem em conceitos de desenvolvimento humano e cidadão por meio da cultura.

Neste sentido, foi criado inicialmente o Prêmio Cultura e Desenvolvimento Local, posteriormente incorporado nos editais da própria Mostra. O objetivo das premiações é fomentar o setor cultural local, visando o desenvolvimento de ações artísticas e culturais nas comunidades participantes e, especificamente no caso em pauta, em territórios de atuação da empresa ArcelorMittal.

Como se verá a seguir, a cada ano se ampliam as inscrições recebidas, o que aponta para a consolidação, valorização e reconhecimento crescente da Mostra nas cidades participantes. Além de ser uma fonte de recursos aos premiados, o projeto se tornou um meio de articulação, mobilização, trocas, formação e aprimoramento dos artistas locais, a partir de suas metodologias de trabalho, seja através da participação dos grupos em encontros e ações

formativas, seja a partir das próprias oportunidades de apresentação, exposição e exibição das produções artísticas e culturais reconhecidas na Mostra final de cada ano.

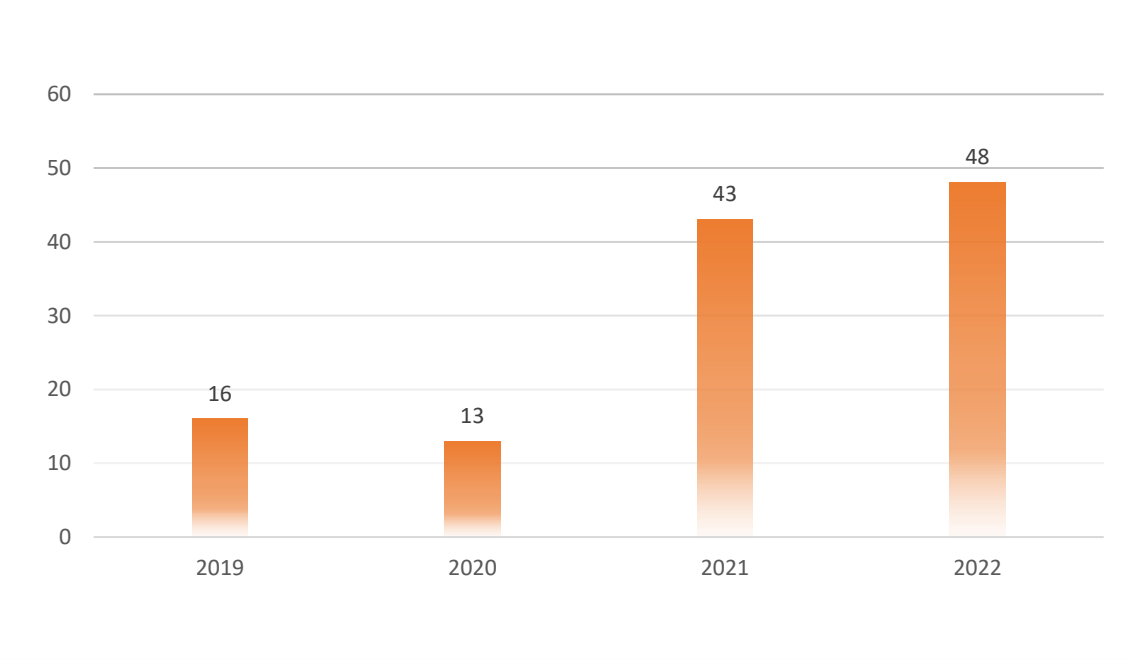
Destaca-se por fim, que os participantes da Mostra, selecionados através de edital anual, têm como compromisso realizar sempre pelo menos duas ações culturais: uma participação na Mostra final, coletiva, com apresentações artísticas variadas ou lançamento de produtos culturais – livros, filmes, etc. – e uma ação de contrapartida obrigatória, realizada de forma descentralizada nas comunidades, distritos, zonas rurais, escolas ou instituições filantrópicas, destinada a repassar ofícios e saberes e a formar novos públicos.

Com isso, as ações da Mostra são multiplicadas, assim como seus impactos e números de beneficiários.

2. A Mostra no Vale do Jequitinhonha

O estudo das iniciativas inscritas para realização da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular na Região do Vale do Jequitinhonha compreende os editais lançados nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022 nos municípios de Carbonita e Senador Modestino Gonçalves. Ao todo, foram recebidas 120 inscrições, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022

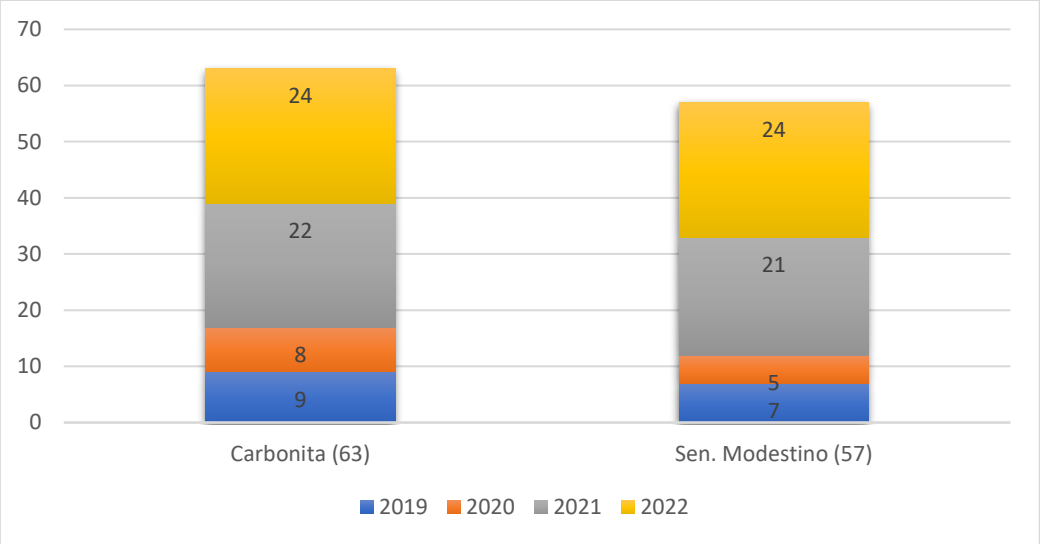


Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Como pode ser percebido, o gráfico mostra um fluxo crescente de recebimento de propostas a cada ano, com maior número de inscrições em 2021 e 2022, mais que o dobro em comparação a 2019 e 2020.

Importante destacar que ambas as cidades contempladas contam com crescimento no número de inscritos nos editais a cada ano, como pode ser visto a seguir, ainda que, como se mostrará mais adiante, apresentem perfil cultural distinto.

Gráfico 2 – Nº de Iniciativas inscritas por cidade – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Considerando o total de iniciativas recebidas por cidade, Carbonita foi a que mais apresentou propostas, porém com uma diferença muito pequena, de apenas seis ações a mais que Senador Modestino Gonçalves, ainda que tenha praticamente o dobro de população.

2.1.O perfil dos proponentes e tipos de iniciativas propostas

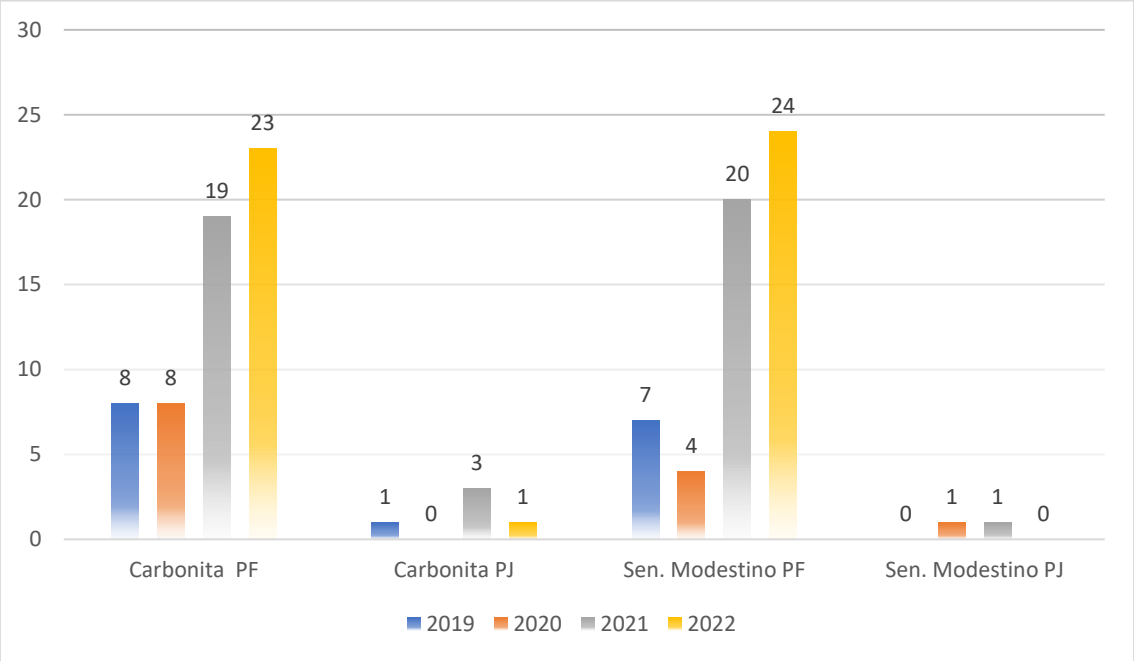
Quanto ao perfil dos proponentes, as iniciativas foram apresentadas, essencialmente, por artistas e grupos locais produtores e fazedores de culturas populares e tradicionais, que traduzem genuinamente, a identidade coletiva das comunidades formadoras desta região em torno dos costumes da vida sertaneja, do modo caipira de viver no interior de Minas Gerais.

Quanto ao tipo de formalização, estes empreendedores culturais são, em sua maioria, Pessoas Físicas e, em número muito reduzido, Pessoas Jurídicas, como pode ser visto no Gráfico subsequente. Esta é uma realidade comum às duas cidades contempladas, o que já indica a falta de formalização do cenário artístico local.

De modo geral, as pessoas que se identificaram como pessoas físicas são artistas independentes, como músicos e poetas, artesãos e artesãs, brincantes, prosadores, cantadores, luthiers, quitandeiras, cozinheiras, doceiras, salgadeiras, produtores rurais, mestres e mestras

populares ou responsáveis por grupos culturais informais, além de pesquisadores da cultura popular.

Gráfico 3 – Tipos de proponentes – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022

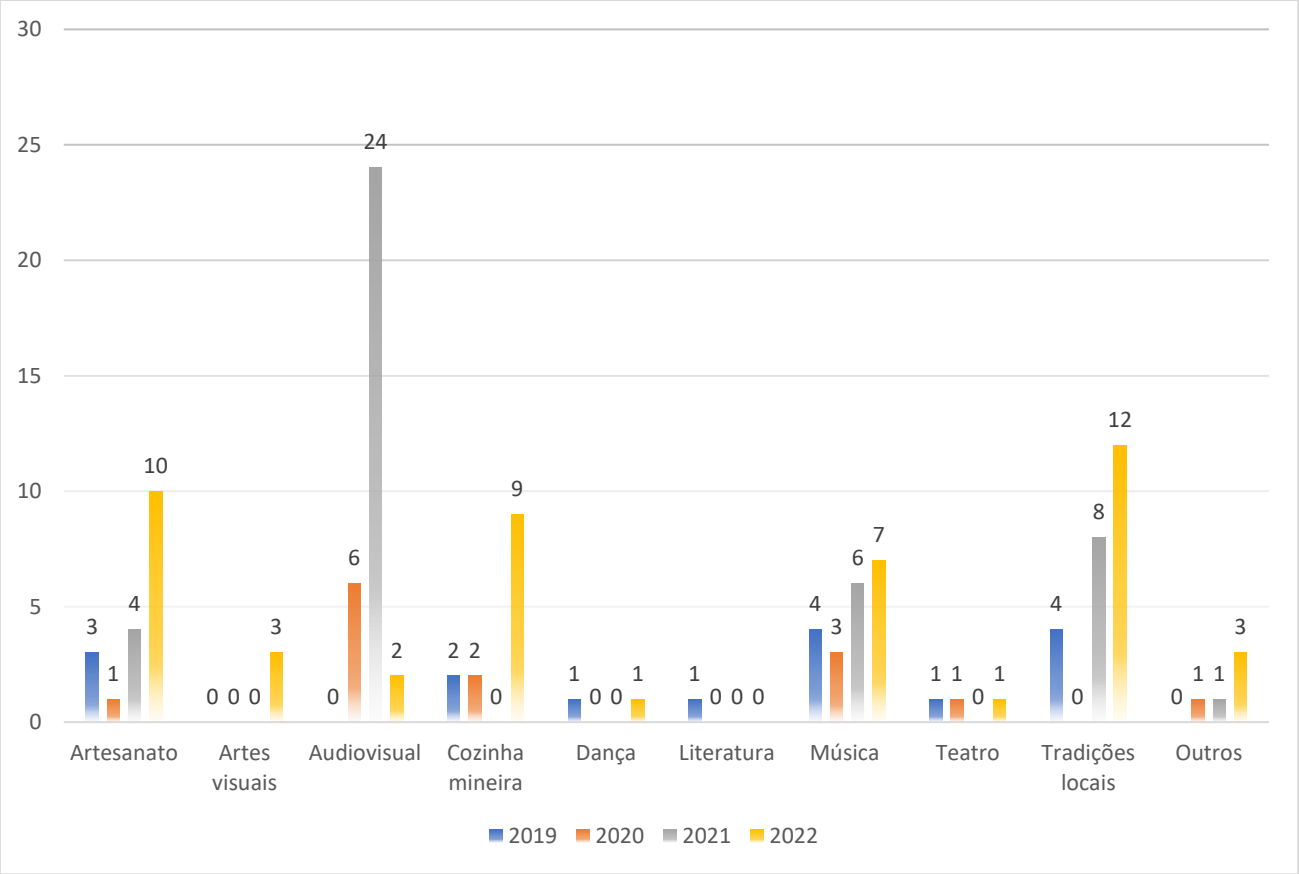


Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Já as pessoas com personalidade jurídica são responsáveis pelas Associações, Ong´s e de poucos grupos culturais formalizados ou Microempreendedor Individual. Em ambos os casos, o que ressaltam são as temáticas de produção artística e cultural muito focada na promoção e valorização de suas raízes e tradições que dão contorno às diferentes identidades locais, compondo o cenário da diversidade cultural encontrada pelo Programa Forma e Transforma.

Como pode ser visto no gráfico que se segue, relativo aos tipos de iniciativas propostas, vê-se que as atividades analisadas se diversificam em algumas categorias, a saber: artesanato, artes visuais, audiovisual, cozinha mineira, dança, literatura, música, teatro, tradições locais (entre elas o patrimônio cultural) e outros (ações que exploram temáticas sociais como paz na mediação de conflitos, pesquisas, educação patrimonial, criação de site de promoção da cultura local).

Gráfico 4 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Vale do Jequitinhonha – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Neste sentido, as ações propostas, em sua maioria, abordam o universo da paisagem e o modo de vida rural, o Rio Jequitinhonha e suas crenças, tradições, ofícios, tecnologias tradicionais ligadas ao artesanato à base da palha e da fibra de bananeira, do bambu, da cabaça, do barro, da palha de coqueiro, à manufatura de produtos agrícolas como a fabricação de farinhas de mandioca, derivados da cana de açúcar como a rapadura, doces, quitandas, quitutes e pratos típicos e derivados do leite, como o queijo artesanal e o requeijão. A cultura alimentar traz ingredientes tradicionais como, por exemplo, o frango caipira que se junta ao quiabo, ao ora-pro-nóbis, ao angu de milho, ao andu...

Em torno desta diversidade encontram-se as tradições locais e as tantas memórias que falam dos gostos, dos sabores e aromas culinários, com base em receitas tradicionais e de família que aparecem entrelaçadas pelos causos e cantorias em verso e prosa, pelas cantigas de roda, pelos modos de brincar da infância dos antigos, pelos ritos da festa, das rodas... Pelas sonoridades da moda de viola...

As manifestações locais também são representadas pelos ritmos dançantes que dão sentido a tantas expressões genuínas da região, como a Roda de Trespassar, a Dança das Peneiras, a Dança das Baianas, a Dança da Fita, a Dança de Caboclo, além de outras manifestações culturais, Folias de Reis, Folias do Divino, Cavalgada, Congado, Reinados e a devoção a Nossa Senhora do Rosário, Da Abadia, Das Mercês, mostrando quão típicos são os ritos de fé e religiosidade.

A seguir cada uma destas categorias será brevemente descrita.

O Artesanato

As iniciativas culturais com foco no artesanato das cidades de Carbonita e Senador Modestino Gonçalves foram apresentadas majoritariamente por mulheres artesãs independentes ou representantes de grupos locais. Suas justificativas se pautaram nos princípios da sustentabilidade ambiental e do desenvolvimento local na busca pela geração de renda, com a produção e comercialização de produtos artesanais e objetos de arte popular elaborados a partir dos recursos naturais disponíveis na região, especialmente a palha e a fibra de bananeira, sendo estas as matérias primas mais utilizadas na feitura do artesanato local.

Em 2019 foram apresentadas três iniciativas que buscaram explorar a arte em bambu, em barro e com uso de materiais recicláveis por meio de palestras, oficinas, feiras e exposições nas respectivas comunidades. Em 2020, identificou-se apenas uma ação propondo a realização de uma videoaula para confecção de cestas, quadros, balaios de cipó e panos bordados. Em 2021, apareceram sete iniciativas, também de videoaulas, mostrando o passo a passo do bordado, da pintura em tecido e da produção de peças artesanais em palha e fibra de bananeira. Em 2022, surgiram oito propostas de oficinas e exposições de artesanato em crochê, tricô, madeira, papelão, cabaça, bambu, argila, sementes e cipós, novamente a palha e a fibra de bananeira, além da feitura de tapetes e da costura em tecido.

As Artes Visuais

Foram identificadas quatro propostas em torno das artes visuais. Em 2021 foi apresentada a proposta de produção de um livro virtual de fotografias de Senador Modestino Gonçalves, acompanhado de exposição, ao final, contendo imagens da vida cotidiana local capturadas pelo fotógrafo Antônio Cloves Oliveira. Segundo a proposta, são lembranças como “batizados, casamentos, festas religiosas e algumas formas de lazer que existiam na cidade...

São momentos que geram saudades aos Clovis e despertam sua memória afetiva para lembranças passadas".

Já em 2022, foram duas iniciativas direcionadas à elaboração de produções artísticas com base em técnicas de desenho e na fotografia digital, tendo como produto final exposições sobre temas locais como: a) os saberes medicinais dos raizeiros e raizeiras de Senador Modestino Gonçalves, buscando a valorização de saberes populares e técnicas utilizadas no preparo e consumo destes medicamentos caseiros e b) retratação dos pontos turísticos da cidade, através de desenhos criados pelas crianças participantes do projeto, se configurando, sobretudo, como ação educativa com vistas à promoção destes lugares e suas referências históricas e culturais.

O Audiovisual

O audiovisual aparece na Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular não como linguagem artística em si, produzida por artistas do ramo, mas como ferramenta de suporte ao registro, à divulgação e à promoção dos modos de vida das populações carbonitense e modestinense. As produções, especialmente os videodocumentários, versam sobre temas ligados às experiências culturais vivenciadas pelas comunidades locais, exprimindo suas identidades, memórias e anseios, principalmente no período da pandemia, que levou as sociedades em todo mundo ao isolamento e à adoção de restrições sanitárias no convívio social.

É importante ressaltar que o audiovisual, na perspectiva dos editais da Mostra, se tornou uma forma de manter vivas muitas tradições, costumes e hábitos coletivos, uma vez que a pandemia afetou diretamente a manutenção de muitas culturas, ameaçando a existência de muitos bens intangíveis. Neste contexto, os realizadores dos vídeos são, em vários casos, os próprios detentores de bens culturais, pesquisadores ou responsáveis pelas iniciativas e/ou projetos apresentados.

De modo geral, o objetivo central deste tipo de ação indica uma grande preocupação, por parte dos proponentes, em documentar e registrar os saberes populares, as tradições locais, os modos de fazer e viver a cultura, considerando seus processos dinâmicos. Em torno disto, os bens que se constituem como patrimônio cultural dos grupos envolvidos, sobretudo os de natureza imaterial. Outro dado importante diz respeito ao caráter educativo destas propostas, que buscaram oferecer conteúdo cultural para as escolas, possibilitando sua utilização em sala de aula evidenciando ações de educação patrimonial em sua essência.

Em relação ao número e tipos de iniciativas recebidas nesta modalidade, estas só aparecem a partir de 2020, com mais intensidade em 2021, declinando em 2022, com o enfraquecimento da pandemia. Começando por 2020, foram registradas cinco iniciativas sobre levantamento de algumas manifestações culturais, como a Folia de Reis, a Festa do Rosário, a Marujada e os pontos turísticos; os saberes populares, as histórias de vida dos moradores; os costumes culinários – como o modo de fazer rapadura e requeijão artesanal nas propriedades rurais de Senador Modestino Gonçalves – além da história da primeira professora de Carbonita.

Já em 2021, foram 21 iniciativas apresentadas sobre trajetória de artistas e grupos musicais antigos; história do Distrito de Abadia; pontos turísticos; produção do queijo artesanal, da rapadura e da farinha de mandioca; exploração da culinária típica (modos de fazer o tropeiro, paçoca, rosquinha quebra-pedra e a memória gustativa dos doces tradicionais, tendo por base as receitas antigas do tempo das vovós); a produção de vassouras de folha de coqueiro; o artesanato em fibra e palha de bananeira, bambu e cabaça; a história do ofício de sapateiro; a tradição da Folia de Reis; os contos, os causos e as lendas como “O gritador”, “O carro fantasma”, “O rastro”, “O tatu branco” e “O fogo no toco”, entre outras.

Também foram propostas prosas evidenciando as belezas naturais dos rios que banham as localidades da região, como o Jequitinhonha e o Araçuaí e a história da feira livre de Carbonita. A proposta de produção do filme “Prosas de pé de rio” apresenta uma sinopse interessante, escrita pela proponente e atriz Mariana Azevedo, de Carbonita:

> “A personagem Dona Norvina é uma senhorinha interpretada pela atriz Mariana Azevedo que se utiliza do artifício da meia máscara expressiva trazendo para si um arquétipo de velha falastrona. A mesma vai até as margens do rio Araçuaí, escutar as histórias de três lavadeiras reais do distrito de Abadia, trocar experiências e compreender como as mulheres se relacionam com a tradição de lavar roupas em rios, enquanto cantam, proseiam e passam os seus conhecimentos para as seguintes gerações. O objetivo dessa ação é unir arte, tradição e cultura”. (Mariana Azevedo, Edital 2021).

Por fim, em 2022 o audiovisual contemplou duas iniciativas. Uma, sobre a história do doce luminária e seu modo de fazer e outra sobre histórias antigas passadas de geração em geração na feitura da rapadura artesanal.

A cultura alimentar e a cozinha tradicional

Como já citado, a cultura alimentar é ricamente abordada nas edições da Mostra, se tornando também o tema central de muitas pesquisas e documentários com enfoque na cozinha

tradicional da região. As iniciativas trazem relatos que evidenciam diferentes modos de feitura que tornam especiais os saberes culinários que atravessam gerações.

Com isto, as memórias contadas são mediadoras de histórias de famílias que falam, sobretudo, dos lugares onde moram, como percebem a paisagem rural, como se estabeleceram, o que plantam, como colhem, como processam o alimento da agricultura familiar e da pecuária local, que ferramentas, maquinários, utensílios e mobiliários ambientam o cenário que dão vida aos seus costumes alimentares. Enfim, como levam a vida no campo, seus ritos de fé, crenças, tradições, costumes e saberes que se fazem presentes na cozinha tradicional com suas mineiridades regionais.

Com estas inspirações, o edital de 2019 trouxe propostas como a produção e degustação de pratos típicos, bem como a elaboração de cadernos de receitas de comidas salgadas, doces e quitandas que tem a base na agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha e da pecuária de subsistência, com o enfoque na geração de renda ligada às festividades locais e ao turismo. Também realçam as propostas que mostram a importância da cozinha tradicional enquanto bem imaterial de certas comunidades, o que pode ser percebido nos relatos afetivos de algumas iniciativas.

Segundo a proponente do projeto “Sabores da Abadia”, Elizabete Rodrigues de Aguilar Tupinambás, do Distrito de Abadia, em Carbonita:

> “O projeto busca valorizar a cultura local e os produtos da agricultura familiar da vizinhança da Abadia, sobretudo da culinária que é rica pela diversidade. Muitos destes pratos culinários são tradicionais do Vale do Jequitinhonha, tais como frango caipira com quiabo, angu, ora-pro-nóbis, farofa de feijão andu, quitandas entre outros produtos do gosto alimentar da região. Através da alimentação é possível despertar nas pessoas o conhecimento e oportunidade de vivenciar os sabores da culinária tradicional, resgatando o modo de cozinhar de gerações anteriores. A valorização da culinária local poderá também incentivar para a geração de renda na comunidade, principalmente para as muitas mulheres que aqui vivem. Este projeto visa resgatar a cultura local do nosso distrito, trazendo informações importantes sobre as comidas típicas da região, valorizando os ingredientes locais e produtores rurais e reforçando o valor imaterial a elementos simples e naturais da nossa realidade e gerando economia sustentável à sociedade”. (Representante do projeto Sabores da Abadia, distrito de Carbonita. Edital 2019).

Já a proponente da iniciativa “Receitas de vida e fé”, Maria Nasareth Vieira Barbosa, de Senador Modestino Gonçalves:

> “Temos por objetivo resgatar memória gustativa, olfativa e, principalmente, afetiva dos lugares e das pessoas que nos acolheram e com quem convivemos estreitamente. Pura história de Minas Gerais transformada em quitandas, salgados, doces. Os primeiros pratos característicos da culinária mineira: o

> tutu, o feijão tropeiro, a galinha caipira com quiabo e o angu. Quitandas, doce de leite, de mamão e pé de moleque. Tem também as quitandas feitas no forno a lenha, como biscoito, pão, bolo de fubá na folha de bananeira e pamonha. E falando em Minas, o queijo é imprescindível, é claro que está presente seja em forma de requeijão, coalhada ou no típico pão de queijo". (Maria Nasareth Vieira Barbosa, quitandeira, Edital 2019).

Em 2020, apareceram duas iniciativas de culinária típica da região. A primeira propôs videoaulas sobre o preparo de pratos tradicionais, como o frango caipira e seus acompanhamentos: feijão, angu e quiabo e farofa de andu verde, além dos doces pé de moleque, doce de leite com coco em pedaços e cocada de colher. A segunda ação se propôs ao registro do processo de fabricação do requeijão em uma unidade produtiva, na zona Rural de Barbada, em Senador Modestino Gonçalves.

Já em 2021, a cozinha tradicional mineira foi um dos temas das diversas iniciativas do audiovisual, especialmente, no gênero do documentário, indo além da produção de videoaulas propostas nas edições anteriores. As iniciativas se propuseram a documentar: a) os modos de feitio dos derivados da rapadura na produção de doces, como pé de moleque, doce de mamão, doce de cidra e o requeijão; b) a produção de queijo artesanal feito em propriedades rurais locais; c) o processo de fabricação de farinha de mandioca, da coleta no campo à farinha pronta.

Por fim, em 2022, foram registradas oito iniciativas com o tema a saber: a) oficinas nas escolas para produção de um cantinho mineiro com degustação de torresmo, pão de queijo, mandioca frita, almôndegas e farofa de andu; b) oficinas de guisadinho com crianças; c) oficinas com quitandeiras e doceiras para produção de quitandas através de receitas antigas, como bolo na palha de bananeira, broa de amendoim, broa de fubá, biscoito de rapadura (quebra queixo), biscoito de goma, doces, etc.; d) várias ações nas escolas voltadas à produção de quitandas caseiras, da roça e de receitas tradicionais de família.

Neste universo, o que foi proposto foram ações e projetos de transmissão de saberes por meio da oralidade e dos registros de receitas da vovó, escritas em cadernos antigos que vêm sendo passadas de geração em geração. São documentos recheados de memórias que trazem à tona as histórias do cotidiano e vivências afetivas, compartilhadas nas edições da Mostra. Estas propostas também se destacam pelo caráter educativo, uma vez que grande parte das iniciativas voltou-se ao público escolar por sua importância cultural na formação do paladar da comunidade.

Desta forma, as atividades buscaram dar vida à culinária tradicional da região, trazendo à discussão modos de cozinhar, processar, fabricar e transformar os gêneros alimentícios vindos

da pecuária e da agricultura familiar, utilizados como base na preparação de pratos e produtos regionais, com diferentes formas de criar e recriar seus hábitos alimentares.

A Música

As iniciativas inscritas na área da música trazem como gênero predominante a música caipira, as sonoridades da viola, da sanfona, do violão, do violino e do cavaquinho, por exemplo, além do ensino de artes vocais e construção de instrumentos musicais por meio do ofício de luthier. Assim, a música popular regional se apresenta também como forte característica da cultura produzida pelas comunidades do Jequitinhonha.

Em 2019, foram registradas três ações voltadas à realização de oficinas e apresentações em escolas e asilos, praças e centros culturais localizados nas cidades envolvidas. Fora deste contexto, foram computadas, em 2020, três iniciativas de apresentações musicais, sendo duas de músicas autorais como meio de promoção dos músicos e valorização de suas produções musicais e uma apresentação de rap, no segmento do hip hop.

Em 2021 foram inscritas seis iniciativas musicais, todas voltadas à produção de videoaulas sobre o fazer e o tocar instrumentos e em torno das sonoridades presentes na Folia de Reis, contando também com apresentações de artistas independentes no gênero da música popular brasileira, forró e a música de raiz.

Já em 2022 aparecem sete propostas que seguem os mesmos temas do ano anterior, englobando também o sertanejo universitário. Contudo, por meio de ações mais diversificadas como oficinas, workshops, feira de instrumentos artesanais, aulas shows, curso de produção musical, além, é claro, das apresentações artísticas para as comunidades, especialmente, na Mostra Final, visto já ter passado o período de isolamento social.

A análise das informações relatadas pelos proponentes destas iniciativas indica um cenário de produção musical fundamentado nas tradições locais, como as folias, as quadrilhas juninas, as cantigas de roda e as danças típicas, sendo a arte musical parte integrante do patrimônio cultural local. Ao mesmo tempo, assume uma função social na manutenção, sustentabilidade e recriação dos saberes e fazeres culturais das cidades abrangidas pela Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular.

A dança, o teatro e a literatura

Estas três linguagens artísticas aparecem nos editais da Mostra em número muito reduzido na região do Jequitinhonha, situação esta que é diversa de outras regiões onde a Mostra é realizada. Nesta região a maior parte das propostas destina-se, basicamente à realização de atividades focadas na cultura popular, na transmissão do patrimônio e em atividades formativas, além das apresentações na Mostra Final. No caso da dança, foram identificadas uma ação em 2019 para apresentação cultural e outra em 2022, para aula de Zumba, além das propostas da cultura popular ligadas à dança da baiana e da fita. O teatro contou com uma ação de formação artística em 2019, uma apresentação de improviso em 2020 e uma iniciativa de teatro de rua em 2022, trazendo a proposta de oficina e espetáculo com o tema bumba meu boi.

No caso da literatura, identificou-se apenas uma iniciativa em 2019, propondo o projeto Reconto, destinado a apresentações de contação de histórias para o público infantil e capacitação de educadores locais. Tal projeto é parte da ação de pesquisa sobre o patrimônio imaterial inerente à cultura alimentar de Senador Modestino Gonçalves, com seu conjunto de saberes e práticas populares, utilizando, para tanto, o método da história oral com a valorização de memórias e afetividades em torno deste tema, recontados, de forma lúdica, na linguagem poética da contação de histórias.

As tradições locais e sua diversidade

As tradições locais e a cultura popular possuem grande destaque neste trabalho. A análise trouxe à tona um rico conteúdo que revela não somente as práticas culturais existentes, mas a preocupação dos detentores com sua manutenção, salvaguarda e promoção, principalmente, com a transmissão de oralidades em torno de saberes, fazeres, memórias dos mais antigos e trajetória de seus protagonistas. As ações identificadas propuseram, além dos ritos culturais em si, apresentações artísticas nas comunidades, lives, o registro em vídeo, oficinas de transmissão de conhecimentos e pesquisas orais.

Em 2019 foram quatro iniciativas deste tipo, destacando-se, em Carbonita, a Roda de Trespassar de Mercadinho[2]; o projeto Mostra de Saberes e Tradições da Beira do Rio Jequitinhonha, focado na valorização e manutenção de algumas manifestações culturais, como as cantigas de roda, a folia de reis, a dança do baiano, as quadrilhas juninas, dentre outras; a ação do grupo cultural Versos e Viola, propondo a disseminação das cantigas de rodas e versos

[2] Expressão cultural surgida no Distrito de Santo Antônio Mercadinho, em Carbonita/MG.

de violas por meio de turnê nas escolas. Em Senador Modestino Gonçalves, a Folia de Reis com a proposta de juntar foliões antigos para mostrar a importância das folias como importante tradição cultural da região aos mais jovens, preocupando-se com a manutenção desta prática, especialmente nas comunidades rurais.

O edital de 2020 não registrou inscrições de iniciativas que propusessem o fomento, a realização da prática cultural ou a recriação destas ou de outras manifestações de cunho popular.

Já em 2021, foram cinco iniciativas destinadas a apresentação de algumas manifestações culturais tradicionais, sendo quatro em Carbonita e uma em Senador Modestino Gonçalves. Na primeira cidade identificou-se a dança das baianas do Distrito do Retiro, as tradições ligadas ao forró da região em torno de suas expressões sonoras e corporais, a contação de causos e lendas locais, as músicas e danças típicas jogando versos de viola. Na segunda cidade constou a Folia do Divino, com a ideia de mostrar como a prática cultural acontece, através de entrevistas com os embaixadores do Divino e com os moradores que recebem o Divino em suas casas.

Por fim, em 2022, foram analisadas 12 proposições. Em Carbonita foram sete iniciativas com foco na Dança da Fita, Folia de Reis, cantigas de roda, cantigas e brincadeiras antigas e a Coroação de Nossa Senhora da Abadia, por ocasião da festa religiosa. As outras quatro ações foram propostas em Senador Modestino Gonçalves, sendo a dança da peneira, a dança do caboclo, a cavalgada e a Festa de Nossa Senhora das Mercês.

Outras iniciativas

O campo outros do gráfico refere-se a poucas iniciativas que tratam da mediação e conciliação sobre o tema da paz; de projeto de visitação aos lugares da comunidade para registro dos bens culturais e criação de site de divulgação da cultura local.

2.2. Projetos premiados

Dentre as iniciativas apresentadas, relatadas acima, a comissão de curadoria e seleção optou por aquelas que melhor expressavam a arte e a cultura, que fossem representativas do patrimônio e identidades locais. Realça-se que a edição de 2020 teve um caráter emergencial,

em razão da pandemia causada pelo COVID – 19, com maior número de contemplados e prêmios de menor valor, de forma a beneficiar mais pessoas.

A seguir, serão relacionados os projetos contemplados em cada edição, destacando-se que algumas iniciativas premiadas se repetem a cada ano, o que demonstra a regularidade destas ações nas respectivas comunidades.

2.2.1. Projetos premiados em Carbonita

Edição 2019

- Grupo Cultural Versos e Viola – grupo formado por moradores de Abadia, Distrito de Carbonita. Com o objetivo de resgatar e manter vivas as tradições culturais da região, desenvolver a cultura local, fortalecer a identidade cultural e os vínculos comunitários, realiza apresentações musicais e oficinas de versos, cantigas e brincadeiras de roda. Na Mostra final o Grupo apresentou a cantoria de versos tradicionais da cultura popular;
- Grupo de Teatro Mirim de Carbonita - O projeto propõe a formação artística, o desenvolvimento de habilidades, inclusão e oferta de momentos lúdicos para crianças, através de oficinas e apresentações teatrais. Como resultado das oficinas de formação, na Mostra final foi apresentado um espetáculo para o público carbonitense;
- Oficina de Músicas Populares Brasileiras - O projeto busca valorizar artistas de Carbonita, desenvolvendo habilidades musicais. São ofertadas oficinas de violão, cavaquinho e canto. Objetiva ainda a inclusão social e a formação de novos grupos musicais, realização de apresentações e incentivo à valorização e manutenção da música popular presente no cotidiano. Na Mostra final foram apresentados os resultados dos trabalhados realizados nos últimos meses com jovens artistas locais;
- Roda de Trespassar de Mercadinho - Típica manifestação cultural da região, a Roda é um estilo de dança que transcende gerações dos antigos povoamentos do então Santo Antônio de Mercadinho – Distrito de Carbonita. Atualmente o grupo é composto por 32 integrantes, entre crianças, jovens, adultos e idosos, e busca valorizar a cultura popular local. Na Mostra final foi realizado um cortejo, seguido por uma animada dança com versos e cantorias entoados pelos integrantes e violeiros do grupo;
- Saberes e Tradições da Beira do Rio Jequitinhonha - Através de pesquisas para identificar e reavivar manifestações culturais tradicionais das comunidades rurais da beira do Rio Jequitinhonha, o projeto envolveu alunos da comunidade de Lagoa, município de Carbonita. Na Mostra final foi apresentada a dança da baiana, reavivada ao longo das ações, com participação comunitária;
- Sabores da Abadia - Iniciativa de Elisabete e Aparecida Nazareth, reconhecidas por prepararem comidas tradicionais do vale do Jequitinhonha, o projeto busca valorizar a rica culinária local. Na Mostra final trouxeram a degustação de alguns quitutes típicos e feira de comidas da região, despertando nas pessoas o conhecimento e a vivência dos sabores da culinária tradicional da Abadia;
- Semente de Arte - O projeto, de iniciativa da artesã Luciana Lourenço e realizado no Distrito de Abadia, traz trabalhos artesanais com palha de bananeira, folhas e caules de

árvores, cipós, sementes, pedras e outros materiais. Propõe capacitar e aperfeiçoar as artesãs do local. Na Mostra final houve a realização de oficina e exposição dos produtos.

Edição 2020

- Celso Donato dos Santos – Oficina de Músicas Populares Brasileiras;
- Comunidade de Lagoa – Maria Aparecida Soares Duarte – Mostra de Saberes e Tradições da beira do Rio Jequitinhonha;
- Distrito de Abadia – Elizabete Rodrigues de Aguilar Tupinambás – Sabores de Abadia;
- Maria Sirlene da Cruz – Memória do Jequitinhonha;
- Suélen de Souza Silva – Site de Cultura de Carbonita.

Edição 2021

- Luteria Artesanal Cultural - vídeo que narra parte da história dos irmãos Bonfim, Douglas e Delson, e de como herdaram do pai o ofício de Luthier, enquanto mostra a construção artesanal de uma viola caipira e um violino. Ainda no vídeo uma apresentação musical com os instrumentos fabricados;
- Abadia, Terra Santa - No vídeo é possível conhecer um pouco da história de Abadia, distrito de Carbonita, a partir de suas tradições culturais e religiosas. Anualmente Abadia recebe romarias de várias regiões do Brasil, que vão ao município agradecer, celebrar e pedir graças à padroeira Nossa Senhora de Abadia. Os romeiros são atraídos ainda pela culinária local e pelos belos rios, Água Limpa e Araçuaí, que banham o distrito;
- Grupo Versos e Viola - O vídeo exibe uma mostra cultural do Distrito de Abadia, com versos, brincadeiras e cantigas de roda. A ideia é registrar e manter viva as tradições culturais da comunidade, com o intuito de fortalecer a identidade cultural e os vínculos comunitários;
- Baianas do Retiro - A Dança das Baianas é uma tradição entre mulheres da comunidade rural do Retiro, por isso Baianas do Retiro. Na Noite de Natal, elas se vestem de baianas e, cantando e dançando, levam oferendas ao Menino Jesus. O vídeo traz depoimentos sobre a história do grupo e apresentação da dança;
- Produção de Farinha de Mandioca em Carbonita - O vídeo apresenta a singular produção de farinha de mandioca na cidade de Carbonita, desde a colheita até o produto final. A fabricação artesanal da farinha de mandioca é a principal fonte de renda de muitas famílias do município;
- Resgate de Cantigas e Brincadeiras Antigas - No vídeo um grupo de mulheres da Lagoa, povoado de Carbonita, conta histórias e apresenta as cantigas e as brincadeiras antigas que faziam parte da infância da comunidade. Resgate cultural dedicado a crianças e adolescentes que frequentam a Casinha de Cultura Flor de Mutamba.

Edição 2022

- Sabores da Abadia - Farofa de andu, torresmo, pão de queijo, mandioca frita e almôndegas fazem parte da identidade cultural gastronômica de Abadia, distrito de Carbonita. No projeto Sabores de Abadia, cozinheiras da comunidade apresentaram pratos com receitas típicas do Vale do Jequitinhonha, para uma saborosa degustação;

- Semente de Arte - A artesã Luciana Lourenço ensina crianças e adolescentes a confeccionar artesanato a partir de cipó, palha de bananeira, sementes, cimento, bajes e pedrinhas, matéria-prima em abundância no Vale do Jequitinhonha. Na Mostra da Diversidade Cultural foram expostas peças produzidas durante oficinas na comunidade;
- Resgate de Tradição - Tradição entre mulheres da comunidade rural do Retiro, por isso Baianas do Retiro, a Dança das Baianas é uma das manifestações culturais mais antigas de Carbonita. Elas ensaiam o ano inteiro, em encontros de convivência, para as festividades natalinas, quando se vestem de baianas e, dançando e cantando, levam oferendas ao Menino Jesus. Na Mostra da Diversidade apresentaram a Dança das Baianas acompanhadas de violeiros, também da comunidade;
- Grupo Cultural Versos e Viola de Abadia - O grupo desenvolve ações de resgate e de incentivo ao surgimento de novos talentos na comunidade, através de aulas de música. Na Mostra da Diversidade Cultural os alunos do projeto, crianças e adolescentes, realizaram apresentação musical;
- Dança da Fita - realizada em Abadia, distrito de Carbonita, a Dança da Fita é uma das mais antigas manifestações culturais brasileiras, presente também no Vale do Jequitinhonha. A dança foi trazida ao Brasil por espanhóis e portugueses e reverencia o renascimento das árvores depois do inverno. Na Mostra da Diversidade Cultural, crianças e adolescentes da comunidade apresentaram esta tradição, acompanhados de música e versos;
- Arte Music ND - O músico Elnatan Leite Oliveira mostra os caminhos para a produção, gravação e divulgação de músicas em casa e com baixo orçamento. Na Mostra da Diversidade Cultural apresentou uma aula-show e o passo a passo de como produzir música autoral, da composição até a implementação nas distribuidoras digitais;
- Oficina de Música Popular Brasileira - Projeto que realiza oficinas culturais, com ênfase na música popular brasileira, oportunizando a crianças e adolescentes o acesso a aulas de música gratuitas. Na Mostra da Diversidade, os alunos do projeto apresentaram show didático com curtas falas sobre repertório executado, que reúne, principalmente, cantigas do Vale do Jequitinhonha.

2.2.2. Projetos premiados em Senador Modestino Gonçalves

Edição 2019

- Arte de Criar Memórias - O grupo de artesãos, composto por seis pessoas e aberto a novos integrantes, realiza trabalhos artesanais em crochê, tricô, palha de bananeira e cabaça. O objetivo é ampliar a criatividade, com o uso de materiais naturais e recicláveis, contribuindo para o desenvolvimento humano por meio de ações em escolas e em feira de produtores rurais. Na Mostra foram realizadas oficina e exposição das peças produzidas;
- Caminhos das Cordas - O projeto tem como objetivo incentivar crianças, jovens e adultos a desenvolverem seu potencial artístico, ampliando o interesse pela música. Na Mostra final foi apresentado um show de violas e violões, com repertório de músicas sertanejas de raiz, que incentivam também a manutenção da tradição de Folia de Reis, Divino, Marujadas e Congadas;
- Projeto “Reconto” - Um projeto de contação de histórias baseado nos costumes e tradições culturais do Vale do Jequitinhonha, principalmente das regiões banhadas pelo

Rio Araçuaí. Buscando resgatar essa tradição, na Mostra foi realizado cortejo com os alunos do Centro Infantil Abelhinha Feliz, contação de histórias, cantigas e danças;

- Renascer da Tradição - A partir da pesquisa das festas, melodias e costumes transmitidos entre gerações, o projeto busca contribuir para a preservação da tradição da Folia de Reis, unir foliões antigos, promover o gosto pela folia, desenvolver o lado religioso e aproximar jovens dos saberes tradicionais. Com ações em escolas municipais e apresentações em feira rurais, foi feito um cortejo na Mostra final;
- Top Girls - O projeto "É Tempo de Resgatar e Inovar", do grupo Top Girls, busca resgatar a cultura local com formação, inovação e lazer para meninas pré-adolescentes. Realiza oficinas, pesquisa artística, ensaios e apresentações, além de atividades culturais que gerem vínculos entre as participantes e a comunidade. Na Mostra final apresentaram a dança da peneira e coreografia de forró moderno, um convite para o público em geral e casais da melhor idade.

Edição 2020

- Adryel Ribeiro Oliveira – Documentário fabricação de requeijão;
- Dilson Moreira Junior – Documentário produção de rapadura;
- Karla Aparecida dos Santos – Caminho das Cordas;
- Orlando Barbosa – Folia de Reis Renascer da Tradição;
- Rozeli Susana Rocha – Top Girls.

Em 2020 também foi publicado o Livro Receitas da Diversidade, composto por uma coletânea de receitas dos proponentes Aparecida Nasaret (Cida) e Elizabete Rodrigues (Bete), de Carbonita, e Cláudio Santiago, de Bom Despacho.

Edição 2021

- Nego da Sanfona - No vídeo, um encontro com José Inácio da Cruz, o Nego da Sanfona. Ele fala da sua carreira musical que começou aos oito anos de idade;
- Arte de criar memórias – No vídeo, o artesanato em palha e fibra de bananeira é apresentado por artesãs de Senador Modestino Gonçalves, desde a colheita da palha, seu preparo e produção de peças;
- Grupo de Dança Top Girls - O grupo há cerca de três anos faz um importante trabalho de inclusão social de crianças e adolescentes através da dança, na cidade de Senador Modestino Gonçalves. No vídeo, uma apresentação de Forró;
- Contos e lendas de Senador Modestino Gonçalves - Em três vídeos, moradores de Senador Modestino Gonçalves contam causos e lendas que fazem parte do imaginário coletivo da comunidade. O Lobisomem, O Homem que enganou o diabo e Romãozinho;
- Produção do Queijo Artesanal - Os moradores de Senador Modestino Gonçalves têm uma receita única para fazer queijo artesanalmente. O vídeo mostra todas as etapas dessa típica fabricação caseira;
- Resgate Cultural de Senador Modestino Gonçalves - Coletânea de fotos de Antônio Cloves de Oliveira, fotógrafo de Senador Modestino Gonçalves, organizada em livro e exposição virtual por seu filho. Traz registros de acontecimentos importantes da história da cidade, registrados pelo fotógrafo ao longo das últimas décadas.

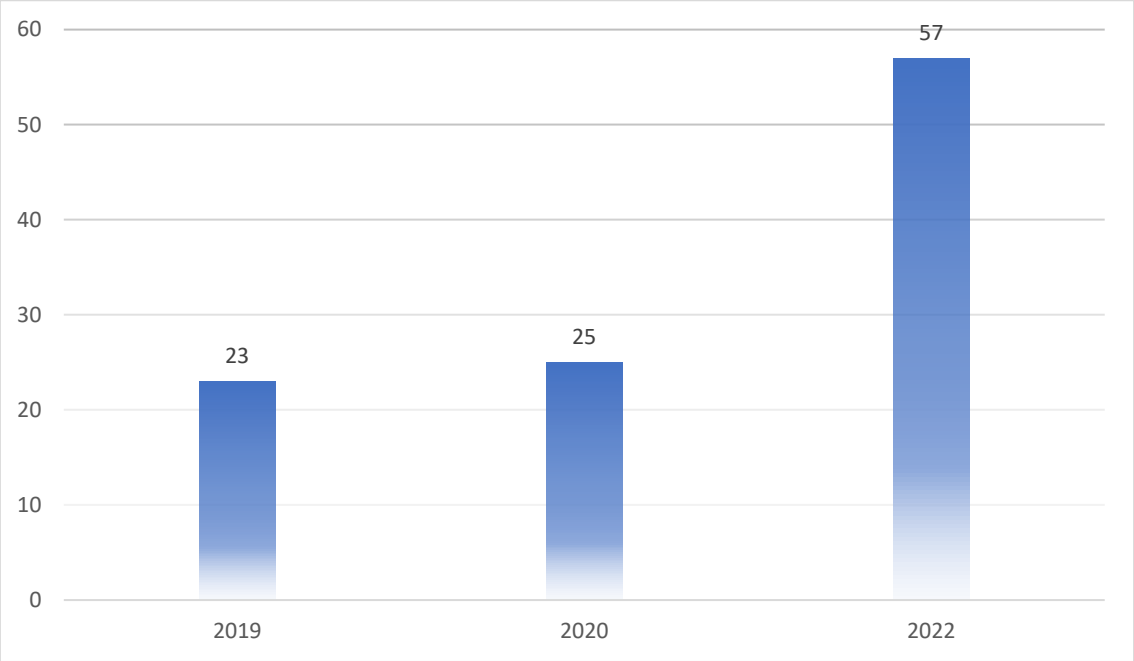
Edição 2022

- Degustação de Quitandas - A palavra “quitanda” tem origem no dialeto africano Quimbundo: “kitanda” e se refere ao tabuleiro em que se expõe mercadorias diversas de ambulantes. Pão de queijo, broa, biscoito de polvilho, rosca, bolo de fubá e outras saborosas quitandas fazem parte do patrimônio culinário de Minas Gerais. Em Senador Modestino Gonçalves, Inês Vieira dos Santos e seu filho Andrey aproveitam alimentos da zona rural como leite, ovos, queijo, milho e mandioca para prepararem suas tradicionais e conhecidas quitandas. O público pôde provar as quitandas preparadas a partir de receitas que atravessaram gerações, em um tabuleiro especialmente montado para a Mostra da Diversidade Cultural;
- Élcio Reis - músico e cantor dedicado ao resgate e divulgação da rica cultura musical do Vale do Jequitinhonha. Na Mostra da Diversidade Cultural, Élcio promoveu uma apresentação de música com a participação de crianças e adolescentes da comunidade, participantes da oficina de viola caipira;
- Grupo Melhor Idade – O Grupo Melhor Idade, formado por mulheres de Senador Modestino Gonçalves, preocupa-se em manter viva algumas das manifestações culturais do município, entre elas a Dança da Peneira. Tradicional nas festas juninas e festividades da zona rural, a Dança da Peneira comemora a abundância das colheitas e festeja o trabalhador do campo;
- Companhia de Teatro Reconto – projeto baseado nos costumes e tradições culturais do Vale do Jequitinhonha, principalmente das regiões banhadas pelo rio Araçuaí. Pela direção dos atores Dilson Moreira e Felipe D’avila, juntamente com a atriz Thalita de Paula, o projeto se dedica ao resgate de lendas que povoam o imaginário da comunidade de Senador Modestino Gonçalves. Com o objetivo de popularizar o fazer teatral, promove oficinas de teatro para a comunidade. Na Mostra da Diversidade Cultural, a Cia. Reconto apresentou o espetáculo Bumba Meu Boi, em formato de teatro de rua e contação de histórias;
- Folia de Reis “Renascer da Tradição” – com mais de 10 anos de atuação, reúne violeiros e cantadores que celebram uma das manifestações culturais mais antigas e significativas do Brasil. Em Minas Gerais, a Folia de Reis foi declarada patrimônio imaterial do Estado em 2017. Na Mostra da Diversidade Cultural, realizou cortejo, apresentação musical e encenação da Dança do Caboclo;
- Top Girls - Projeto cultural que oferece aulas de dança para meninas e adolescentes de Senador Modestino Gonçalves, com o objetivo de fortalecer vínculos sociais e propiciar atividades de lazer. No projeto, que existe há quatro anos, são ensinados os mais diversos estilos de dança: forró, zumba, samba, jazz, entre outros. Na Mostra da Diversidade Cultural, as Tops Girls apresentaram um espetáculo de Zumba.

3. A Mostra no Centro-Oeste mineiro

Na Região do Centro-Oeste Mineiro a Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular abrangeu os municípios de Abaeté, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Martinho Campos e Quartel Geral. Ao longo dos anos de 2019 a 2022 foram recebidas cerca de 104 inscrições de proponentes locais, demonstradas nos gráficos abaixo:

Gráfico 5 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022

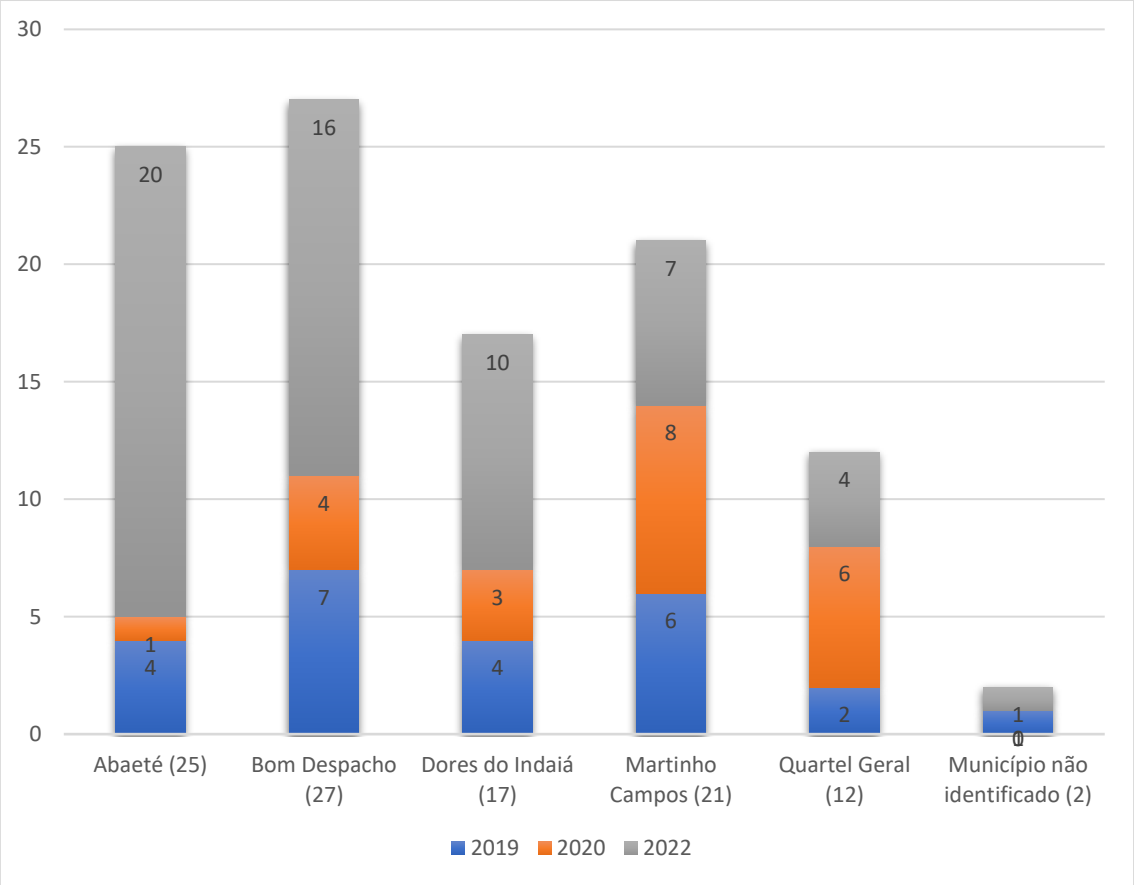


Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Como se vê, a adesão ao projeto foi crescente, especialmente após o fim da pandemia, o que reforça a hipótese de que a Mostra vem criando tradição na região e reconhecimento por parte dos artistas e grupos locais.

Em relação às inscrições por cidade, mostradas a seguir, vê-se que o maior crescimento se deu em Abaeté e Bom despacho, seguidos de Dores do Indaiá.

Gráfico 6 – Nº de Iniciativas inscritas por cidade – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022

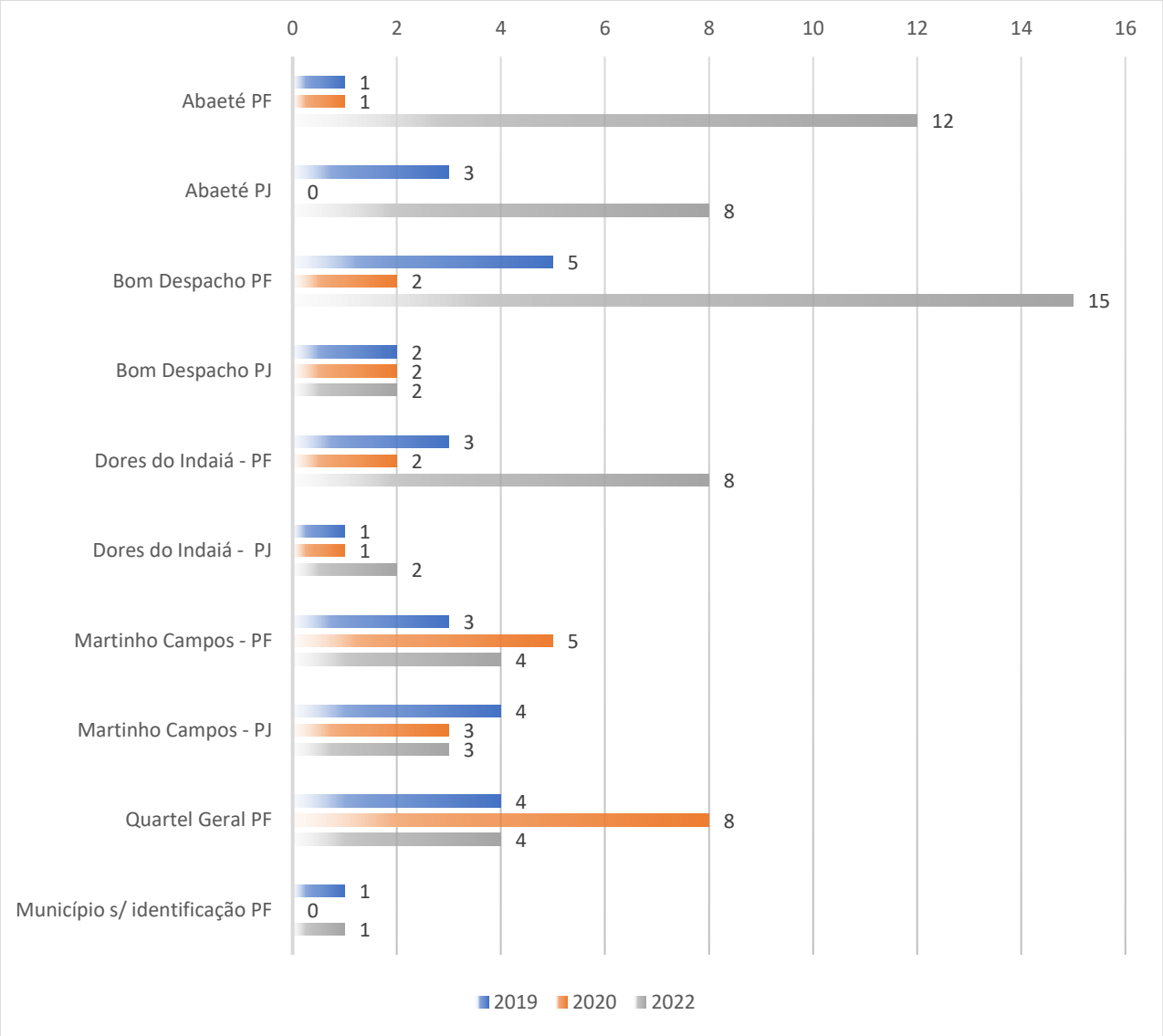


Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

3.1.O perfil dos participantes e tipos de iniciativas propostas

No que tange aos tipos proponentes das iniciativas apresentadas, assim como em outros territórios, a maioria se identifica como pessoa física, sendo Bom Despacho e Abaeté as cidades com maior número de inscritos nesta modalidade. Já as pessoas jurídicas aparecem em menor número, observando Abaeté (exceto 2020) e Martinho Campos como as cidades que mais inscreveram propostas deste tipo de proponente, incluindo os MEI – microempreendedores individuais.

Gráfico 7 – Nº de Iniciativas por tipo de proponente – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Quanto ao perfil dos proponentes, estes se apresentaram como pessoas ligadas ao movimento artístico e cultural das cidades participantes, alguns com projetos e iniciativas já consolidadas no cenário regional, nacional e internacional, sendo grande a participação dos detentores, mestres e mestras, produtores audiovisuais e fotógrafos profissionais e amadores.

Os beneficiários das iniciativas

Grande parte das ações inscritas teve como público principal os alunos das redes públicas locais com atividades extensivas aos educadores, em alguns casos. A comunidade,

geralmente situada em distritos rurais e bairros periféricos, aparece em segundo lugar como alvo das apresentações, exposições e outras intervenções no ambiente da Mostra Final e, em terceiro lugar a população em geral como foco das redes sociais, visto o volume de ações e produtos culturais compartilhados virtualmente.

Os detentores foram, ao mesmo tempo, proponentes, realizadores, público alvo das ações e fontes de história oral com as entrevistas para as produções audiovisuais, imagéticas, midiáticas e literárias previstas e premiadas.

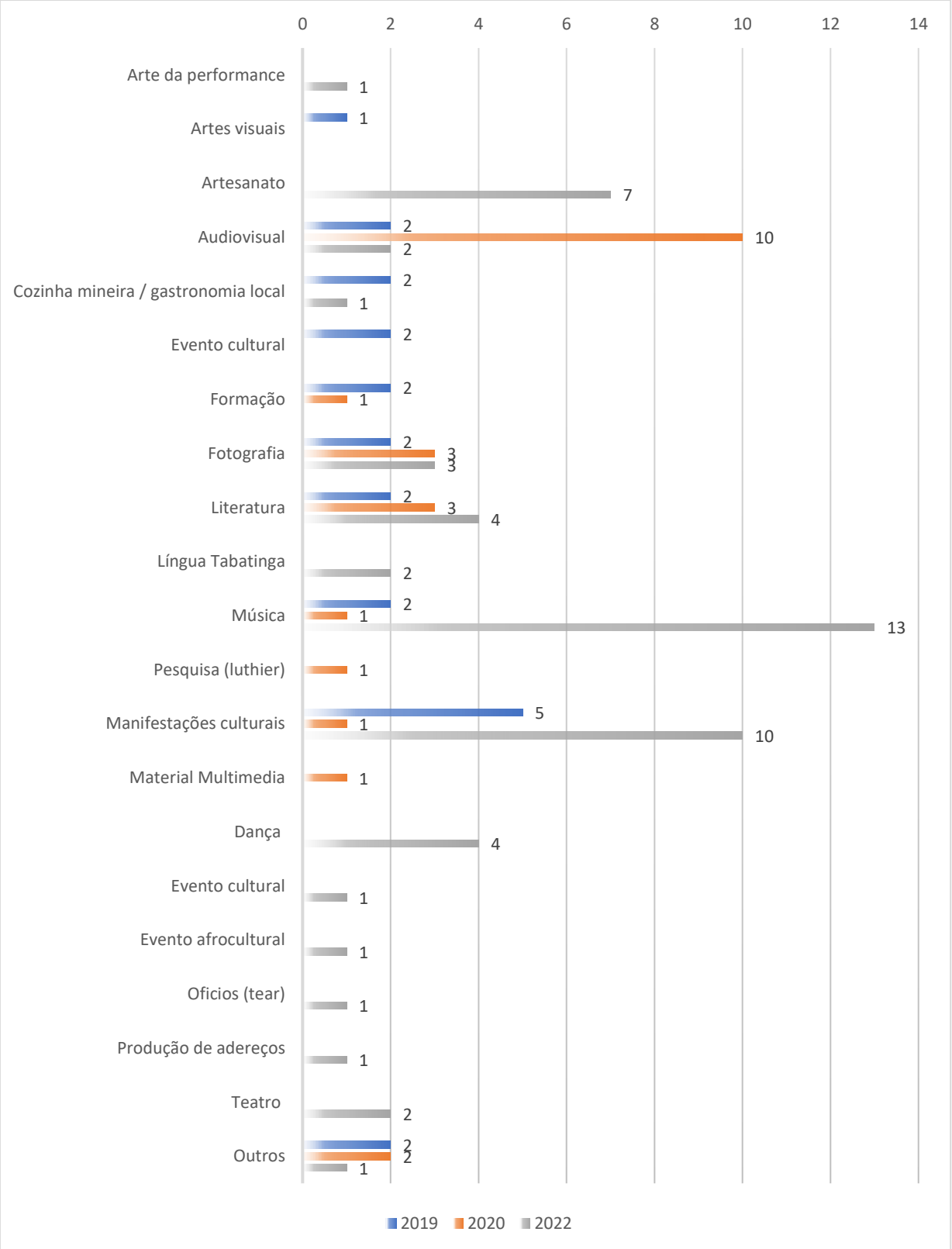
Ressalta-se que a escolha destes beneficiários, bem como a escolha dos lugares para a realização das ações e projetos, buscou atender às diretrizes dos editais da Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular, até mesmo como critério de premiação. Neste sentido, estabeleceu-se campos de diálogos e debates e o encontro de gerações, visto que muitos sabedores e fazedores da cultura popular participaram ativamente destes processos culturais e formativos desenhados pelos editais da Mostra.

Os Tipos de Iniciativas

As iniciativas identificadas nesta pesquisa aparecem descritas no gráfico a seguir, distribuídas por tipos de ação, linguagens artísticas, manifestações e práticas culturais ancestrais genuínas de certas comunidades como, por exemplo, a tradições indígenas Kaxixós[3], em Martinho Campos, e a Língua da Tabatinga, em Bom Despacho, além de outros temas.

[3]Segundo a CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, "A Aldeia Kaxixó é composta por quatro localidades: Capão do Zezinho e Criciúma, na margem esquerda do rio Pará, município de Martinho Campos; Fundinho e Pindaíba, na margem direita do mesmo rio, município de Pompéu, no centro-oeste de Minas Gerais, no baixo rio Pará, um dos grandes afluentes do rio Francisco, que irriga 15 municípios antes de desaguar suas águas no rio São Francisco. Os Kaxixó estão atualmente encurralados em aproximadamente 20 hectares de seu território, sendo que, segundo os estudos técnicos, o Povo Kaxixó tem direito a 5.411 hectares de território. "Tem direito a um território maior, mas o território de 5.411 hectares foi o que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) aceitou com base nos muitos estudos feitos", alerta Marilda Magalhães". (trecho extraído do site https://www.cedefes.org.br/povo-indigena-kaxixo-guardiao-dos-cerrados/).

Gráfico 8 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Região Centro-oeste de Minas Gerais – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Nesta vasta gama de proposições, os tipos de iniciativas que mais predominam são as manifestações culturais em si (com suas práticas de salvaguarda, recriação e fomento). Em seguida a música, o audiovisual, depois a literatura, a fotografia e o artesanato, com maior movimentação de certas iniciativas nos anos de 2020 e 2022 e assim por diante.

As atividades se dividem e se diversificam entre a criação/fabricação de produtos, produção de conteúdo, formações, exposições, apresentações artísticas e culturais, aulas shows, oficinas de formação cultural e artísticas, seminários formativos, eventos afroculturais, pesquisas, publicações, documentários e vídeos, vídeos aulas, lives, dentre outras ações detalhadas no próximo tópico por cidade.

Tipos de iniciativas por cidade

É interessante notar a produção cultural peculiar de cada cidade se configurando como tema das diferentes iniciativas apresentadas, sendo a maioria reconhecida como patrimônio imaterial de Minas Gerais e com forte atuação de seus detentores. Os relatos das iniciativas apontam, de forma sensível, a grande preocupação dos participantes em manter vivas suas tradições, valores e costumes, buscando ressaltar a importância histórica e cultural de cada lugar, com exaltação de personalidades e moradores antigos que fazem parte da memória cultural e da história recente das comunidades, sobretudo beneficiárias das ações inscritas e premiadas.

Os saberes tradicionais e populares são alvos de muitas ações voltadas à transmissão de conhecimentos aos mais jovens, inclusive como proposta de conteúdo educativo para as escolas em interface com políticas educativas nacionais como a Lei Federal 10.639/2003. A Língua da Tabatinga ou “Gíria da Tabatinga” como é atribuída pelo IPHAN, já citada anteriormente, é uma prova disto.

O conhecimento ancestral africano está arraigado no seio das comunidades retratadas pela Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular como base formadora das várias manifestações e expressões culturais tradicionais do povo mineiro, constituídas como patrimônio cultural imaterial, em sua maioria.

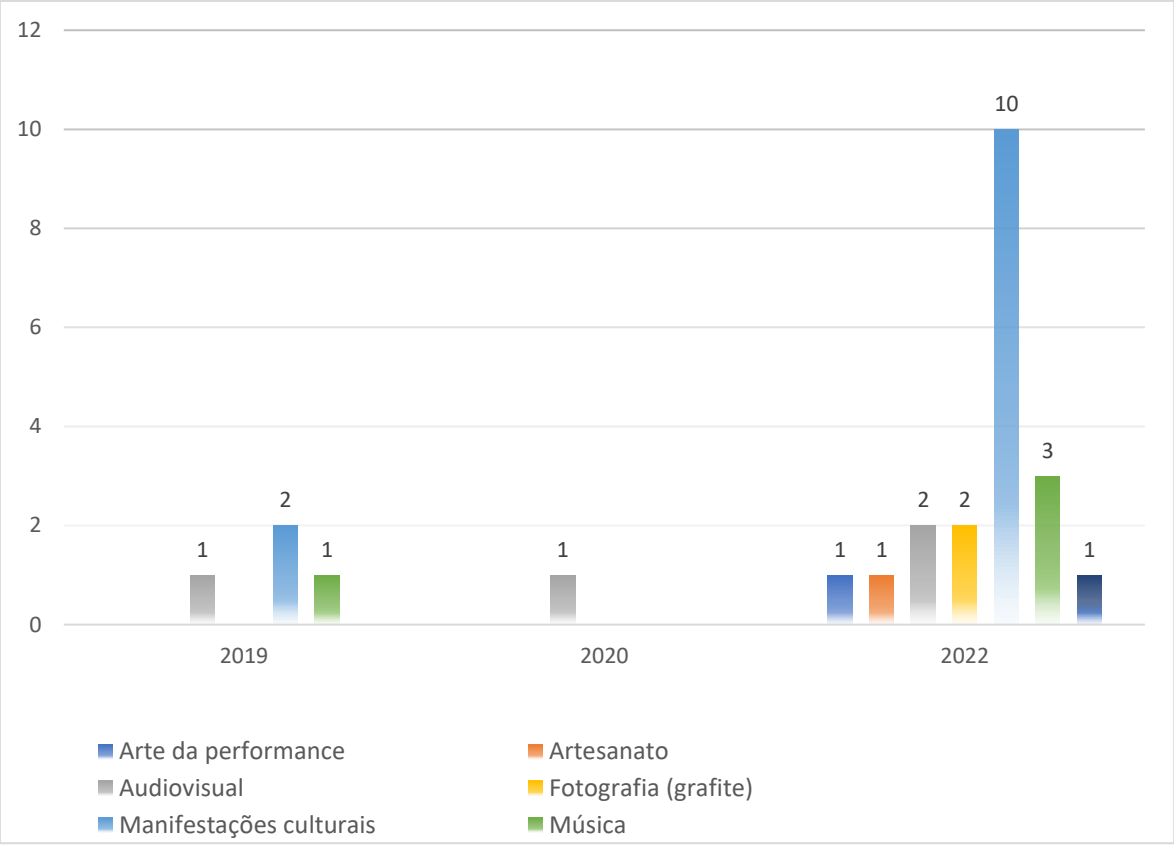
Todavia, temas como a religiosidade de matriz africana, movimentos artísticos afro-urbanos e eventos afro-culturais aparecem junto aos inscritos em editais da Mostra de forma rara, o que demonstra que se trata de práticas culturais veladas e marginalizadas, que seguem silenciadas e invisibilizadas por seu histórico de repressão policial, discriminação e preconceito reproduzidos até os dias de hoje.

No campo das artes, as atividades se voltaram às formações artísticas, à fruição e à difusão de produtos culturais por meio dos trabalhos realizados. Temas como a memória local, a história das cidades e de seus moradores, saberes, ofícios, técnicas artesanais, gostos alimentares, dentre outras práticas e temas também foram abordadas. Esta diversidade de ações encontra-se detalhada por cidade a seguir.

Abaeté

Pela cidade de Abaeté foram inscritas 25 propostas nas modalidades teatro, música, manifestações culturais, fotografia sobre grafite, audiovisual, artesanato e artes da performance, como demonstra o próximo gráfico.

Gráfico 9 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Abaeté – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

As propostas são detalhadas a seguir, separadas por tipologia ou área artística.

Em relação ao **audiovisual**, em 2019 foi proposta uma ação para realização de oficinas, com aulas práticas e teóricas sobre a produção de documentários, voltado ao público escolar, explorando os recursos de câmera, condução de entrevista, direção de arte, direção de fotografia, montagem, roteiro, fotografia, produção e captação de áudio culminando com a ação cine escola.

Em 2020, identificou-se mais uma iniciativa voltada ao público escolar, propondo a produção de um filme "O Coronel sem futuro". Segundo a sinopse:

> "O personagem, que por se dizer herdeiro de um antigo "DONATÁRIO" se auto intitula "O Coronel sem Futuro". Ele dá uma pincelada em sua origem e o motivo do título, passando então a contar a história de sua infância, das brincadeiras, ponderando que essa sim foi uma das melhores fases da sua vida, entre os anos de 1970 a 1980. Saudoso, se imagina ainda hoje brincando com a mesma emoção, que lhe vem à tona com as lembranças do passado". (Henrique Faria da Silva, Edital 2020).

O ano de 2022 contou com mais duas iniciativas de audiovisual, uma propondo o documentário sobre a histórica Fazenda Paredão, segundo a proponente Meire Martins:

> "Através de uma entrevista com Dona Nini, proprietária da antiga fazenda Paredão, na zona rural de Abaeté, que é banhada pelo Rio São Francisco e abrigou uma antiga ferrovia fundada em 1892, hoje desativada. Na entrevista serão resgatadas histórias do cotidiano e vivências na fazenda, o antigo casarão com sua arquitetura conservada e histórias da antiga estação de trem que recebia a Maria – Fumaça" (Meire Martins, Edital 2022).

Também foi proposta uma exposição fotográfica sobre a fazenda e a linha férrea, e exibição do documentário na Mostra Final e uma roda de conversa entre Dona Nini e alunos de uma escola pública municipal de Abaeté. Este é mais um exemplo de proposta voltada para a produção de conhecimento local a partir da memória dos moradores, em interação com os mais jovens, especialmente os alunos das escolas, em um encontro de gerações.

A outra iniciativa refere-se à produção de um documentário retratando momentos urbanos da vida dos moradores do bairro São João em Abaeté- MG, durante a atividade de "grafitagem" de artistas locais. *"De forma a visualizar e capturar fatos cotidianos, peculiaridades sob a ótica artística e até mesmo artes cotidianas que, vez e outra surgem feitos por artistas locais",* conforme relata o proponente.

Em relação às **manifestações culturais**, em 2019 foram inscritas duas ações nesta categoria. A primeira delas foi voltada à pesquisa sobre brinquedos e brincadeiras da infância e, a partir dos resultados, realização de exposições e rodas de conversas nas escolas locais dentro de uma proposta pedagógica, prevendo na Mostra Final, para interação do público, a construção

de uma ambientação, contendo uma "Casa de Memórias", decorada com utensílios e objetos de época.

A segunda ação refere-se à capoeira, através mostras abertas e oficinas nas escolas de toque de berimbau, capoeira Angola, capoeira regional e maculelê, a serem realizadas por mestres baianos, além de workshops de musicalização, batizados, formaturas e troca de cordas.

O ano de 2022 foi marcado por intensa produção cultural no que tange às manifestações locais, com dez iniciativas destacando Abaeté entre as cidades participantes da Região Centro Oeste. Foram seis propostas de Congado entre apresentações e fabricação e manuseio de tambores e instrumentos ligados à manifestação. Duas propostas de Folias de Abaeté com apresentações e roda de conversa que trazem ricos relatos que traduzem a essência desta expressão local. Segundo Bruna Nunes Pereira, da Folia Mensageiros da Paz:

> "Somos um grupo de Folia de Reis, que saímos as ruas, casas e igrejas da nossa cidade e algumas cidades vizinhas, mantendo a tradição cultural das folias de reis do Brasil. (...) Com os palhaços em suas fardas tradicionais, através do toque da sanfona, do violão, do cavaquinho, das caixas, do bastão dos palhaços, iremos realizar uma apresentação do nosso grupo de folia, com a nossa cantoria em vozes para toda a população". (Bruna Nunes Pereira, 2022).

Além do congado e da folia, aparecem uma proposta de danças e cânticos em louvor a Nossa Senhora do Rosário e uma ação voltada à religiosidade de matriz africana com várias apresentações relacionadas à Umbanda, buscando a quebra de preconceitos, inclusive a única iniciativa encontrada na região Centro Oeste em torno deste assunto.

Quanto à área da **música**, consta, em 2019, apenas a proposta de Tributo a Renato Andrade: do violino à viola caipira, por meio de show e aula show, com o intuito de trazer a memória e a trajetória artística do mestre abaeteense da viola caipira Renato Andrade[4], reconhecida, com a divulgação de seu trabalho instrumental, reconhecido no Brasil e no exterior.

[4] Renato Andrade nasceu em Abaeté, no estado de Minas Gerais, em 28 de agosto de 1932. Por influência familiar Renato foi ainda jovem para Belo Horizonte para estudar violino. Mais tarde, de volta à sua terra natal, apaixonou-se pelo som da viola caipira e dedicou-se completamente ao instrumento. Tornou-se um virtuoso que mesclava o erudito ao popular e introduziu a viola caipira nas salas de concerto. Em suas apresentações, além da música, também contava piadas e causos, relacionados ao universo da viola, com tiradas engraçadas e inteligentes. Seu primeiro disco solo, "A Fantástica Viola de Renato Andrade", foi lançado em 1977 e, relançado em CD em 1995 juntamente com um LP de Almir Sater, na série "Dose Dupla" da Warner Music.
Renato faleceu em 30 de dezembro de 2005, aos 73 anos, em sua Abaeté natal, tendo deixado a esposa, três filhos e vários netos. (texto extraído do site http://recantocaipira.com.br/duplas/renato_andrade/renato_andrade.html).

Em 2022, aparecem mais três iniciativas, duas propondo oficinas e apresentações de violão, canto e concerto. A outra chama atenção, além da apresentação artística e aula show com menção ao mestre Renato Andrade, pela proposta de vídeo aula, voltada ao publico escolar, sobre a viola caipira *"abordando a origem histórica e aplicação dos ritmos da música caipira, tais como o cururu, cateretê, toada, guarânia, pagode de viola e polca paraguaia"*, segundo o proponente e pesquisador Marcio Cavalcanti.

Assim, a música em Abaeté, a partir deste mapeamento de iniciativas culturais, se apresenta como expressão genuína marcadamente pela linguagem musical da viola caipira, com um jeito mineiro de compor suas canções, tocar e cantar, tendo expoentes renomados como Renato Andrade.

Já as linguagens artísticas do teatro, da fotografia, do artesanato e da arte de performance aparecem como proposta somente em 2022. O teatro de sombras para bonecos propôs a realização de oficinas de confecção dos bonecos em parceria com o CRAS, com montagem de espetáculo e apresentação.

A fotografia traz o tema do grafite com a proposta de exposição e catálogo, com foco no cotidiano da vida suburbana e "as experiências vividas em ambientes que estão fora dos centros urbanos", como explica o proponente Wesley Patrick Ferreira Barbosa, conhecido artisticamente como Voog, relatando também que:

> "O processo fotográfico tem sido campo de descobertas na ótica, química, mecânica e eletrônica que contribuem para uma história bastante rica. Uma boa parte dos progressos técnicos tem contribuído para a democratização do processo fotográfico, e o avanço da arte fotográfica se deve as mudanças sociais e à criação de novas mídias. Em vista disso, ainda é totalmente relevante aprofundar a discussão sobre fotografia como arte e a arte como fotografia, no momento em que a fotografia é encarnada por memórias, pontos de vista, expressões individuais ou coletivas, eternização do momento único.
> Da mesma forma, a paisagem urbana é construída através de necessidades do coletivo, seja ela consciente ou inconsciente, é uma paisagem em constante mutação e é permeada por memórias. Discutir esse espaço como caráter artístico do meio em que está inserido, a importância do reflexo da expressão coletiva nela contida é um passo de valorização da arte e da memoria e; assim, mostrar a fotografia das cidades como o objeto da arte, de expressa e de memoria histórica artística; e não apenas, como um documento de registro ou informação.
> Sendo assim, as imagens se tornarão objetos de admiração e culto, ao passo que, eternizam momentos que trazem uma nova paisagem urbana à tona, expressam memórias e necessidades passadas e presentes daquele meio e, assim, disseminadoras da informação e expressão coletiva que criam uma nova história através de momentos únicos isolados em cada imagem". (Wesley Patrick Ferreira Barbosa, Edital 2022).

Já a proposta de fotografia da proponente e artista Gisele Ribeiro, focou na criação e desenvolvimento de uma coleção de retratos urbanos da vida dos moradores também do bairro São João, de forma a retratar fatos cotidianos, peculiaridades sob a ótica artística e até mesmo artes plásticas em grafite que, vez e outra, surgem em muros e prédios feitos por artistas locais.

Por fim, o artesanato aparece com uma proposta de exposição em feira livre e a arte da performance surge com o tema do empoderamento feminino, por meio de oficinas de introdução à Arte da Performance, com troca de experiências, vivências e sentimentos que facilitam a interação om o outro, como relata a proponente e artista visual, Cláudia de Oliveira:

> "Inspirada pelo conto La Loba, do livro Mulheres que correm com os lobos (Clarissa Pinkola Estés) ... "a velha bruxa de ranchos me disse que La Que Sabé sabia tudo sobre as mulheres". Numa proposta que conversa com o conto, a artista nos faz um convite, chamando o público transeunte, a sentar-se e contar sua história enquanto a artista cuida dos seus pés..." No encontro, a experiência que cada um traz de si, falando de suas coisas, segredos, problemas ou dificuldades, e ou mesmo os traumas vividos, é complementado pelo conto da La loba; ressignificando tais vivências subjetivas acolhidas dentro do espaço da performance. Há um campo de sabedoria que ocorre no encontro, onde a pessoa pode olhar pra sua própria história por outro viés, e sair com uma nova percepção do eu. O poder de transformação que existe em cada um cresce na relação com os outros. A escuta pode transformar vidas e gerar relações mais saudáveis. (Cláudia Regina de Oliveira, Edital 2022).

Ainda segundo a artista, a performance aborda os conceitos da arte relacional, arte como estado de encontro, e plantar relações de sororidade[5] significa a vontade de apoiar para empoderar outras mulheres". Com essa ideia, a arte assume também diversas finalidades sociais, política, ética, de bem estar dentre outras na busca de um mundo melhor, mais humano, justo, digno e igualitário, além de projetar o campo das descobertas do ser interior dos indivíduos e as teias de relações que podem ser (re)construídas com os cenários exteriores.

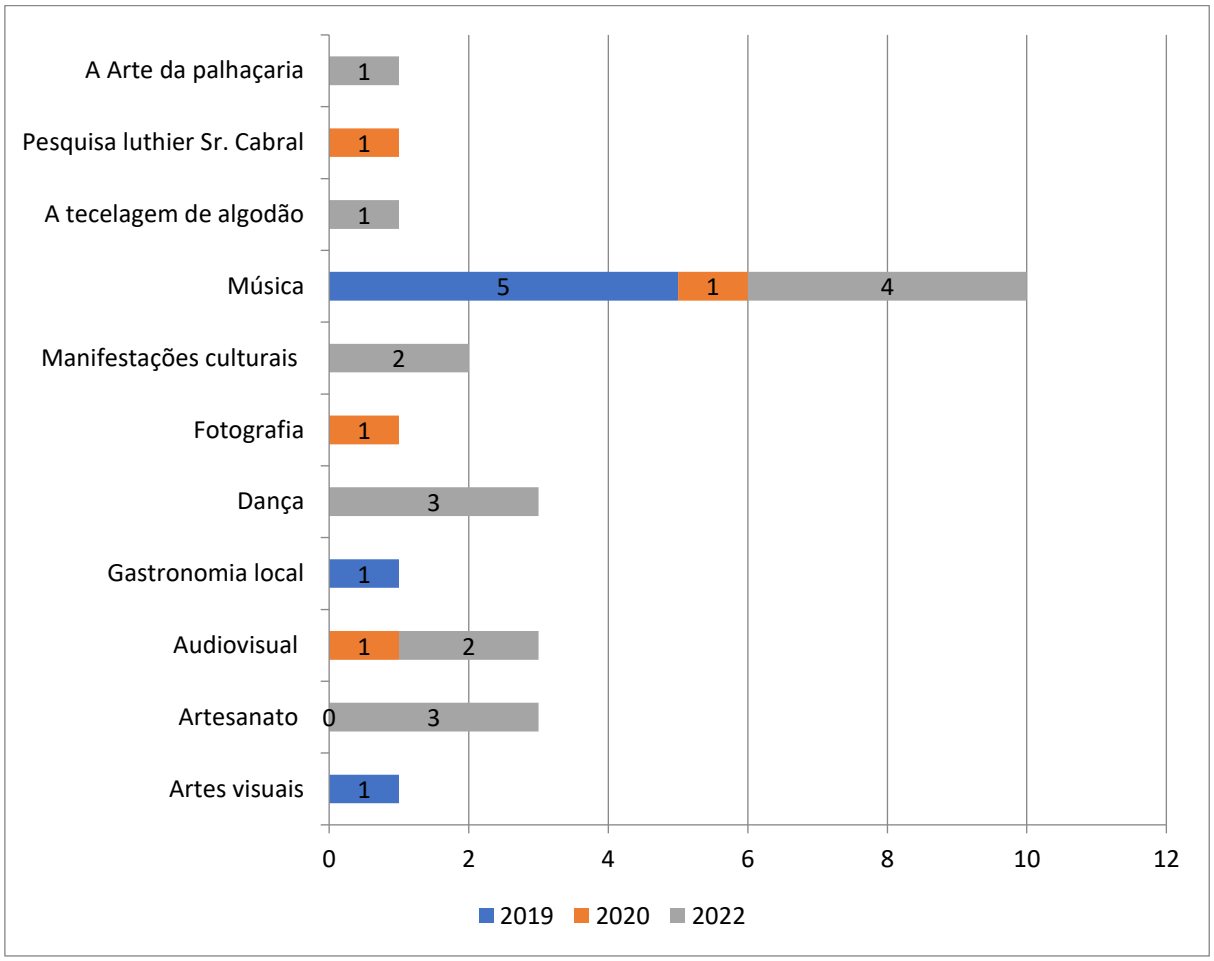
Bom Despacho

Bom Despacho, de um modo geral, foi a cidade que mais apresentou propostas pela região Centro Oeste, com ações bastante diversificadas, contudo, com maior predominância da música, com um maior número de propostas inscritas. A produção cultural dos artistas e grupos

[5] Segundo a proponente, o conceito Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher".

locais se caracteriza por suas particularidades regionais, mas também por expressões culturais que são próprias dos cidadãos bom-despachenses como mostrado a seguir.

Gráfico 10 – Tipo de Iniciativas inscritas por ano – Bom Despacho – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

Em 2019, identificaram-se sete iniciativas, sendo cinco propostas da área da **música,** uma ação de **artes visuais**, uma ação voltada à **culinária** típica. Começando pelas iniciativas musicais, estas expressam muito bem as singularidades regionais do Centro Oeste, como o projeto proposto pelo músico e cantador Toninho Saudade, com seu projeto *Garimpando Minas; ou* o projeto *Melodia da Nossa Gente*, inscrito pela ABAP - Aliança Bom-despachense de Assistência e Promoção, com a oferta de apresentações públicas e concerto didático com repertório folclórico brasileiro executado por violão, violino, percussão e acompanhado por instrumentos percussivos feitos com material reciclável. O projeto *Roda Margarida* também

com a oferta de espetáculos musicais e concerto didático pelo grupo local Margaridas, o projeto *DVD Carinhoso – o trenzinho da alegria*, com a proposta de registrar a obra de *O Carinhoso*[6], artista regional de 87 anos. O proponente, o próprio artista Antônio Rafael Soares Filho, relata que *"Em Bom Despacho ou nas cidades vizinhas, sempre encontraremos alguém ouvindo seu programa no rádio e imitando seus bordões e repetindo suas propagandas e vinhetas"*. Já a Associação Coral Voz e Vida de Bom Despacho propôs o projeto *Cantares de Minas,* com a realização de concertos explorando a musicalidade mineira a partir de uma cronologia detalhada pelo proponente a seguir, que reúne as dimensões do sagrado e do profano através linguagens musicais que deram origem a várias expressões artísticas e culturais em Minas Gerais:

> "1) Séculos XVIII e XIX - A religiosidade é uma das marcas mais expressivas da cultura mineira. A religião católica, trazida pelo colonizador é responsável pelos traços ainda hoje admirados nas cidades históricas como, Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João Del Rei. Desta época, uma representação de peças do estilo barroco mineiro, referentes à liturgia católica da Semana Santa, como se usava na época;
> 2) Séculos XIX e início do século XX – Nas noites frias de luar, pelas ladeiras, uma verdadeira procissão de amigos e, a modinha, que aos poucos deixou os pianos e os salões e se integrou aos violões, tornando-se a modinha seresteira que é tão a cara de Minas Gerais. Foi consagrada na cidade de Diamantina pelo seu filho mais famoso o presidente Juscelino Kubitschek. Nesta parte teremos uma representação das famosas serestas mineiras.
> 3) Século XX, 2ª metade – O Clube da Esquina – um grupo de jovens músicos que não podendo requentar os lugares badalados onde os jovens mais abastados se divertiam, reuniam-se na calçada da esquina da rua onde moravam no bairro de Santa Teresa, em Belo Horizonte, onde ficavam cantando e tocando violão. Dentre esses jovens estavam os talentosos irmãos Borges e Milton Nascimento. Quando interpelados pelos outros jovens diziam: "Nosso clube é aqui na esquina". Esses encontros geraram muitas das mais belas páginas do cancioneiro mineiro, quiçá, brasileiro, das quais algumas serão apresentadas neste programa.
> 4) De todos os tempos a música sertaneja tem sua raiz ao longo desta região brasileira. Este programa contempla o estilo com uma pérola de autoria dos bom-despachenses João Markus & Maurício. Uma composição que reflete a vida do campo e do sertanejo, fala da terra e do amor. Resgata o sentimento através das cordas da viola como nos versos:
> Gente que dá vida pela terra
> Vive em paz longe de guerra
> Num ranchinho beira chão.
> 5) Em um programa que pretende contemplar a música mineira em suas várias modalidades, não poderia faltar a expressão do povo, mescla de religioso e profano e remonta à introdução da cultura negra no Brasil, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, é a festa popular mais importante de Bom Despacho.

[6]Antônio Rafael Soares Filho, conhecido como O Carinhoso é Artista de música/Banda, Sanfoneiro, Autor-compositor, Radialista, Cantor e Contador de Causos. Natural de Bom Despacho-MG, divulgador da Música Caipira e Sertaneja de Raiz. Extraído de https://www.instagram.com/o_carinhoso/.

> Esta festa, remanescente dos congados que unem religiosidade e história dos escravos, está ligada à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, à devoção de São Benedito e Santa Efigênia.
> Com uma alegoria a estas festas este programa será encerrado com um pot-pourri de várias peças do Reinado". (Associação Coral Voz e Vida de Bom Despacho, Edital 2019).

Em 2020, contou-se apenas com uma iniciativa inscrita na área da música, visando a realização de concertos didáticos e produção de vídeos sobre ritmos brasileiros como maculelê, xote, baião, utilizando de movimentos corporais através de palmas, estalos e batidas... Em um segundo momento, com acompanhamento de instrumentos como violão, violino e percussão, propondo também a interação com os espectadores, por meio da "percussão corporal" com os ritmos propostos.

Já em 2022 foram analisadas quatro iniciativas sendo: a) show de música regional autoral de Toninho da Saudade; b) músicas de cancioneiros populares nos ritmos Baião, Forró, Ijexá, Samba, Xote e Maracatu, por meio de aulas shows sobre os princípios de teoria musical; os principais conceitos musicais (acorde, escala, campo harmônico, contraponto) e como essas ferramentas operam na construção do acompanhamento da canção popular brasileira e show na Mostra Final; c) trabalho de formação através de oficinas com estudantes de violino do Projeto Crescendo com Música (ABAP) e, na Mostra Final, espetáculo musical com melodias das canções folclóricas brasileiras apreendidas na oficina e d) Programa de Educação Musical através de oficinas de musicalização para estudantes de APAE.

Já no campo das **Artes visuais**, em 2019 tem-se a iniciativa *Artes Visuais em Peneiras - Retratação dos principais patrimônios culturais locais das cidades de Martinho Campos, Dores do Indaiá, Quartel Geral, Abaeté e Bom Despacho*, inscrito por Priscilla Amaral do Espírito Santo e sediado em Bom Despacho, propondo a realização de oficinas de confecção de peneiras e exposição de artes visuais das obras confeccionadas em cada uma das cidades, buscando, com isto, fortalecer o intercâmbio cultural entre as cidades a partir dos patrimônios culturais retratados.

Em 2020, o **audiovisual** aparece com o tema da contação de causos bom-despachenses por personalidades locais, tendo como pano de fundo a paisagem sonora ao som do violão e do violino. A **fotografia** chama a atenção por retratar por meio de exposições a diversidade e o patrimônio cultural de Bom Despacho. Segundo o relato da iniciativa,

> "O projeto será desenvolvido por grupo familiar de artistas/costureiras/bordadeiras/crocheteiras, através de exposição virtual de peças como: bandeirolas, peneiras, tapeçarias, colchas, acessórios

> tradicionais, relacionadas às principais manifestações populares e patrimônios culturais do município de Bom Despacho, Patrimônio Imaterial: O Reinado de Nossa Senhora do Rosário/Congado, Dialeto da Tabatinga (língua do Negro da Costa) retratando nossos principais patrimônios culturais tombados que são: A Igreja Matriz de Nossa Senhora de Bom Despacho, Biquinha, Vila Militar, Antiga Lila Ferroviária; Cruz do Monte.
> Os projetos propõem ações artístico-culturais que serão disponibilizadas ao público em meio virtual, destinada a divulgar a cultura e o patrimônio material e imaterial de Bom Despacho através dos trabalhos manufaturados como: artesanato, corte e costura, bordados e crochês produzidos em família no "Ateliê da Pri", ofícios tradicionais que vêm sendo repassados em família de geração para geração das descendentes de Dona Dora Costureira. A propositura está vinculada e se enquadra principalmente nas artes visuais, práticas culturais tradicionais, modos de fazer familiar, saberes populares, ofícios e modos de fazer corte, costura, crochê e bordados manufaturados; formas de expressão e práticas culturais coletivas". (Priscilla Amaral do Espírito Santo, Edital 2020).

Em 2022, foram identificadas duas iniciativas na área do **audiovisual**, ambas sobre a língua da Tabatinga. A primeira ação propôs a criação e documentário para o resgate, registro popular e disseminação desta manifestação cultural genuína do quilombo urbano Carrapatos. Segundo a proponente e bibliotecária Tamara Couto Batista, trata-se de uma:

> "linguagem quilombola originária dos Negros da Costa, que estabeleceram Quilombo reconhecido hoje como Quilombo Carrapatos em Bom Despacho. A língua da Tabatinga é nosso patrimônio imaterial, sendo legado do povo afrodescendente e que está se perdendo com temporalidade, podendo chegar à extinção com a falta de incentivo, visibilidade, reconhecimento e difusão para a população". (Tamara Couto Batista, Edital 2022).

Acerca da importância da Língua da Tabatinga, Tamara acrescenta que:

> "Resgatar essa oralidade, essa identidade, segmentar estruturas para ampliar as possiblidades de acesso, de aprendizado, de salvaguarda, de fonte de informação cultural são os motivadores principais dessa proposta. Nos trabalhos e pesquisas sobre o a língua da tabatinga foi possível construir um dicionário online, multilíngue, multimodal e midiático para preservação, fomento e disseminação da língua.
> Por ser o nosso patrimônio imaterial, representando a resistência do povo preto em um cenário pós abolição da escravidão, é imprescindível que criemos fontes de informações para a sua perpetuação e memória. Neste panorama, pretendo, através da cartilha, garantir forma de preservação e ser fonte de informação para disseminar em toda nossa comunidade". (Tamara Couto Batista, Edital 2022).

A segunda iniciativa também propôs um documentário acompanhando exposição fotográfica e outros produtos e ações nas escolas, trazendo como destaque os saberes da Dona Fiota, matriarca do quilombo Carrapatos da Tabatinga, falante da língua e detentora deste bem

cultural ancestral, chegando a lecioná-la na escola municipal da comunidade, infelizmente já falecida, desde 2012. O proponente e produtor cultural Mateus Miranda, explica:

> "'Eu não tenho a letra. Eu tenho a palavra'. Este enunciado foi proferido por Maria Joaquina da Silva, ou Dona Fiota, moradora de Bom Despacho, ao ser questionada sobre como ensinava a língua da Tabatinga (doravante LT). Dessa maneira, ensinou que também existe saber sem escrita. Dona Fiota já não está mais entre nós, mas a língua africana, usada como forma de resistência por seus antepassados, vive nas ruas do município. Assim é o Brasil, um país com uma variedade linguística imensurável, onde o português se mistura com outras línguas, incluindo as africanas e indígenas.

A proposta, além de apresentar desdobramentos significativos no contexto da Educação Patrimonial, faz interface com políticas públicas educativas nacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as leis federais 10.639/2010 e 11645/2008, relatadas pelo proponente da iniciativa:

> "De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), "mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira" (p. 70). Ademais, há ainda aqui o fetichismo pelas línguas de prestígio, como o inglês, e a ideia de um Brasil monolíngue. Apesar disso, encontramos em Bom Despacho palavras como mavero (leite), camberela (carne), conjolo (casa), dentre muitas outras, que circulam orgulhosamente pela cidade e fazem parte do nosso patrimônio imaterial". (Mateus Miranda, Edital 2022).
>
> Atualmente, existem leis para incluir as contribuições das culturas africanas na formação dos alunos, o que sempre foi ignorado anteriormente. A Lei no 10.639, aprovada em 2003, tornou o ensino da cultura africana e afro-brasileira e história obrigatória nas escolas brasileiras. Mais tarde, a Lei no 11.645, de 2008, passou a exigir o estudo da história e cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas brasileiros (literatura, arte e história) na educação básica. O benefício dessa lei é abordar a diversidade na sala de aula, apresentando as contribuições de afro-brasileiros e indígenas brasileiros, além de outros grupos, que influenciaram a formação ou tiveram impacto direto na identidade brasileira. **No entanto, em todo o Brasil, os alunos ainda têm pouca ou nenhuma exposição a uma história decolonial que valorize nossos antepassados e as línguas herdadas, ignorando esta influência na construção de nossas identidades".** (Mateus Miranda, Edital 2022, grifo nosso).

Com base no exposto, além de se constituírem excelentes iniciativas de difusão desse importante patrimônio cultural linguístico de Bom Despacho por meio dos produtos culturais propostos (documentário, a cartilha, a exposição fotográfica, o ebook), da oficina linguística (com foco no ensino de palavras da língua) e da interface com o músico local Toninho da Saudade, que possui música autoral sobre a Língua da Tabatinga, estas propostas se tornam,

sobretudo, espaços de falas dos moradores/detentores do quilombo, de aproximações e trocas intergeracionais incentivadoras da produção artística e linguística voltada ao público escolar. Neste sentido, estas propostas são, nomeadamente, ações educativas plurais na perspectiva da Educação Patrimonial, podendo ser utilizadas, inclusive, como fonte pedagógica para formação de docentes e preparação de materiais educativos de sala de aula, alinhados ao currículo escolar e à realidade dos alunos locais.

O **artesanato** surge somente no edital de 2022, com três iniciativas, sendo a primeira exposição de peças artesanais tendo por tema pontos turísticos de Bom Despacho – como Cruz do Monte, Biquinha, Paineira da Santa Casa, Igreja Matriz do Bom Despacho – utilizando a técnica do bordado, costuras e crochê, além de trabalhos de pirografia em colheres de pau/ madeira macramê etc. A segunda ação proposta é referente a oficina de artesanato e exposição de quadros mostrando alguns patrimônios culturais da cidade. A terceira ação propôs também oficinas e exposição de artesanato em cabaça e biscuit.

A arte da **palhaçaria** surge como proposta em 2022, trazendo a palhaçaria por meio de oficinas e apresentações da palhaça Beringela, com o intuito de construir narrativas sobre os patrimônios culturais e os pontos turísticos de Bom Despacho. A Oficina proposta por Liliana Alzira Cunha, a palhaça Beringela, fundamenta-se em interessantes questionamentos:

> "Palhaçaria" é a dramaturgia do palhaço. E o que é o palhaço? Ou quem é o palhaço?
> Muitos podem responder: "o palhaço é aquele que leva alegria" ou: " é aquele que faz graça" e até mesmo: "palhaço é aquele que é feito de bobo".
> E onde o palhaço busca alegria? Principalmente: onde está a graça?
> De onde surgiu a figura do bobo?
> Como buscar essa graça?
> Qualquer pessoa pode ser palhaço?
> Muitas perguntas e várias respostas.
> Estas respostas serão descobertas neste mergulho no universo da palhaçaria. Uma oficina para quem quer dar os primeiros passos nesta arte e se descobrir, se conhecer e se reconhecer, se enxergando de maneiras diferentes, buscando a criança interior, sem julgamentos, pré-conceitos, sendo livre, desbloqueado traumas, medos e se permitindo entrar no jogo da alegria". (Liliana Alzira Cunha, 2022).

A **dança** também se fez presente em 2022, por meio de duas iniciativas propondo apresentações artísticas. Uma delas, intitulada projeto *Para Todos* buscou *"mostrar a diversidade da dança em Bom Despacho nos últimos 40 anos, desde os bailes no clube social até os dias de hoje, com apresentação de alguns ritmos da dança de salão como soltinho, samba, forró sentado, dentre outros como frevo, anos 80 e 90...."*, segundo relato da proponente Marcia Regina da Silva, responsável pelo Grupo de Dança Fire.

A **Literatura** contou apenas com uma proposta voltada ao poema autoral como forma de incentivo à leitura. A **gastronomia** local aparece, neste ano, apenas com o projeto *Gastronomia de Comunidade,* com a realização de feiras como resultado de um trabalho de pesquisa para elaboração de um mapa da produção gastronômica local e com a realização de palestras nas escolas para mostrar a relação da comunidade com a produção alimentícia e o desenvolvimento local, segundo informações do proponente da iniciativa.

Em 2022, foram registradas ainda algumas iniciativas que trouxeram grandes contribuições para a pesquisa acerca das tradições do povo bom-despachense, alguns de seus ofícios e manifestações tradicionais e populares. Começando pela **tecelagem de algodão**, propôs-se o resgate através de uma exposição de máquinas usadas no processo de beneficiamento do algodão pelas tecelãs em tear mineiro, além da realização de cursos e oficinas. A exposição teve por objetivo a demonstração do processo de preparação do algodão e a tecelagem nas seguintes etapas relatadas pela proponente e artesã Marina de Assis Araújo:

> Retirada da semente do algodão (descaroçar)
> Retirar o sujo do algodão (bater)
> Cardar o algodão
> Fiar,
> Fazer a meada
> Tingir
> Fazer o novelo ou colocar nas navetes
> Urdir
> Colocar no tear
> Tecer". (Marina de Assis Araújo, 2022).

A tecelagem a partir da matéria prima do algodão e a figura do tear trazem à discussão o **ofício** da produção têxtil artesanal enquanto tradição cultural de Minas Gerais. Estes saberes e fazeres ancestrais resguardados por muitas famílias artesãs revelam o universo do trabalho da mulher no entrelaçamento de fios. O ofício, muitas vezes passados de mãe para filha[7] sejam elas fiandeiras, tecelãs, tintureiras... Trazem consigo memórias, cantigas, rimas e brincadeiras que falam também do lugar, das famílias e da comunidade cujos saberes tradicionais expressam redes de conhecimentos e técnicas que são próprias do fiar e tecer e de um protagonismo

[7] Fiar, tecer e bordar são tarefas que as mulheres sertanejas aprendiam desde meninas. O algodão era plantado nos roçados. As mães faziam as roupas da família a partir de linhas fiadas por elas mesmas e a sobra era vendida para vizinhos ou comerciantes. Quando as filhas viravam adolescentes, teciam seus enxovais de casamento, colchas e fronhas que seriam presenteadas ao noivo. (Extraído do site https://www.cedefes.org.br/fiandeiras-tecelas-e-tintureiras-resgatam-orgulho-e-tradicao-no-sertao-de-minas-gerais/)

feminino que ainda hoje carecem de reconhecimento e valorização, principalmente pelos olhares incutidos nestas histórias de vidas dedicadas ao ofício.

Também falando de ofícios, na edição 2020 foi proposta uma pesquisa sobre o **luthier** bom-despachense conhecido como Senhor Cabral, autodidata, 76 anos à época do edital, e um patrimônio vivo da cidade, consagrado por seu ofício de fazedor de violas. O universo desta pesquisa acadêmica teve como recorte a história da viola caipira, sua chegada ao Brasil e em Minas Gerais e sua constituição como símbolo cultural como informa o proponente e pesquisador João Mansur Neto, acrescentando:

> "Pretendo apresentar os resultados da pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso, onde através da Antropologia e da arqueologia do presente foi estudar a origem da viola, suas relações culturais em contextos específicos de colonização do país, e sua consolidação como símbolo cultural. Com isso minha intenção é apresentar a pesquisa sobre o Senhor Cabral, luthier de Bom despacho com 76 anos de idade que produz violas a partir do bambu, que tem o seu saber registrado como patrimônio imaterial da cidade. Vejo esse projeto como uma oportunidade de divulgar e preservar esse saber, valorizando esse artista local. Como forma de educação patrimonial pretendo fazer através de uma palestra online a apresentação dessa pesquisa". (João Mansur Neto, Edital 2020).

No caso das **manifestações culturais tradicionais**, constaram apenas duas iniciativas. Uma sobre a capoeira e maculelê, propondo apresentações, roda de conversa e vivências nas escolas locais pela Associação de Capoeira Afro-Minas Bom Despacho. Segundo Cibele Regina Maciel, conhecida como Graduada Venenosa,

> "A Associação de Capoeira Afro-Minas Bom Despacho pretende realizar uma apresentação do repertório do grupo e uma ação formativa junto à comunidade de Bom Despacho. O número de "Maculelê" a ser apresentado é fruto de uma pesquisa realizada com os participantes do Grupo de Capoeira Afro-Minas em Bom Despacho no fundamento da expressividade corporal na capoeira. Com canções que apresentam a história do guerreiro Maculelê, conhecido por defender sua aldeia contra invasão e de outros grupos com apenas dois bastões. O mito sobre o Maculelê está presente na filosofia da capoeira praticada pelo grupo Afro-Minas, sendo reconhecido como um elemento importante na formação de nossos capoeiristas. O Afro-Minas Bom Despacho tem como objetivo ao participar da mostra promover o resgate de diferentes linguagens da cultura afrobrasileira e afromineira por meio da capoeira praticada em Bom Despacho". (Cibele Regina Maciel, 2022).

A segunda iniciativa foi proposta pelo luthier Sr. Cabral da Viola (o mesmo que foi alvo da pesquisa acadêmica em 2020), objetivando a realização das seguintes ações: Uma exposição presencial das violas construídas durante a Mostra; um mini workshop explicando e demostrando todo o processo de construção das violas, desde a colheita do bambu e todo processo de marchetaria, etc.; Uma apresentação musical tocando a viola por ele construída

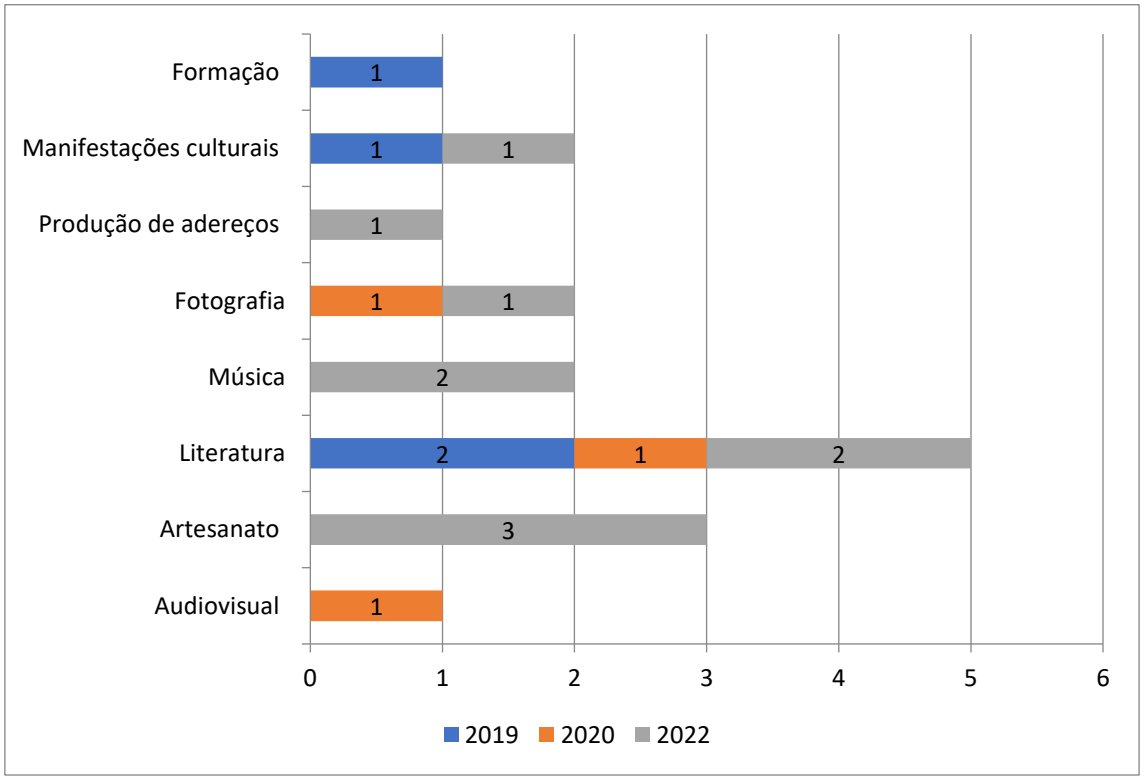
juntamente com sua esposa, além de uma apresentação musical com sua viola a título de contrapartida da Escola Dona Duca do Bairro São Vicente.

Diga-se de passagem que o Sr. Cabral é considerado um patrimônio vivo de Bom Despacho, reconhecido pelo IEPHA/MG como fazedor de viola e, portanto, detentor de saberes tradicionais que expressam os sentidos simbólicos em torno do ofício do fazer e a arte do tocar, reunindo expressões e linguagens artísticas que fazem da viola um patrimônio cultural de Minas Gerais, amplamente disseminados nos editais da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular como tema de muitas iniciativas apresentadas por detentores, foliões, músicos violeiros entre tocadores, cantadores, cancioneiros e prosadores...

Dores do Indaiá

Pela cidade de Dores do Indaiá foram apresentadas 17 iniciativas nos editais da Mostra, distribuídas conforme gráfico a seguir.

Gráfico 11 – Tipos de Iniciativas inscritas por ano – Dores do Indaiá – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

No ano 2019, foram recebidas quatro propostas de ações, sendo duas propostas de **literatura** em interface com outros segmentos artísticos e culturais. Uma voltada à realização de evento literário de divulgação e valorização de autores dorenses integrado à gastronomia local, com exposição e degustação de pratos típicos. Segundo relato da proponente da iniciativa Sociedade Literária – Sabores de nossa terra, Maria Cristina de Souza:

> "Considerando ter o município uma tradição literária, sendo berço de vários autores, entre eles os reconhecidos Emílio Moura (amigo próximo de Carlos Drummond de Andrade), Carminha Gouthier, Stella Maris Rezende (premiada com 3 prêmios Jabuti e vários outros de destaque nacional) e tendo um rol de mais de 170 autores dorenses com livros publicados, a iniciativa pretende estimular a leitura e com a leitura aprimorar o conhecimento histórico e cultural do município. Grande parte da história e da cultura local é descrita nesses livros. Além da parte literária, a tradicional gastronomia local será evidenciada como parte importante da cultura. Tudo isso visando à promoção da integração entre todas as faixas etárias e acessibilidade de toda a sociedade". (Maria Cristina de Souza, Edital 2019).

A outra iniciativa propôs o I Festival de Música e Poesia da cidade, tendo por ações **saraus** nas escolas com a participação dos alunos, músicos e poetas, além da participação dos interessados no Festival através do concurso e na Mostra Final, com apresentações dos seis primeiros colocados.

No campo das **manifestações culturais tradicionais** encontra-se uma iniciativa ligada à Festa de Nossa Senhora do Rosário, propondo o projeto *Fazer, usar, cantar* e dançar, através uma oficina de confecção de instrumentos "que serão usados nas expressões culturais ligados à Festa do Rosário, por exemplo: gungas, xique-xique, reco-reco e tamborins", bem como a realização de apresentações nas escolas cujos alunos fazem parte da Congada Mirim de Dores do Indaiá.

Por fim, na área de **formação** foi identificada uma ação voltada à produção do Seminário "Manifestações Culturais de Dores do Indaiá", com as oficinas: "Fotografia" e "Manifestações Culturais", integrando também a realização de I Feira da Diversidade Cultural – com visitação de escolas e população em geral e na Mostra Final: Exposição de objetos e imagens, representantes das manifestações culturais e lançamento do guia da cultura local.

Em 2020 apareceram três ações nos segmentos do audiovisual, da fotografia e da literatura, uma de cada. A proposta de **audiovisual**, apresentada pela proponente e produtora cultural Maria Cristina de Sousa, trouxe uma abordagem interessante sobre causos antigos da cidade:

> "O projeto pretende gravar um vídeo onde uma senhora idosa, sentada em uma cadeira de balanço em um cenário de cozinha antiga conta causos

> antigos de personagem dorenses relatados no livro de Valdemar de Almeida Barbosa (Dores do Indaiá do passado). Nesse contexto o projeto fará com que crianças e jovens saibam como era contados os causos antigos e os idosos farão uma busca na memória, recordando ou descobrindo curiosidades do passado de pessoas que fizeram história no município de Dores do Indaiá. De forma criativa e divertida o projeto trará além de conhecimento, diversão e entretenimento nesse momento impar e difícil para todos os dorenses. (Maria Cristina de Sousa, Edital 2020)".

A **literatura** trouxe o livro infantil *"Você viu o amor?"* da autora e proponente Thays Faria de Souza Giordani, nascida em Dores do Indaiá, cidade que possui grandes escritores e poetas, completa a artista.

No caso da **fotografia**, a ação destinou-se à produção de um livro digital com imagens do casario antigo de Dores do Indaiá (MG), considerado patrimônio cultural da cidade, segundo justificativa apresentada pela proponente Sueli Santos:

> "para que as imagens não se percam com o crescimento urbano e especulação imobiliária. As casas escolhidas serão separadas por período de construção. As demolições acontecem em ritmo acelerado e, antes mesmo que um inventário possa ser realizado, o patrimônio vai sendo dilapidado, e, com ele, parte importante da história da cidade e da história das famílias. Considero fundamental o registro do patrimônio material para que se conheça melhor a formação da comunidade local, uma vez que, além da memória afetiva que existe entre a casa da infância e seu morador, a evolução econômica-social pode ser denotada através do desenvolvimento da arquitetura local". (Sueli Santos, Edital 2020).

Já 2022, foi ano que mais registrou propostas do município de Dores do Indaiá. Foram encontradas 10 iniciativas nas áreas do artesanato (03), literatura (02), música (02), fotografia (01), produção de adereções (confecção de máscaras – 01) e manifestação cultural (01).

Começando pelo **artesanato**, identificaram-se três propostas de exposições e oficinas de tricô, arte em barro (cerâmica), bordado em chinelos. A **literatura** seguiu com proposta de contação de história, apresentações, produção de vídeo e de um livro artesanal gigante contendo histórias infantis com a proposta de apresentação deste livro nas escolas, explorando o universo da literatura com crianças e com isto, o gosto pela leitura com a contação de cinco histórias contidas neste livro.

As duas iniciativas na área da **música** são destinadas uma a show de rock e a outra para oficinas de violão, com a produção vídeos e apresentações. A **fotografia** trouxe como tema uma exposição de fotos sobre o bairro Juiz de Fora, antigo Cerrado. De acordo com a proponente da iniciativa, Sueli Santos:

> Em Dores do Indaiá existe um bairro que tem, atualmente, o nome de Juiz de Fora. Quando da formação da cidade, os descendentes de negros moravam próximo ao Ribeirão dos Porcos. Depois de um incidente, com muita chuva, decidiram se mudar para mais perto de onde estava se desenvolvendo Dores do Indaiá. Mas se mantiveram fora da região central, no lugar que era conhecido como Cerrado, devido ao bioma da região. Esse povo que viveu à margem da cidade, formado em grande parte por pessoas negras, aos poucos foi se incorporando ao dia a dia da cidade e hoje está totalmente integrado à sociedade dorense, no que diz respeito ao espaço físico e entrosamento da população. Mas mesmo assim, ainda traz algo de especial de sua beleza, de sua cultura, de sua devoção a Nossa Senhora do Rosário, tão homenageada na Festa do Rosário, de sua influência na cidade.
> O projeto "Cerrado - seus espaços, sua essência" pretende apresentar uma exposição de registros fotográficos, mostrando pessoas e lugares dessa comunidade.

Com base neste relato, a iniciativa buscou retratar os povos negros na constituição do território de Dores do Indaiá a partir da ocupação da região conhecida como Cerrado, atualmente bairro Juiz de Fora, onde existem muitas Guardas de Congados, marcada pelas tradições e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Outra manifestação cultural registrada diz respeito à Capoeira, através de uma iniciativa apresentada por Geraldo Martins Cruz, propondo uma *live* ou vídeo mostrando o trabalho realizado pelo proponente e a importância da capoeira para as crianças, jovens e adolescentes que dele participam. Por fim, uma oficina de produção de adereços, especialmente, confecção de máscaras Geraldo utilizadas em várias manifestações culturais, como descritas pelo proponente:

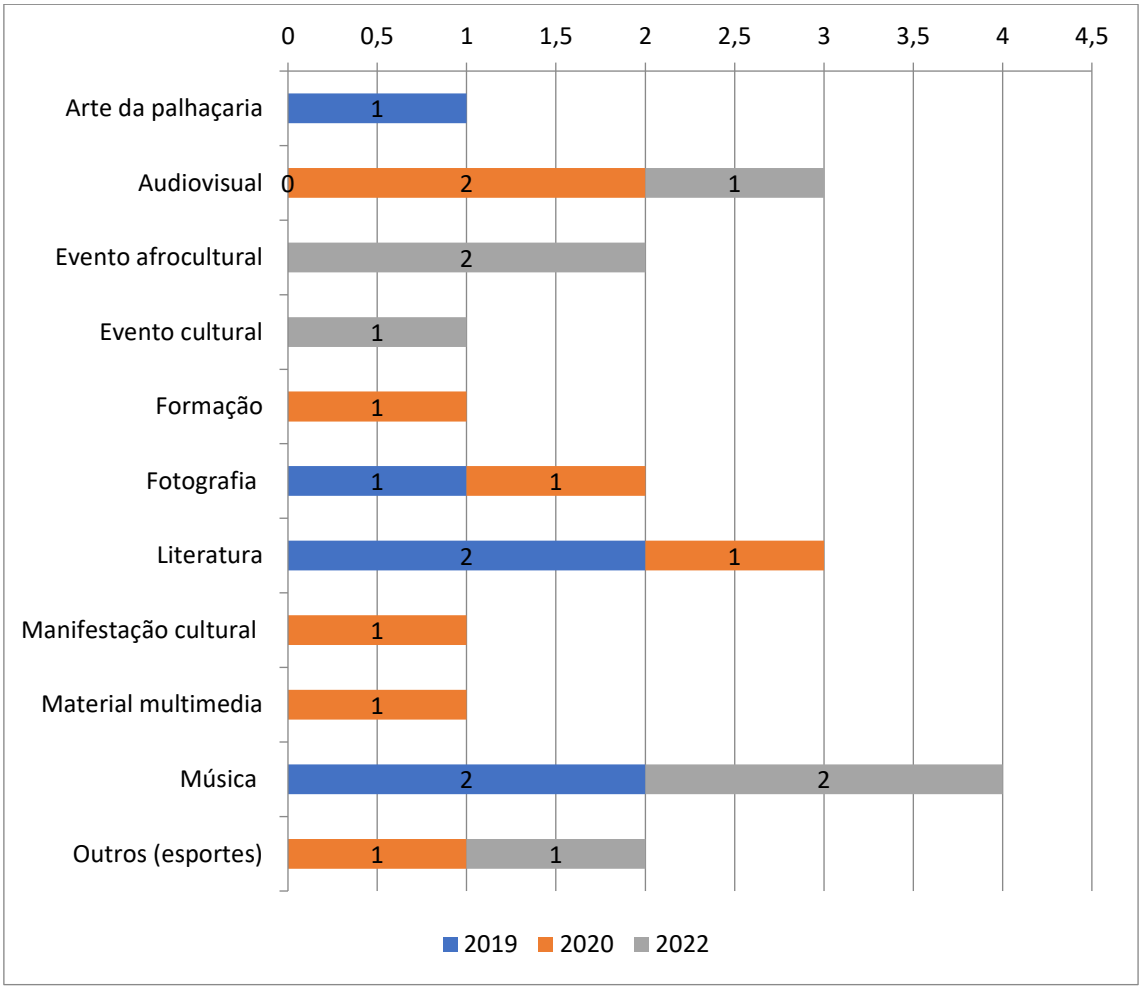
> “Todos nós, que trabalhamos com a arte precisamos resgatar a nossa natureza criativa e nossa espontaneidade. Precisamos trazer de volta a criança que está dentro de cada um de nós, e a arte como processo de criação, permite e facilita esse resgate, assegurando as possibilidades para que possamos arriscar e explorar.
>
> Sendo assim, em um primeiro momento pretendo desenvolver uma oficina de criação de máscaras - explorando a magia do circo, a folia de reis, a congada, o carnaval e o natal.
> Nessa oficina teremos 15 vagas que serão a, primeiro momento, oferecidas aos professores de arte e caso seja necessário serão ofertadas aos demais professores e jovens que queiram participar. A oficina acontecerá em 2 dias perfazendo 16 horas de oficina.
> Em um segundo momento, pretendo realizar um desfile nos bairros periféricos da cidade apresentando as manifestações culturais de nosso município. No desfile teremos palhaços da folia de reis, mágicos e palhaços circenses, personagens carnavalescos, congadeiros, personagens natalinos tudo junto e misturado em uma grande salada cultural”. (Geraldo Martins Cruz, Edital 2022).

Dentro deste contexto, a oficina pode ser considerada uma ação de Educação Patrimonial, com a inserção do tema nas escolas, propondo inclusive, a formação de professores de artes, buscando instrumentalizá-lo em termos de técnicas de criação artística deste artefato e sua ligação com uma diversidade de tradições e manifestações culturais presentes em Dores do Indaiá.

Martinho Campos

Em Martinho Campos foram inscritas 21 iniciativas, distribuídas nas categorias apontadas pelo gráfico abaixo e detalhadas a seguir.

Gráfico 12 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Martinho Campos – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

O projeto ligado à Arte da **Palhaçaria** foi proposto já em 2019, com uma iniciativa de pesquisa acerca da trajetória do palhaço Vai ou Racha, com Workshop com o ator e professor Fernando de Oliveira Pinto, o palhaço Mulambo e apresentações, ao final, com a participação da Trupe Godofredo e Cia. Deusdedit Francisco Rosa, proponente da ação explica que:

> "Vai ou Racha virou uma figura conhecida do Distrito, onde passou várias temporadas neste distrito, onde se apaixonou e criou laços familiares. E o projeto O Palhaço do Interior II visa fazer uma pesquisa com seus familiares, onde este trabalho constituirá em relembrar e lapidar os esquetes inesquecíveis apresentadas por este palhaço em forma de homenageá-lo". (Deusdedit Francisco Rosa, Edital 2019).

Na área da **música**, foram identificadas duas iniciativas neste ano. A primeira foi inscrita pela Associação Cultural Violeiros da Abadia – ACVA, para viabilidade do projeto *Viola Caipira e suas diversidades culturais*, objetivando a valorização da viola caipira em Martinho Campos, homenagens aos violeiros com base em pesquisas, encerrando com apresentações da Orquestra. A outra ação foi o projeto *Banda na Praça*, pela Lira Santa Cecília, propondo apresentações em praças públicas e aulas de músicas gratuitas para as escolas. Em 2022, o edital contou com mais duas iniciativas de música, uma voltada à realização de um show musical católico e outra propondo apresentações e videoclipe de música urbana, como forma de retratar a vida dos moradores de Martinho Campos, inspirando-se em fatos do cotidiano.

O segmento da **literatura** foi representado, em 2019, por duas iniciativas. Uma pelo projeto de mediação de leitura literária das obras de Bartolomeu Campos de Queirós[8], visando proporcionar ao público escolar e à comunidade conhecerem as obras e trajetória do escritor mineiro "que, de forma poética fala de costumes, brincadeiras que povoaram a infância da nossa gente", ressalta a proponente do Projeto Ler é (Re)inventar o Mundo, Maria Madalena Gonzaga Soares. A outra ação trouxe a proposta literária *A masmorra dos contos tortos*, iniciativa criada pelo escritor e proponente Rafael Campos (Rafael Vonloch) e um grupo de amigos que decidiram

[8] Segundo o site da Companhia das Letras, Bartolomeu Campos de Queirós nasceu em 1944, no interior de Minas Gerais. Na década de 1960, mudou-se para Belo Horizonte. Com formação nas áreas de educação e arte, seguiu para a França, com uma bolsa da ONU, para estudar filosofia no Instituto Pedagógico de Paris. Foi na capital francesa que começou a escrever. No início dos anos 1970, estreou na literatura com *O peixe e o pássaro*, o primeiro livro de uma extensa obra que o firmou entre um dos principais autores de ficção infantil e juvenil brasileira. Foi idealizador do Movimento por um Brasil Literário, do qual participava ativamente. Recebeu condecorações importantes, como Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres (França), Medalha Rosa Branca (Cuba), Grande Medalha da Inconfidência Mineira e Medalha Santos Dumont. Ganhou ainda o Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil pela APCA, o Jabuti, o Prêmio Academia Brasileira de Letras, entre muitos outros. Em 2000, entrou na Lista de Honra do IBBY. Em 2008, recebeu o Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil, da Fundação SM, no México, pelo conjunto de sua obra. Amante das palavras, dizia ter fôlego de gato, o que lhe permitiu nascer e morrer várias vezes. "Sou frágil o suficiente para uma palavra me machucar, como sou forte o suficiente para uma palavra me ressuscitar." Bartolomeu faleceu em 2012. (Extraído do site https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/04692/bartolomeu-campos-de-queiros).

"estimular a circulação de ideias através de discussão de temas relevantes da sociedade e de cultura popular, especialmente, literária". Segundo o autor do projeto:

> "Com os recursos do prêmio, pretendemos ampliar o alcance das discussões que já são estabelecidas dentro do grupo e incentivar a publicação de novos escritores. Para este projeto, estabelecemos cinco temas que deverão ser abordados nas seguintes localidades: Martinho Campos, Abaeté, Bom Despacho: 1) Ética, Liberdade de Expressão e os Caminhos Políticos do Brasil; 2) Literatura Nacional e Cultura Popular; 3) O Ambientalismo e o Futuro do Planeta. Os temas serão sorteados entre as localidades e serão abertas inscrições para mesas redondas, conduzidas pelo escritor Rafael Campos" (Rafael Campos, Edital 2019).

O Edital de 2020 contou com mais duas iniciativas literárias, desta vez, novamente a mediação de leitura, porém de obras produzidas por escritores de Martinho Campos. Além da mediação, propôs-se também a produção de vídeos com entrevistas com alguns dos autores/família/contemporâneos e de divulgação das obras com declamação de poemas e trechos. A outra ação teve por foco a literatura negra destinada à publicação do E-book "Contos da Liberdade", com o Conto *Katana Negra. Segundo o proponente Rafael Augusto Silva Fernandes Campos:*

> O Conto *Katana Negra*, premiado no II Concurso Bunkyo de Contos, inspirou a criação do Livro "Contos de Liberdade", que narra a saga de um mestiço, filho de uma escrava e um issei, pela libertação de seu povo. Outros 15 capítulos já estão escritos e são previstos mais 10. O livro será publicado pelo sistema KDP da Amazon e será disponibilizado gratuitamente na frequência de um capítulo por semana para download no próprio site da Amazon. (Rafael Augusto Campos, Edital 2020).

A **fotografia** também se fez presente nos editais da Mostra. Em 2019 com o projeto *Fotografia de Rua - Registro Histórico do Cotidiano, que* propôs oficinas de fotografia (para captação de imagens) junto ao público escolar, com exposição fotográfica, ao final. Segundo o proponente Marcus Vinícius de Souza Silva *"a intenção é captar cenas rotineiras de Martinho Campos e seus distritos, Albert Isaacson, Ibitira e Buriti Grande, que possuem características urbanas, com o cunho de registro histórico"*. Em 2020, surgiu a proposta de fotografar a rotina alterada das pessoas em função da pandemia do COVID-19, uma vez que *"muitos hábitos tiveram que ser adaptados, criando uma nova realidade na execução de tarefas, de trabalho, de lazer. A ideia é registrar esses momentos de isolamento, adaptados às medidas de segurança"*, explica a proponente e fotógrafa Viviane Martins Silva.

No que tange às **manifestações culturais tradicionais,** encontra-se uma ação de valorização e promoção da Dança da Catira[9], em 2019, pelo Grupo de Catira Pedro Pedrinho, que apresentou o projeto I Festival de Catira de Martinho Campos, com o intuito de promover e valorizar esta tradição cultural da cidade, por meio de oficinas de dança da catira e moda de viola, além de apresentações do sapateado da catira, workshops e degustação de comidas típicas durante o Festival.

Na área de **formação**, encontrou-se, em 2020, a proposta de realização de seminários virtuais por meio de lives sobre a utilização das redes sociais como explica a proponente Raíssa Gabriela Teixeira Silva:

> "Pretendo desenvolver um projeto de disseminação da cultura local por meio das redes sociais. Vou criar e apresentar uma série de seminários, que podem ser apresentados em forma de lives nas redes sociais e posteriormente serem transformados em aulas, para ensinar e orientar os artistas e pessoas da comunidade a utilizarem as plataformas de maneira mais assertiva e que contribua para o fomento da arte e do trabalho dessas pessoas. O projeto visa ensinar e auxiliar os artistas e produtores de conteúdo a levarem a sua arte até as pessoas sem precisar sair de casa ou ter contato próximo com as pessoas". (Raíssa Gabriela, Edital 2020).

No campo do **audiovisual** foram registradas duas iniciativas em 2020. A primeira destinou-se à produção de vídeo sobre a história do palhaço Godofredo e Cia, iniciada em 2011 através de oficinas realizadas pela Arcelor Mittal e suas andanças, como uma espécie de baú de memórias. A outra ação foi apresentada pelo indígena Kaxixó Otávio Junior da Costa, pela Comunidade Indígena Kaxixó - Aldeia Capão do Zezinho, localizada em Martinho Campos, preocupando-se com o registro da comunidade no enfrentamento da pandemia através de imagens e vídeos como ação, sobretudo, de respeito e valorização dos seus costumes, tradições e história de resistência.

> "Nesse sentido, julgo que a narrativa dirigida por um indígena Kaxixó, na qual sou eu, trará uma visão do que nós povo Kaxixó mais levantamos como pauta de resistência e luta da nossa cultura e ciência. Para isso, buscarei retratar

[9] De acordo com o site de pesquisa Sarandeiros, projeto apoiado pela UFMG, trata-se de dança típica do Estado de Goiás, também conhecida como catererê em Minas Gerais e São Paulo. Marcada por palmeados e sapateados, a dança é por tradição exclusivamente masculina, mas nota-se atualmente a presença de mulheres. É dançada coletivamente, não necessariamente por pares, o que dá a liberdade de execução individual aos seus participantes. Ao som de modas de viola, os dançadores executam sapateios e batem palmas como resposta aos ritmos elaborados pelo violeiro. É dança rural, outrora realizada em agradecimento ao santo de devoção pela boa colheita.
Duas origens são designadas para a catira: uma que relaciona com a dança carretera existente em Portugal no século XVI, e outra que considera herança de danças dos índios que existiam em tribos da região, uma vez que catererê é a palavra indígena do tupi-garani. A dança inicia-se com um rasqueado tocado pelo violeiro, momento em que os dançadores executam os sapateios e palmeados, e prossegue com a moda de viola. A execução dos movimentos forma figuras diversas, dentre as quais serra-acima, na qual rodam para esquerda até chegar novamente ao seu lugar, e serra-abaixo, quando dão a volta pela direita.
Fonte: CÔRTES, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil**: festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000. Texto extraído site http://projetos.eeffto.ufmg.br/sarandeiros/?p=1400.

> através de imagens e vídeos a história do meu povo e os comportamentos culturais frente ao novo coronavírus. Sendo assim, procurarei registrar rotinas de acompanhamento da equipe de saúde indígena nas três aldeias do Kaxixó (Aldeias: Capão do Zezinho; Fundinho e Pindaíba). Além disso, irei ouvir os mais velhos para que assim possamos deixar registrado a luta deles como potencialidade da continuidade dos nossos direitos indigenistas assegurados pela Constituição Federal de 1988. Este trabalho, então, procurará reunir uma série de telas fotográficas que mostrarão os registros da rotina Kaxixó enquanto comportamento do indígena na terra e, assemelhar isso com as belezas da natureza Kaxixó. Ao final, pretende-se ouvir, lideranças, cacique, educadores e registrarmos alguns ritos de celebração de prosperidade para a nossa nação, através do batismo dos ritos à beira rio, como forma de manutenção da cultura. Portanto, o trabalho se consolidará num curta ou longa-metragem sobre o Kaxixó na contemporaneidade e a sua narrativa vista através das lentes de Otávio Kaxixó (o indígena que fala e protesta através da imagem). Makãy". (Otávio Junior da Costa, Edital 2020).

Em 2022, o edital contou com uma ação de documentário sobre a famosa paçoca de carne, um bem cultural da cidade. Segundo o proponente, João Carlos da Silva Lopes,

> "Martinho campos é uma cidade rica quando se trata de gastronomia, desde a comida caseira até a comida que é servida nos bares e restaurantes da cidade e o Projeto "Saberes e Sabores" Tem como objetivo um Vídeo de 5 minutos que evidencie a riqueza gastronômica de Martinho Campos, o vídeo vai servir como a espécie de um guia gastronômico que além de mostrar a diversidade alimentar da cidade também vai falar sobre a gastronomia afetiva, ou seja as pessoas que participarem vão falar um pouco sobre lembranças que tem ligadas a gastronomia local". (João Carlos da Silva Lopes, Edital 2022).

Também aparece em 2020 uma ação de produção de material multimédia, proposto por Leonardo Vinícius Azevedo, para criação de um podcast com seis episódios sobre o patrimônio e a identidade cultural de Martinho Campos, tendo por metodologia de trabalho a realização de entrevistas remotas com intelectuais, professores, agentes comunitários, lideranças sociais e mestras da cultura popular da cidade. A ação baseia-se no uso das novas tecnologias como suporte na difusão da identidade cultural das comunidades locais como explica o proponente:

> "O projeto de podcast tem o nome de "D'Badia" e pretende organizar e registrar discussões sobre os patrimônios culturais imateriais e materiais do Município de Martinho Campos, povoados e distritos; bem como, fortalecer a construção da identidade cultural da cidade através da valorização das diferentes expressões culturais presentes na cidade.
> Cada episódio tem uma temática norteadora e um/uma entrevistado como referência na discussão. As temáticas pré-selecionadas são: 1- A importância da valorização do patrimônio histórico na construção da identidade cultural de Martinho Campos; 2- A Capoeira como expressão do movimento negro em Martinho Campos; 3- A luta e história da comunidade Kaxixó; 4- Brincadeiras e jogos tradicionais na infância em Martinho Campos; 5- Expressões linguísticas e a cultura oral; e 6- Benzedeiras e as tradições religiosas". (Leonardo Vinícius Azevedo, Edital 2020).

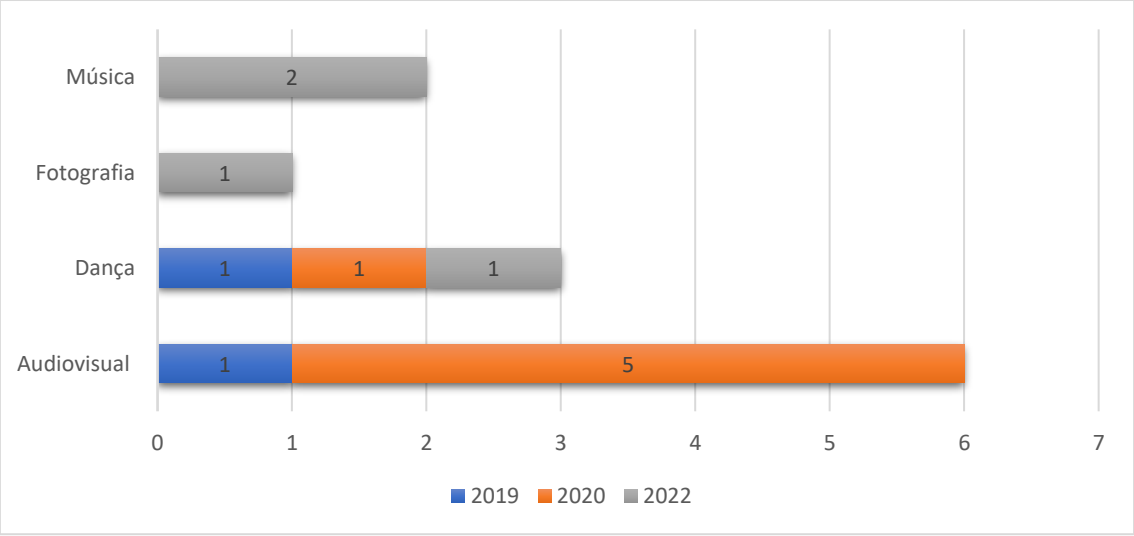
Com relação à proposição de **eventos**, foram levantadas três iniciativas, uma relacionada à Sexta Cultural que oferece à comunidade programação cultural por meio de oficinas de artesanato e danças de rua. As outras duas ações encontram-se no segmento da cultura e arte negra, uma por meio de roda de conversa sobre temas relacionados à beleza negra, racismo e a importância dos costumes, vestimentas, penteados, turbantes e adereços etc., além de vídeos de depoimentos. A outra ação propôs uma exposição artística sobre a cultura africana, oficina de turbante, oficina trança nagô e exposição de livros de autores negros, no intuito de valorizar a cultura negra africana.

Fora destas questões ligadas às diretrizes da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultural Popular aparecem outras ações voltadas ao esporte para realização de videoaulas de muay thai e jiu jitsu brasileiro, em 2020 e aulas de xadrez nas escolas, em 2022.

Quartel Geral

De acordo com o gráfico que segue, os artistas de Quartel Geral participaram dos editais da Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular com 12 propostas ao longo das três edições, nas modalidades do audiovisual, cozinha mineira, dança, manifestações culturais, evento cultural, música, fotografia e outras.

Gráfico 13 – Nº de Iniciativas inscritas por ano – Quartel Geral – 2019 a 2022



Fonte: Favela é Isso Aí, 2023.

As ações voltadas ao **audiovisual** foram inscritas em 2019 e 2020, em especial ligadas às manifestações culturais, costumes, tradições e beleza dos povos negros da cidade. No primeiro ano foi proposto um projeto de cinema ao ar livre na escola e em praças públicas. No segundo ano o audiovisual contou com as seguintes propostas: a) *GRIÔS - Quartel Geral, Quintal da África*, documentário que visa retratar as experiências de griôs: benzedores, parteiras, mestres de ofícios, contadores de causos, raizeiros e as interrelações com o meio ambiente bem como agricultura tradicional e as plantas medicinais do cerrado local, de acordo com o proponente Hudson Resende, o palhaço Abobrinha, que também explica a importância da cidade de Quartel Geral no cenário mineiro e nacional:

> "Quartel Geral tem relevância histórica nacional. Era rota de garimpo de diamantes no Rio Indaiá: onde garimpeiros, forasteiros, bandeirantes, índios, padres, escravos, soldados do rei protagonizaram ricas histórias e lendas locais.
> Os negros tiveram fundamental participação na construção da cultura e religião graças ao forte sincretismo, bem como uso da medicina natural com suas ervas e rezas.
> Há também a passagem da concubina de Joaquim José da Silva Xavier– Tiradentes, (Dona Eugência) que fez a doação das terras do município para o Divino Espírito Santo e diz a lenda que a cabeça do mártir se encontra enterrada na cabeceira da lagoa local.
> O documentário com 15 minutos tentará retratar parte dessa riqueza".

b) a segunda proposta destinou-se à produção de um vídeo com depoimentos dos congadeiros locais acerca da ausência da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em função da pandemia causada pelo Coronavírus. A esse respeito, a proponente e congadeira Zanaidi Aparecida Silva traz um relato emocionante:

> "Esse o coração congadeiro chorou, pois vivemos em espera dessa festa dessa homenagem a Nossa Senhora. Essa festa seria esse mês e quero ter gravado o depoimento de como foi ficar sem essa tradição no olhar dos congadeiros. Pois, assim, acho que essa tradição irá ganhar mais força, pois o congadeiro fala com o coração e como foi forte ouvir de alguns, por exemplo, 48 anos que danço nunca imaginei passar por isso. Quero registra isso". (Zanaidi Aparecida Silva, Edital 2020).

c) a terceira iniciativa também tem o congado local como tema da produção audiovisual. A proposta foi inscrita pela Capitã da Guarda Lucinei Alves Caetano da Silva, conhecida como Lucinha do Terno, teve como intenção *"gravar um vídeo cantando os cânticos de minha autoria e da igreja que canto há 20 anos. Como capitã do terno, quero eternizar essa cultura para que a nova geração possa* ter *acesso"*, relata a proponente.

d) a quarta iniciativa propôs a gravação de um vídeo com depoimento sobre a beleza de ser negra em Quartel Geral*,* inscrita por Nicole Epifânio dos Santos como a seguinte afirmativa *"Quero que todas as cidades possíveis tenham acesso, para elevar a autoestima de meninas negras como eu*". Este relato, em poucas palavras, traduz a força do empoderamento feminino, do protagonismo de jovens mulheres negras na autoafirmação de suas raízes ancestrais frente a estruturas sociais que sobressaltam ainda, infelizmente, a cultura do colonizador português como superior a dos outros povos fundadores do Brasil, especialmente, negros escravizados e indígenas.

e) A cozinha mineira também aparece como tema do audiovisual, com o ensino da receita mineira tradicional, a sopa de caldo de galinha caipira feita no fogão à lenha pela Lindamar Auxiliadora Bastos de Jesus, proponente da proposta, conhecida como Tia Linda.

Na área da **dança**, foi apresentada uma iniciativa em 2019 propondo aulas de dança com treinos de ginástica e esta mesma ação aparece em 2020 no formato de vídeo aulas. Já o edital de 2022 contou com a proposta de apresentação de danças "culturais", como são chamadas as danças típicas da região e uma aula show para o público escolar.

O Edital de 2022 contou, ainda, com uma proposta no segmento da **fotografia** para realização de uma exposição de fotos e roda de conversa sobre o processo de preparação da terra, plantio, nutrição alternativa da cultura (biofertilizantes e outros adubos orgânicos, bem como uso de sementes alternativas "crioulas´´).

Na área da **música** foram apresentadas duas ações, uma propondo formação musical nas escolas e a outra destinada à formação de uma orquestra de berimbau com os alunos participantes da oficina de capoeira *Inspira Biriba,* desenvolvidas pelo proponente André Amâncio de Sousa.

3.2. Projetos Premiados

Como já destacado, foram três as edições realizadas na região Centro-oeste, cujos projetos selecionados e premiados estão descritos a seguir resumidamente. Como a edição de 2020 teve um caráter emergencial, em razão da pandemia causada pelo COVID – 19, teve maior número de contemplados e prêmios de menor valor, de forma a beneficiar mais pessoas.

A seguir, serão relacionados os projetos contemplados em cada edição, destacando-se que algumas iniciativas premiadas se repetem a cada ano, o que demonstra a regularidade destas ações nas respectivas comunidades.

3.2.1. Projetos premiados em Abaeté

Projetos premiados em 2019:

- Formação Cultural e a Arte em Movimento - O projeto contempla a formação de jovens por meio da arte cinematográfica e estimula o mercado audiovisual da cidade. Aulas teóricas e técnicas, estímulo do olhar e também a importância do trabalho coletivo integraram a experiência de aprendizagem num set de filmagem profissional. O resultado foi a produção de um documentário realizado em Abaeté e contado pelos próprios moradores da cidade.
- Tributo ao Renato Andrade Do Violino à Viola Caipira - "Tributo ao Renato Andrade, do violino à viola caipira" é um show musical resultante de pesquisa biográfica do mestre Renato Andrade, a partir de relatos contados por pessoas que conviveram com ele. É um estudo da sua técnica inovadora de tocar viola caipira, abordando a primeira fase musical no violino e sua migração, aos 35 anos, para a viola caipira, instrumento com que foi aclamado no Brasil e em vários países como o melhor Violeiro do Mundo.
- Universo Lúdico: Brincadeiras da Nossa Infância - O projeto Universo Lúdico tem inspiração na época em que familiares e amigos ensinavam as crianças a fazerem seus próprios brinquedos e brincavam juntos, desenvolvendo habilidades fundamentais para toda a vida. Resgata a importância dos brinquedos e brincadeiras de um passado não muito distante, para a socialização e o intercâmbio entre as gerações. O Projeto também promove rodas de conversa sobre as histórias e a arte de brincar.

Projetos premiados em 2020 – Edital de Emergência:

- Marcio Félix Cavalcanti - Web-série sobre a vida e obra de Renato Andrade.
- Mateus Geraldo Silva - Resistência Cultural, com aulas de capoeira online.

Projetos Premiados em 2022:

- Teatro de Sombras – Universo Produções - A Universo Produções, criada em 2015, é uma produtora familiar dedicada a desenvolver projetos que contribuam para a preservação do patrimônio material e imaterial de Minas Gerais. Depois de participar de ações formativas com os grupos Galpão, Armatrux e Girinos, o grupo passou a criar também esquetes de teatro de sombra para bonecos. Na Mostra da Diversidade Cultural a Cia. apresenta a esquete "Passeio na casa da Tia Francisca" em escolas públicas.
- Guarda de Maria - Guarda Rosário de Maria A Guarda Rosário de Maria existe há seis anos e conta com cerca de 38 participantes. Os encontros e ensaios acontecem no Bairro Santo Antônio. Na Mostra da Diversidade Cultural se apresentam com danças e cantos.
- Guarda de Congo Vilão - A Guarda Congo Vilão é um grupo de congado pertencente à Associação do Congado de Abaeté, da Paróquia Bom Pastor. Foi fundado em 2008 e conta com cerca de 40 participantes. Na Mostra da Diversidade Cultural o grupo apresenta cantos e danças.
- Folia Mensageiros da Paz - A Folia Mensageiros da Paz existe há dois anos, com aproximadamente 15 componentes, e é formada principalmente por jovens e crianças moradores do Bairro Bernardo Soares de Farias. Na Mostra da Diversidade Cultural apresentam cantos e danças, inclusive dos palhaços da Folia de Reis, conhecidos também por Bastiões.

- Terno Estrela Guia - O Terno de Congado Estrela da Guia se reúne há oito anos no Bairro de Bela Vista e tem cerca de 30 participantes. Na Mostra da Diversidade Cultural apresenta cantos de louvores com dança (passos e toques nos instrumentos musicais).
- Casa de Caridade Cruzeiro Divino - A Casa de Caridade Cruzeiro Divino funciona desde 2017, no Bairro Marmelada, e conta com mais de 80 membros. No espaço funciona um Centro de Umbanda, que, além de se dedicar às reuniões religiosas, realiza ações sociais de distribuição de alimentos e brinquedos para famílias da comunidade. Na Mostra da Diversidade Cultural traz uma encenação sobre a umbanda e a representatividade negra, com a intenção de desmistificar a religião e seus cantos.
- Guarda Rosas de Ouro - Uma das mais antigas guardas de congado de Abaeté, a Rosas de Ouro existe há 35 anos, com 32 membros. A guarda se reúne no Bairro Bela Vista. Na Mostra da Diversidade Cultural apresenta os cantos compostos pelos integrantes e a dança tradicional do congado.
- Guarda Estrela do Rosário - A Estrela do Rosário, fundada em 2011, é uma guarda de congado com vestimentas em estilo gaúcho e composta por 37 membros. Na Mostra da Diversidade Cultural canta e dança em louvor a Nossa Senhora.
- Unidos de Nossa Senhora Aparecida - Unidos de Nossa Senhora Aparecida é um terno de congada fundado em 2004, que conta com 46 integrantes e traz canções e danças para a Mostra da Diversidade Cultural.

3.2.2. Projetos premiados em Bom Despacho

Projetos premiados em 2019:

- Projeto Arte e Transformação - Arte e Transformação Arte e Transformação é um espetáculo musical de rua cantado e encenado pelas Margaridas, que é um grupo composto por uma família de quatro gerações de Dona Margarida, matriarca que fiava e tecia versos cantando e criando os filhos com música, simplicidade e fé. O espetáculo é um convite à vivência interativa do público com o cancioneiro popular, com música ao vivo apresentada em cantigas de roda e músicas autorais da própria Dona Margarida.
- Gastronomia de Comunidade - Gastronomia de Comunidade tem como objetivo incentivar a produção e comercialização de produtos culinários de pequenos produtores. Com a feira que se realizará regularmente, o projeto oferta gratuitamente barracas para que produtores locais comercializem seus produtos e se tornem conhecidos pela comunidade de Bom Despacho e região. O Projeto também realiza um levantamento dos hábitos alimentares e tradições culinárias nas comunidades.
- Melodias da Nossa Gente - O espetáculo musical infanto-juvenil resgata conhecidas canções do folclore brasileiro como Peixe Vivo, Sambalelê e Marcha Soldado. Todas as músicas são executadas por um quinteto de cordas e uma percussão que soma às melodias os ritmos brasileiros: xote, baião e samba. A iniciativa valoriza o patrimônio cultural regional estimulando a memória afetiva de pessoas de todas as idades

Projetos premiados em 2020 – Edital de Emergência:

- João Mansur Neto – documentário sobre o Senhor Cabral, luthier.
- Lucas de Freitas Santos - Melodias de Nossa Gente, vídeo-aulas sobre ritmos musicais.

Projetos Premiados em 2022

- Grupo Afro Minas - O grupo de capoeira Afro-Minas foi fundado em 2006 na cidade de Martinho Campos e, desde então, atua beneficiando a comunidade com aulas gratuitas de capoeira e danças afro-brasileiras. Em 2012 passou a atuar também em Bom Despacho e desde 2017 atende no CEAC – Ponto de Cultura de Bom Despacho. Na Mostra da Diversidade Cultural o grupo faz uma apresentação de Maculelê, dança ancestral que tem como base a cultura afro-indígena-brasileira.
- Toninho Saudade - Antônio Marcos de Couto, o Toninho Saudade, é compositor, cantor e autor do livro autobiográfico "Tunico – Essa Tal Felicidade Mora Aqui", lançado em 2021 em Bom Despacho. Toninho tem mais de 25 anos de carreira e cerca de 300 canções autorais, que retratam suas origens e memórias e exaltam o patrimônio material e imaterial de Minas Gerais. Na Mostra da Diversidade Cultural o Grupo Encanto de Minas, formado por Toninho Saudade e seus filhos, apresenta um repertório que retrata a infância e a rotina no estado mineiro.
- Projeto Crescendo com a Música - O projeto Crescendo com Música foi criado em 2006 pelo maestro Nivaldo Santiago e sua esposa, Maria do Socorro. Beneficia crianças e jovens, entre 8 e 18 anos, com aulas gratuitas de violino, viola, violoncelo, violão, canto coral e musicalização infantil. O projeto funciona sob a coordenação do Coral Voz e Vida, e tem o apoio do FIA - Fundo da Infância e Adolescência e da ABAP - Aliança Bom-despachense de Assistência e Promoção. Na Mostra da Diversidade Cultural será apresentado o concerto "Melodias de Nossa Gente", desenvolvido em oficina com os alunos de violino.

3.2.3. Projetos premiados em Dores do Indaiá

Projetos premiados em 2019:

- I Festival de Música e Poesia Fausto Álvares Bernardes - O I Festival de Música e Poesia Fausto Álvares Bernardes tem por objetivo dar oportunidade para adolescentes mostrarem seus talentos e inspirações poéticas. Músicos apresentarão canções autorais, resgatando os tradicionais festivais da canção de décadas passadas, que ainda hoje se destacam pelo Brasil. Pretende ser uma referência e já é reconhecido pelo público por valorizar suas raízes dorenses.
- Companhia de Dança e Ginástica Mista Afrodescendente - Conhecido como "Superartes", o projeto, com sede em Quartel Geral, apresenta, por meio da dança, a diversidade, a miscigenação e a criatividade contidas nas histórias de pessoas da comunidade. Busca ainda o resgate da cultural local, estimulando as crianças e os adolescentes no desejo de desenvolver e transformar suas vidas por meio da cultura e dos movimentos corporais artísticos.
- Horto e Horta Reciclagem para um amanhã melhor - O projeto, que teve origem em Quartel Geral, tem por objetivo estimular a reflexão acerca dos benefícios do cultivo de hortaliças, legumes e alguns tipos de plantas medicinais benéficas à saúde humana e animal. Resgata antigos hábitos de consumo tornando-os referência na aprendizagem e na melhoria da qualidade de vida por meio do uso consciente das plantas medicinais e dos alimentos.
- Patrimônio Jovem Ano II - O Projeto Patrimônio Jovem, em seu segundo ano de atuação, pretende mostrar o seu olhar sobre a presença e a influência do legado dos povos oriundos do continente africano, apresentando quatro expressões culturais de grande

reconhecimento em Dores do Indaiá e em boa parte do estado: a Capoeira, a Folia de Reis, a Gastronomia e a Congada na mostra “Expressão Africana na Cultura Dorense”.

Projetos premiados em 2020 – Edital de Emergência:

- Sueli Santos - Livro Digital Casario de Dores do Indaiá.

Projetos Premiados em 2022:

- Projeto Art’Manha - O projeto Art’ Manha funciona há nove anos na cidade de Dores do Indaiá e oferece aulas de capoeira para pessoas de todas as idades. O intuito é contribuir para a formação dos moradores e para a melhoria da qualidade de vida na comunidade. Na Mostra da Diversidade Cultural será realizada uma roda de capoeira com apresentação de cada integrante do grupo.
- Salada Cultural - O projeto Salada Cultural, coordenado pelo artista plástico e designer de produtos Geraldo Martins Cruz, realiza oficinas de criação e confecção de adereços, máscaras, estandartes e figurinos para festas e carnaval, com materiais recicláveis. Na Mostra da Diversidade Cultural promove oficina gratuita, exposição dos objetos construídos da oficina e o Cortejo Salada Cultural com participantes da oficina.
  Histórias e Brincadeiras
- Projeto Histórias e Brincadeiras - Com a intenção de estimular a leitura, colaborar com resgate de memórias afetivas e ampliar o imaginário e a cultura dos que assistem, as apresentações do projeto Histórias e Brincadeiras usam como motivação a contação de histórias em praças tendo a natureza como cenário. Na Mostra da Diversidade Cultural, além das contação das histórias “A borboleta que quebrou a asa” e “A amiga diferente”, acontece uma quermesse com a participação de outros projetos.

3.2.4. Projetos premiados em Martinho Campos

Projetos premiados em 2019:

- Associação Cultural Violeiros da Abadia - A Orquestra Abadiense de Viola Caipira, ao longo de sua trajetória, busca valorizar a música raiz e a tradição cultural de nossa comunidade, promovendo eventos que possam despertar em jovens, crianças e adultos o interesse por essa arte, por meio das histórias de vida dos violeiros homenageados.
- Banda na Praça - O projeto leva música de qualidade aos espaços públicos de Martinho Campos e região, preservando a sua identidade e a tradição das bandas de música do município, ao mesmo tempo que promove a educação musical gratuita a dezenas de crianças, jovens e adultos da cidade.
- Fotografia de Rua Registro Histórico do Cotidiano - O projeto busca registrar o dia-a-dia de Martinho Campos e distritos por meio das lentes do fotógrafo Marcus Vinícius Teixeira Silva, em recortes que mostram o trivial, o singular, mas que ao mesmo tempo, expressam a universalidade e a essência do povo e da cultura local.
- O Palhaço no Interior do Interior Homenageando o Palhaço Vai ou Racha - Desde 2011, a Trupe Godofredo e Cia se apresenta em escolas, praças e eventos. Formada por oito participantes, recria esquetes circenses tradicionais da época do saudoso Palhaço “Vai ou Racha” levando muita alegria e diversão para toda a família. Venha se divertir com as trapalhadas de Godofredo, Florisbela, Digô, Bulacha, Frigideira, Bambolê, Risoto e Mequetrefe! Com eles sorrisos e alto astral estão garantidos!

Projetos premiados em 2020 – Edital de Emergência:

- Comunidade Indígena Kaxixó - Aldeia Capão do Zezinho-Otávio Júnior da Costa - Curta metragem Aldeia Kaxixó.
- Deusdedit Francisco Rosa - Palhaço Godofredo.
- Leonardo Vinícius Azevedo - Podcast “D’Badia”.
- Raíssa Gabriela Teixeira Silva - Formação em mídias digitais.

Projetos Premiados em 2022:

- Projeto Raízes - O Projeto Raízes, cuja primeira 1ª edição foi realizada em 2021, tem como propósito resgatar junto à comunidade afrodescendente de Martinho Campos a cultura afro-brasileira, através de oficinas culturais e rodas de conversa sobre a beleza da pessoa negra, racismo e a importância dos costumes, vestimentas, penteados, turbantes e adereços em geral. Na 2ª edição, dentro da Mostra da Diversidade Cultural, traz um espaço com oficinas de turbante e de tranças e roda de conversa.
- Sexta Cultural - Iniciativa Cultural da Casa Arte e Cultura, tem por objetivo promover e difundir a cultura de Martinho Campos, através de apresentações e shows, feira de artesanato, oficinas e rodas de conversa. Durante a Mostra da Diversidade Cultural será realizada feira de artesanato e oficina de com garrafas pet, aula de dança ao ar livre com DJ e roda de capoeira com o Grupo Afro-Minas, além de bate papo com alunos de escolas públicas.

3.2.5. Projetos premiados em Quartel Geral

Projetos premiados em 2019:

- Oficinas de Dança e ginástica SUPERARTES.

Projetos premiados em 2020 – Edital de Emergência:

- Daniela Rosaria Alexandre da Silva – SUPERARTES, registro audiovisual.

Projetos Premiados em 2022

- Senzala de Minas - Senzala de Minas é uma oficina de capoeira do projeto social Inspira Birimba, dedicado à preservação das raízes culturais herdadas pelos afrodescendentes. Funciona há três anos na cidade de Quartel Geral e promove rodas de capoeira em locais públicos. Na Mostra da Diversidade Cultural os alunos da oficina encenam, em uma roda de capoeira, a resistência dos negros no tempo da escravidão, acompanhados de uma orquestra de berimbaus.

4. Considerações acerca da diversidade cultural e do patrimônio das cidades do vale do Jequitinhonha e do Centro Oeste

Os dados analisados a partir desta pesquisa trouxeram à tona diversas abordagens acerca da diversidade cultural e do patrimônio imaterial das cidades das regiões Jequitinhonha e Centro Oeste Mineiro que participam da Mostra. Seus olhares revelam um vasto pensamento acerca deste universo, mostrando, ao mesmo tempo, o quanto as visões trazidas pelos artistas, detentores culturais, produtores e grupos culturais locais, cada qual à sua maneira, buscam dar sentido à existência, à manutenção e à recriação de sabres e fazeres que operam a cultura local.

Aponta-se, por outro lado, a preocupação dos relatores das iniciativas inscritas em levantar a memória dos antepassados, causos e histórias que circulam no imaginário popular destas localidades, como também em registrar memórias vivas e tecer leituras e interpretações artísticas deste contexto cultural. Esta realidade se viu, por exemplo, com a arte da palhaçaria, com a literatura, com a música regional, com a fotografia, com audiovisual, etc.

Assim, a oralidade tornou-se objeto e campo de muitos trabalhos inscritos e premiados, trazendo à cena diversas ações, eventos e produtos como evidências das diferentes experiências coletivas vivenciadas no território, transportadas para a Mostra. Promover estas narrativas como conteúdo de pesquisa empírica só tem a colaborar, de modo especial, com a construção de diagnósticos e indicadores que visem fortalecer a cadeia produtiva da arte e da cultura destas cidades, colocando em destaque o protagonismo de seus atores na salvaguarda e promoção da cultura popular em sua diversidade de expressões.

Entre as manifestações populares levantadas durante a análise das propostas, identificou-se que muitas são protegidas pelo IPHAN e/ou pelo IEPHA/MG e/ou pelos municípios, como já foi dito anteriormente. Isto posto, a Mostra, em grande, buscou reconhecer as iniciativas inscritas e valorizá-las, levando em conta o sentimento de orgulho e pertencimento no leque de tradições culturais fortemente enraizadas nestas regiões.

Como se pôde notar, dentre os bens culturais imateriais que referenciam a mineiridade apontados pelas narrativas dos proponentes, destacam-se as Folias de Minas, os Congados e os Reinados, a Viola (o fazer e o tocar), amplamente disseminadas no estado. Além destas, a Capoeira (especialmente de Angola) e outras manifestações tipicamente locais foram fortalecidas e difundidas com as ações das Mostras.

Ressalta-se que em Minas Gerais o IEPHA/MG se destaca como gestor de uma política preservacionista diferenciada, por ser o único órgão estadual a promover ações de fomento ao patrimônio cultural do povo mineiro, por meio de repasses financeiros direto às prefeituras

municipais, como incentivo à implementação de ações, projetos e programas que integram o processo de gestão do patrimônio local.

Essa política estadual traduz-se no Programa ICMS – critério patrimônio cultural, criado pela Lei 12.040 de 28 de dezembro de 1995[10]. O programa, ao longo dos seus mais de 28 anos, está em constante aprimoramento, por meio das Deliberações Normativas e Portarias que o regem, consolidando-se como uma importante política de fortalecimento e qualificação do trabalho realizado pelos gestores e agentes municipais que atuam na defesa do patrimônio cultural, em quase toda a totalidade dos 853 municípios mineiros, dentre eles os municípios contemplados pela Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular.

Neste âmbito, o trabalho realizado pela ONG Favela É Isso Aí, na região Centro Oeste nas cidades de Abaeté, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Martinho Campos, Quartel Geral, e na região Vale do Jequitinhonha, nas cidades de Carbonita e Senador Modestino Gonçalves, corrobora com a interiorização dessas políticas públicas no reconhecimento e valorização das culturas populares, como elementos indissociáveis do *modus operandi* que constituem as múltiplas identidades regionais que se afirmam nestes territórios.

Os estudos que vem sendo realizados desde 2018 pelo Favela É Isso Aí, acerca do universo da cultura popular presentes nos territórios contemplados pelo Projeto Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular, dão volume a esta pesquisa, trazendo informações sobre suas origens e com estas manifestações culturais vem sendo produzidas e praticadas ao longo da trajetória das comunidades detentoras, que se juntam ao conhecimento popular mapeado através dos editais da Mostra.

Como já destacado, algumas das manifestações mapeadas estão inseridas na lista de bens registrados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA/MG, nos quais se destacam as Folias de Minas; Saberes, linguagens e expressões musicais da viola em Minas Gerais e o Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha: saberes, ofícios e expressões artísticas.

Além destes registros, outros bens imateriais vêm sendo cadastrados pelo Instituto através das ações do Inventário Participativo, instrumento que possibilita a alimentação de um banco de dados pelos próprios detentores e setores de patrimônio cultural das prefeituras. São exemplos, o Inventário da Cultura Alimentar relacionada às Farinhas de Milho e Mandioca em

[10] Disponível em: http://www.fjp.mg.gov.br/robin-hood/index.php/leirobinhood/legislacao/lei1204095#:~:text=DISP%C3%95E%20SOBRE%20A%20DISTRIBUI%C3%87%C3%83O%20DA,FEDERAL%2C%20E%20DA%20OUTRAS%20PROVIDENCIAS. Acesso em: 12/06/2023

Minas Gerais: cadastros de Moinhos de Milho e Casas de Farinha; Congados e Reinados de Minas Gerais; Cadastro dos Presépios e Lapinhas, dentre outros. Inclui-se nesta lista, uma série de referências culturais que vem se tornando os novos patrimônios constituídos e ressignificados por seus grupos identitários.

No âmbito da proteção federal, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN aparecem a Capoeira e o Forró, contudo em menor escala. A Língua da Tabatinga falada em Bom Despacho, no quilombo urbano Carrapatos da Tabatinga, integra o Inventário Nacional de Diversidade Linguística – INDL, realizado por este mesmo órgão, na categoria de línguas afro-brasileiras[11] faladas no Brasil, gerando também a produção do documentário *Eu tenho a palavra* que conta a história de *Dona Fiota*, líder comunitária e falante remanescente da língua, infelizmente, já falecida.

Por fim, este conteúdo também destaca várias iniciativas focadas numa diversidade de tradições culturais que sofrem algum tipo de proteção ou reconhecimento pelos municípios através dos setores de patrimônio cultural, haja vista a política de fomento e descentralização do Programa ICMS – Patrimônio Cultural[12], incentivada pelo IEPHA/MG junto às cidades mineiras. Nesta perspectiva, espera-se colaborar na difusão do conhecimento produzido a partir das iniciativas inscritas e premiadas pelo projeto da Mostra realizado pela ONG Favela É Isso Aí, sediada em Belo Horizonte, Minas Gerais.

PAREI AQUI

A Língua do Negro da Tabatinga em Bom Despacho

Dentre os principais legados da herança africana em Bom Despacho, destaca-se a *Língua* do *Negro da Costa* introduzida pelos primeiros ocupantes no tempo da escravidão colonial. Suas características linguísticas são de origem banto e baseia-se na oralidade como meio de

[11] O Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL – volume I, elaborado pelo IPHAN, em 2016, apresenta a seguinte definição: "LÍNGUAS AFRO-BRASILEIRAS: línguas de origem africana faladas no Brasil. Essas línguas apresentam notáveis diferenças linguísticas em vários aspectos de sua estrutura gramatical, produzidas por mudanças históricas desencadeadas pelo contato com o Português, podendo ter ocorrido transferências gramaticais desde esse substrato africano (LUCCHESI et al., 2009). Exemplos: Gíria de Tabatinga, língua do Cafundó e variedades Afro-brasileiras do Português Rural. (IPHAN, 2016, p.13).

[12] Segundo o IEPHA/MG, "O ICMS Patrimônio Cultural é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado. Ele funciona por meio de repasse dos recursos aos municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais, através de políticas públicas relevantes. O programa estimula as ações de salvaguarda dos bens protegidos pelos municípios por meio do fortalecimento dos setores responsáveis pelo patrimônio das cidades e de seus respectivos conselhos em uma ação conjunta com as comunidades locais.
O IEPHA/MG é a instituição responsável por estabelecer, acompanhar e avaliar as diretrizes relativas ao referido Critério para a efetivação do repasse de recursos aos municípios. A gestão e a definição das políticas de proteção do patrimônio cultural são ações municipais inerentes dos gestores públicos. O resultado desta política mostra que mais de 80% dos municípios mineiros contam, hoje, com um Conselho Municipal de Patrimônio Cultural atuante e, portanto, efetivam a gestão de seus bens culturais" (Texto extraído do site http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural)

comunicação e transmissão de saberes, que parece ser um sistema de substituição simbólica, avizinhando-se segundo Emílio Bonvini (2018), do que ele chama de "português popular brasileiro". O dialeto, duramente marginalizado, ao longo dos anos, é identificado pelos moradores da região como *gira* ou *gíria.* De acordo com o estudo de Sônia Queiroz, essa linguagem oral tinha a função de "código secreto", usada em "circunstâncias especiais" e se constituía como instrumento de sobrevivência e oposição ao sistema escravocrata:

> Em outras palavras, a Língua do Negro da Costa, em sua função de código secreto, coloca em pauta conflitos sociais que remontam ao período da escravidão e encontram continuidade hoje, no sistema de produção capitalista, que reserva aos descendentes dos antigos escravos o lugar não tão diverso de operários, subempregados ou desempregados. De fato, segundo depoimentos de falantes sobre as origens da Língua do Negro da Costa, já no passado ela era utilizada para ocultar aos senhores a fala dos negros escravos, quando planejavam uma fuga ou trocavam informações sobre, por exemplo, onde encontrar alimento. (QUEIROZ, 2018, p.98-99).

Como sistema de manutenção cultural, trata-se de uma língua sob risco iminente de desaparecimento, visto que restam pouquíssimos falantes na atual comunidade e as gerações mais novas não se identificam com a cultura linguística dos ancestrais africanos. Segundo as pesquisas, entre os fatores que contribuíram para o seu processo de extinção estão os estigmas de marginalidade e criminalidade que pesam sobre o local, visto que a forma de expressão não era bem vista pelos moradores de outras localidades. Nesse sentido, percebe-se o deslocamento da função da *Gira da Tabatinga* para o contexto contemporâneo marcado por conflitos sociais crônicos que afetam, em maiores escalas, comunidades de áreas periféricas.

Por outro lado, é importante frisar o protagonismo de alguns falantes da língua na sua manutenção e transmissão, como a Maria Joaquina da Silva, que faleceu em 2012. "D. Fiota" ou "Fiotinha" como era carinhosamente chamada, ficou conhecida pela expressão "eu não tenho a letra, eu tenho a palavra", ao ser questionada por ser uma professora da língua analfabeta, uma vez que atuava na escola local, no projeto de revitalização dessa manifestação cultural, em razão da Lei 10.639/03. Na sociedade em que vivemos, convenciona-se o papel do educador ao mundo dos letrados, inferiorizando as culturas de tradição oral.

Sobre a D. Fiota e seu universo cultural, destacam-se além dos estudos de Queiroz, o trabalho realizado em Bom Despacho por Tânia T. Nakamura e Lúcio E. do E. S. Júnior[13], cuja maior contribuição foi a inserção da língua na sala de aula, a partir da construção das memórias

[13] O site "MG Quilombos" apresenta o artigo D. Fiotinha e a Língua da Tabatinga, escrito por Tânia T. Nakamura e Lúcio E. do E. S. Júnior. O artigo apresenta uma riqueza de depoimentos da D. Fiota, acerca da origem da comunidade da Tabatinga empregando a linguagem oral da Língua da Tabatinga. Disponível em https://www.mgquilombo.com.br/artigos/bens-quilombolas-materias-e-imateriais/dona-fiotinha-e-a-lingua-da-tabatinga/ . Acesso em 13/06/2023.

individuais e coletivas que marcaram a sua história de vida, enquanto última falante autêntica dessa tradição popular. A riqueza cultural presente na *Língua da Negro da Tabatinga* aponta a necessidade urgente de desmitificação da carga de preconceito que a prática oral carrega. Assim, resgatá-la na perspectiva da valorização e do reconhecimento deve fazer parte do seu legado para as gerações atuais e futuras. Reconhecendo essa importância o IPHAN produziu, em 2009, o documentário *Eu tenho a palavra*[14], tendo a D. Fiota como protagonista do filme, realizando também a inclusão da língua no Inventário Nacional de Diversidade Linguística – INDL, instituído pelo Decreto Federal 7.387, de 09 de dezembro de 2010[15]. Na esfera municipal, esta manifestação linguística encontra-se em processo de registro, reafirmando-a como símbolo de resistência africana e da identidade cultural do Quilombo dos Carrapatos da Tabatinga.

Os Kaxixós, a tradição, a luta pela memória em Martinho Campos

Entre os diferentes saberes e tradições existentes na história de Martinho Campos a trajetória do povo Kaxixó se destaca por sua ancestral presença na região e luta pela preservação de suas tradições e costumes de seu povo. O grupo indígena estabeleceu sua comunidade em Capão do Zezinho, às margens do Rio Pará, próximo ao Rio São Francisco, sendo considerados os primeiros habitantes da região, sobrevivendo à colonização dos sertanejos, portugueses e bandeirantes durante os séculos XVIII e XIX. Até a década de 1980, não eram reconhecidos institucional e formalmente como indígenas, eram identificados como "caboclos"[16]. Em termos da administração pública em suas instâncias municipal, estadual e federal, o povo kaxixó era um grupo de trabalhadores, assim como os habitantes das comunidades rurais na região.

Diante de um processo histórico longevo de tensões fundiárias, da ameaça concreta da dissolução de comunidades e de seus vínculos territoriais, os kaxixós do Capão do Zezinho se posicionaram afirmando suas heranças indígenas, passando a lutar por seu reconhecimento. Durante os anos de intensa mobilização de sua comunidade, os Kaxixós conseguiram, junto ao Ministério Público, a federalização, por meio de um laudo antropológico pericial, que reconhecia

[14]Documentário "Eu tenho a palavra". Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qUwi3YM78NQ . Acesso em 13/06/2023.

[15] O Decreto Nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010 instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

[16] Os Kaxixó eram comumente identificados como "Índios Caboclos da Vargem do Galinheiro", que atualmente é o nome de um bairro de Pompéu. A região em que estava estabelecida as comunidades era local de passagem para os tropeiros. As paradas eram momentos para se abastecerem com as galinhas criadas pelos "índios caboclos". Os grupos kaxixós atualmente são descendentes desse processo de encontro e miscigenação de indígenas, escravizados de vários etnias e tropeiros.

a nação kaxixó de Martinho Campos como etnia indígena. Atualmente, sua principal luta é pela retomada de suas terras tradicionais das quais foram expulsos, como resultado de vários conflitos fundiários e que estão sob posse de vários fazendeiros. Reivindicam uma área de 27.150 hectares, enquanto atualmente ocupam insuficientes 35,28 hectares[17].

Entrevistas realizadas como moradores locais, revelam uma inquietação diante do enfraquecimento da tradição, dos rituais, saberes dos antepassados indígenas, visto que as práticas de pesca, plantio do milho e mandioca quase não ocorrem, não se falam mais as línguas maternas e a religião de todos os moradores é católica, não tendo mais o costume de se batizar as crianças com nomes indígenas. Somados a esse contexto ocorreu uma imensa perda para a comunidade, com o falecimento do cacique Djalma, considerado um dos principais guardiões da tradição indígena, dos costumes, das memórias, dos saberes e da história ancestral do povo Kaxixó. As narrativas salientam que a comunidade tinha muito respeito pelo cacique, que enfatizava nas suas histórias o massacre promovido pelos fazendeiros para retirar os kaxixós de suas terras, massacre este que não fora somente físico, mas cultural já que os que sobreviveram não podiam se reconhecer como indígenas.

Para os moradores, a morte do cacique enfraqueceu ainda mais os espaços de memória da comunidade, isso porque a vida atualmente dos habitantes de Capão do Zezinho "é como não índio". Um dos pontos de esperança para o povo Kaxixó está no reconhecimento das suas terras. Os anos de 1990 foram marcados, inclusive, por muita dificuldade para os indígenas, muitos não conseguiam emprego, não tinham terras para o plantio, não havia uma estrutura de saneamento básico e acesso à saúde. No ano de 2001, com o reconhecimento federal dos direitos dos Kaxixós, a situação começou a melhorar. A FUNAI iniciou um trabalho para aposentar idosos do Capão, foi fundado um posto de Saúde no povoado. Apesar das terras continuarem em disputa, as condições atualmente são mais dignas, segundo Ronilda.

Por meio da busca de muitas histórias que compõem o rico patrimônio imaterial da cidade, vão surgindo outras narrativas. Elas vão sendo associadas com a tradição do povoado, como a dos cruzeiros existentes na região e toda sua representatividade do sincretismo religioso antes mesmo da chegada da Igreja Católica, em Capão do Zezinho, em 1998. Esses cruzeiros eram frequentados nos dias de finados. São feitas procissões para rezar o terço, para celebrar o santo padroeiro (São Francisco de Assis), que mesmo sendo um santo católico, foi escolhido pela comunidade por ser um protetor da natureza, dos animais, assim como os antepassados indígenas. Com as atividades da escola local, mobilizando a população da comunidade, uma

[17] Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaxix%C3%B3. Acesso em: 12/06/2023.

importante vitória foi alcançada com a construção de um memorial da história da comunidade, o espaço escolhido foi a casa habitada por cacique Djalma[18], em parceria com uma turista austríaca, os recursos foram levantados. A partir da cooperação, a casa e vários objetos foram restaurados.

Diante das dificuldades e desafios atuais dos indígenas Kaxixó, cabe ao poder público reconhecer a legitimidade das terras para a comunidade do Capão do Zezinho. Deve haver o compromisso de cultivar na comunidade os laços com a tradição e urgente conscientização de que este legado é intrínseco à experiência de territorialidade e de cultivo de laços de sociabilidade no povoado.

A Catira de Martinho Campos e as performances da memória: pés, palmas e violas

A Catira também conhecida como Cateretê possui diferentes raízes, ou seja, ela integra traços europeus, indígenas e africanos. Desde o período colonial esse tipo de dança era executado e reconhecido como uma manifestação cultural. Existem várias versões sobre suas origens, umas das mais aceitas aponta sua relação com as atividades dos tropeiros, o que explicaria uma de suas características iniciais: os trajes caipiras e de ser, durante um bom tempo, dançada, exclusivamente, por homens. Alguns estudiosos[19] assinalam que os tropeiros, ao transportarem gado entre os locais, provavelmente, apresentavam a dança nos momentos de descanso e descontração do grupo.

Outra abordagem enfatiza que, durante a colonização, os jesuítas procuravam adaptar as danças e os cantos para despertar nos indígenas interesse pelos rituais católicos. A dança foi utilizada como uma das estratégias para facilitar a aceitação dos indígenas, por meio de performances e costumes dos colonizadores brancos. Segundo essa premissa é possível que a origem do nome Catira tenha surgido dessa negociação, da barganha entre os padres jesuítas e os nativos. Uma troca e flexibilização dos rituais católicos para os indígenas aceitarem a religião do Deus cristão. Na linguagem coloquial, a palavra “catirar” significa “trocar” uma coisa por outra. A dança que possui variantes quanto ao nome como Cateretê, Catira ou Bate-pé, transformou-se com o passar do tempo em uma forma de divertimento para as populações rurais.

---

[18] Disponível em: https://www.cedefes.org.br/memorial-cacique-djalma-kaxixo-sera-inaugurado-em-minas-gerais/ . Acesso em: 12/06/2023.

[19] CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2012
BORGES, C. M. O povo brasileiro e a catira. *EFDeportes- Revista Digital* - n. 139, dez. 2009. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd139/o-povo-brasileiro-e-a-catira.htm. Acesso em 01/06/2023.

Em Martinho Campos, existe um grupo de catireiros chamado Pedro Pedrinho que é reconhecido como os mantenedores da tradição na cidade. Em entrevista (à época da pesquisa de campo), Tabita, esposa de um dos integrantes mais antigos do grupo, ressalta que se trata de uma tradição familiar que se iniciou há 80 anos. Atualmente, Pedro Pedrinho está formando sua 5ª geração de catireiros. Com uma família numerosa de 14 irmãos, os "Fernandes Campos" ainda tentam manter a tradição viva na cidade. A tradição começou com o patriarca Pedro Fernandes Filho, nascido e criado na beira do São Francisco, na comunidade dos Monjolos. A fazenda em que vivia era local de trânsito de vaqueiros e tropeiros. Nela havia um homem que tinha sido escravizado, que costumava se reunir com trabalhadores da comunidade ao final da lida diária para cantarem e dançarem. Na região, ela começa a ser praticada como festejos, após plantios e colheita[20], como forma de agradecimento pela fartura. As fazendas antigas da região como possuíam casas construídas com assoalhos de madeira, nas salas, como as da propriedade do senhor Pedro Fernandes, ocorriam as apresentações. As salas eram muito espaçosas. O chão de madeira era ideal para ressoar a batida das botas durante o sapateado da catira.

Segundo Tabita, a execução da catira formava-se a partir de duas fileiras dos integrantes, que se movimentavam de frente um para o outro. As batidas dos pés e das mãos são intercaladas por pulos. Com a apresentação do violeiro que toca o "rasqueado[21]" e conduz ritmos específicos para os dançarinos fazerem a "escova", o sapateado, os palmeados e os pulos. Prossegue com a dupla de violeiros entoando uma moda de viola. Em determinado momento, os músicos interrompem a cantoria e repetem o rasqueado. O instante da cantoria é o descanso dos dançarinos, que aguardam a volta do rasqueado.

Após a moda ser tocada os catireiros apresentam a figuração chamada "serra abaixo", assim chamada quando os catireiros realizam uma volta completa, seguem para trás fazendo movimentos da esquerda para a direita. Novamente as batidas dos pés e das mãos são alternadas, fazem uma roda e giram batendo os pés alternadamente com as mãos, terminando com os dançarinos nos seus lugares iniciais. A Catira encerra com o Recortado: as fileiras, encabeçadas pelos músicos, trocam de lugar, fazem meia-volta e retornam ao ponto inicial. Nesse momento, todos cantam uma canção, o "levante", que varia de grupo para grupo. No encerramento do Recortado os catireiros repetem as batidas de pés, mãos e pulos.

[20] Ocorriam geralmente nas colheitas de junho, na região, também, era comum o plantio de arroz nas áreas que eram alagadas pelas cheias do rio São Francisco.
[21] Músicas tocada com a viola geralmente eram marcadas por temas populares. Os compositores da região tematizavam sobre causos engraçados, história de amor, personagens da região.

Os trajes utilizados pelo grupo Pedro Pedrinho, geralmente, costumam ser as vestimentas típicas do ambiente caipira, composta pelo chapéu, calça jeans, camisa longa, lenço e botina. Das vestimentas de especial importância está a botina que deve ser de salto, para uma boa sonoridade na batida dos pés. Tabita também enfatizou que atualmente a tradição dos grupos catireiros é muito forte em estados como Minas Gerais, São Paulo e Goiás, promovendo encontros como o Festival Catirana (Goiânia), além de uma cooperação e socialização muito próxima entre os grupos. Eles compartilham entre si técnicas de danças e oferecem hospedagem, para receberem catireiros que visitam cidades de grupos de catira.

Roda de Trespassar de Carbonita

A Roda de Trespassar é uma manifestação cultural da região do Vale do Jequitinhonha/MG. Nas entrevistas realizadas no Distrito de Santo Antônio de Mercadinho, zona rural da cidade de Carbonita/MG foi possível identificar suas características e dinâmicas, bem como observar sua importância para a comunidade. No início do século XX, a região começou a ser habitada e os moradores ocupavam-se do plantio de legumes, tubérculos, hortaliças e criação de pequenos animais como porcos e galinhas. Com a migração de pessoas para a região, as casas começaram a ser construídas com diferentes ramos, dando origem às casas de ramo, conhecidas como “casas de tolda”. Por isso, o nome de Mercadinho tem sua origem relacionada à grande “fartura” do lugar, produtor importante de itens de alimentação como toucinho, farinha e rapadura.

Atualmente, devido ao processo de desertificação, com a diminuição da umidade dos solos e da quantidade de chuvas, a produção agrícola diminuiu. O rio Curralinho que abastece a região era utilizado para diversas atividades, entre elas para lavar roupa, tomar banho e água para consumo humano, porém, o rio encontra-se hoje em processo de grande seca. Mas a roda de trespassar sobrevive ao tempo, contando com um grupo de participantes, entre homens e mulheres. A origem da roda não é muito precisa. Na versão dos moradores, como não havia luz elétrica, a comunidade criou seus jogos, brincadeiras e danças para divertirem-se e, eventualmente, conforme ressalta Dona Maria Souza.

> “Quando começou o Mercadinho aqui, não tinha luz, nada, né, e ali embaixo, tinha uma praça maior assim, aí sempre dia de sábado, reunia o pessoal lá e ia brincar roda, cantar (...) aí vinha gente lá do outro lado do rio, tinha muito rapaz e moça de lá, vinha brincar... tinha vez que tinha lua clara, mas eles acendiam o fogo lá na rua.” (Maria Souza).

Dessa forma, as práticas culturais como a roda de trespassar, cumpriram – e cumprem – um papel importante de integração da comunidade. Segundo o morador Sr. José Vicente, a

roda de trespassar iniciou-se porque há muitos anos os casais não podiam dançar de forma mais próxima e íntima. Então, a dança em roda foi a forma encontrada das pessoas divertirem-se sem ter muito contato corporal.

> "Nessa época os velhos... a lei era rígida, então por isso nasceu essa maneira de todo mundo ter um jeito de divertir, né, então por isso que nasceu a roda de trespassar. Você pode perceber que nela eu escolho um par, outro fulano escolhe outro par, na hora de rodar cada um segue por um lado" (José Santos)

A dança é guiada por um tocador de viola ou violão que toca e canta versos de cultura popular e liras da região. Na dança as pessoas "trespassam" umas pelas outras, daí o nome, visto que. uma pessoa gira para a direita e a outra para a esquerda. A música da roda de trespassar é específica, diferente de outras rodas da região, pois na comunidade de Mercadinho, há muitos anos, na roda de trespassar os participantes "jogavam" versos uns para os outros, atualmente a brincadeira modificou-se e há versos próprios a serem cantados.

Uma característica da dança é a livre participação de pessoas de diferentes faixas etárias, desde crianças a pessoas mais velhas. Todas as pessoas da comunidade são bem-vindas. A roda não possui tempo de duração e os participantes podem brincar durante muitas horas até cansarem-se. No entanto, ninguém pode sair sozinho da roda, o par que brinca deve sair junto.

Além da roda de trespassar, outras danças foram citadas, a exemplo da Ciranda: uma roda maior em que as pessoas pegam nas mãos umas das outras, onde cada pessoa canta um verso. Na Ciranda a roda é guiada por versos principais, os versos são cantados e "jogados" para outras pessoas participantes da roda. Nesse momento surgiam os cortejos, porque cada participante jogava versos para a pessoa que queria cortejar. Uma das liras cantadas foi apresentada pela Dona Maria José: "Sou da Lira / da Lira eu sou / eu sou da Lira coração carinhador". Assim, A roda não acaba enquanto os versos estiverem sendo jogados. Na brincadeira se um participante não gosta de um verso cantado, jogado para o outro. Ele pode interferir e acabar com os versos jogados, para pôr um fim a um cortejo indesejado feito a uma pessoa de seu interesse.

As heranças africanas, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e o congado em Abaeté

No Brasil, a chegada do congado ocorre por volta da primeira metade do século XVIII em Pernambuco. Reconhecendo suas raízes, nota-se que uma das características do congado é sua constituição híbrida integrando estruturalmente a mistura do catolicismo europeu com as tradições africanas. Ao chegarem à colônia, os negros escravizados se identificaram com santos

católicos como São Benedito, Santa Efigênia, e Nossa Senhora do Rosário. Esses santos foram associados com entidades religiosas africanas ancestrais e foram amalgamados nas cerimônias religiosas e nas igrejas construídas pelas irmandades negras que se formaram na sociedade colonial.

Nesse contexto, destacam-se duas mitologias sobre a origem da congada que são: a vida de Chico Rei e a aparição de Nossa Senhora. Essas mitologias foram preservadas e transmitidas pela tradição oral, entre estas histórias destaca-se a figura de Galanga, nome verdadeiro de Chico Rei, que foi um monarca de sua tribo no Congo, capturado com toda sua gente, por portugueses, para serem escravizados na colônia brasileira. Ao ser batizado, ele recebeu o nome de Francisco.

Durante a travessia pelo Atlântico, ocorreu uma forte tempestade. Os marinheiros com receio de que o barco naufragasse arremessaram no mar a esposa e a filha de Chico Rei. Ao chegarem na América portuguesa, Chico e seu filho foram comprados e levados para a região das minas, a Vila Rica, atual Ouro Preto. Chico trabalhou intensamente e reuniu um montante suficiente para comprar sua alforria e a do filho, além de uma pequena mina libertada de mais de 200 escravizados. Os escravos, libertos por ele, passaram a tratá-lo como rei, ao mesmo tempo que se levantava a igreja de Santa Efigênia.

A tradição oral relata uma aparição de Nossa Senhoria do Rosário que teria ocorrido no mar. Conta-se que diversos grupos tentaram buscá-la, cantando e dançando. A santa se aproximava, mas não se movia muito. Após várias tentativas de alcança-la, o último grupo a tentar foi justamente os de Moçambique, que eram escravizados e traziam cadeias aos tornozelos. Com seus cantos e lamentos, conseguiram trazer a imagem da santa para a costa e, desde então, este acontecimento é celebrado pelos os grupos Moçambiques e Congadeiros, considerados os guardiões da imagem da Virgem do Rosário.

Em Abaeté, a história do congado inicia-se por volta de 1730, com a chegada dos primeiros sertanistas, acompanhados dos negros escravizados, à região para tomar posse das sesmarias. Alguns acompanhavam os sertanistas e outros, os padres vindos de Pernambuco, sede do bispado ao qual respondia Abaeté. No final do século XVIII, Abaeté estava localizada entre dois grandes bispados e irmandades: o Bispado de Pernambuco e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Livres, em Paracatu, de um lado; de outro, o Bispado de Mariana e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na cidade de Pitangui. A presença dessas irmandades produziu um importante legado, por receberem e acolherem

padres e a população negra de diversos lugares do país, favorecendo uma diversificação social das manifestações religiosas na região, entre elas o congado.

O congado em Abaeté até os anos de 1960 foi renegado e marginalizado devido a sua herança negra, pesando sobre essa manifestação cultural um imaginário pejorativo e preconceituoso[22]. Essa discriminação perdurou até a fundação, em 1965, da Associação do Congado de Nossa Senhora do Rosário de Abaeté e de sua legalização em 1979. A oficialização permitiu o reconhecimento e o respeito social, ao possibilitar que os congadeiros recebessem incentivos governamentais para investirem nas guardas e festividades de Nossa Senhora do Rosário. Em 2007, o congado de Abaeté foi reconhecido, nacionalmente, pelo Ministério da Cultura, por meio do Prêmio de Culturas Populares Mestre Duda 100 Anos de Frevo.

Um de nossos entrevistados, o senhor Omar Pereira[23], menciona a importância do congado na história cultural da cidade. Ele destaca o impacto positivo do reconhecimento da associação e de como as festividades do congado movimentam a cidade ao longo do ano. Atualmente, em Abaeté, existem 20 guardas montadas[24]. Entre essas, o entrevistado destacou a Congo Penacho - da qual é integrante - e a Guarda das Escravas. O Congo Penacho tem como características as heranças mestiças, caboclas e indígenas ao promover uma cantoria de índios e negros como um só povo celebrando a aparição de Nossa Senhora em alto mar. Ela é composta por familiares criando fortes laços afetivos entre seus membros. Essa guarda é constituída pela marcante simbologia religiosa, pelas danças e ritmos acelerados, e pelos instrumentos musicais, como o pandeiro, a sanfona, o banjo, as caixas cobertas por couro. A ornamentação dos integrantes resgata as heranças dos índios, negros e caboclos. As vestimentas são enfeitadas com penachos. Junto aos cantos e danças, elas procuram representar uma identidade coletiva.

A Guarda das Escravas, formada somente por mulheres negras, resgata e afirma a memória de resistência de suas integrantes, diante das violentas condições do regime escravocrata e suas consequências após a abolição da escravidão. Durante a procissão, há um desfile das mulheres negras, que carregam consigo o material de trabalho que foi comumente utilizado pelas escravizadas, no período colonial, como as rocas, as gamelas, pilões, tabuleiros, colheres de pau.

---

[22] CRUZ, W. R. DA. Congado de Abaeté: gênese, formação e atualidade. HORIZONTE - *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 44, p. 1645-1647, 29 dez. 2016.

[23] Presidente da Associação do Congado de Nossa Senhora do Rosário em Abaeté.

[24] São elas Congo Penacho, Congo Vilão, Congo Real, Congo Sereno, Congo Real Mirim, São Benedito, Catupé Tamborim, Catupé do Pandeiro, Catupé do Rosário, Catupé do Cazuá, Estrela da Guia, Estrela do Rosário, Divino Espírito Santo, Unidos da Filhos de Maria, Rosas de Ouro, Rosário de Maria, Contradança de Santa Efigênia, Moçambique Raiz, São benedito, Moçambique Nossa Senhora do Rosário.

O principal evento que mobiliza as guardas de congado em Abaeté é a festa de Nossa Senhora do Rosário. Os dias que tradicionalmente ocorrem as festividades são de intenso envolvimento da população. Segundo Omar Pereira a Associação do Congado reúne em torno de 50 a 60 guardas, com aproximadamente mais de 1.000 pessoas, soma-se a este número a diretoria da associação, os voluntários, os festeiros, os cozinheiros. Estima-se que o número chegue a 1.500 pessoas. Durante as festividades calcula-se que de 15 a 20 mil pessoas acompanham o evento. Devido à amplitude alcançada pela festa de Nossa Senhora do Rosário, a movimentação começa já no mês de maio com a organização de novenas, visitação de casas dos festeiros, para começar a arrecadar dinheiro, além de várias atividades que são organizadas com o objetivo de arrecadar fundos.

O congado e a festa de Nossa Senhora do Rosário se estabelecem como elementos-chave para resgate de tradições e atuam como agentes transformadores do presente. Os festejos em que as guardas se apresentam são eventos transformadores, ao propiciar para "anônimos" e "subalternos" um espaço de prestígio e de afirmação de sua cultura e de seus costumes. Constituem-se, assim, como momentos de celebração e reconhecimento do legado das culturas negras, caboclas e indígenas.

As folias de Minas

A prática cultural da folia, segundo o IEPHA-MG, é uma das tradições mais antigas de Minas Gerais, sendo a expressão "Folias de Minas", é um termo adotado pelo órgão para se referir a uma diversidade de denominações de folias "que distinguem e caracterizam os grupos de acordo com suas trajetórias históricas e com as vivências regionais" como explica o Dossiê de Registro, elaborado por ele, em 2016. Tomando por referência neste trabalho a Folia de Reis de Abaeté, o Dossiê explica como se deu sua origem no Estado mineiro:

> O pesquisador Theo Brandão pontua que as Folias de Reis podem ser vistas como uma variação brasileira das janeiras portuguesas, associadas a outros costumes ibéricos e ao contexto cultural vivenciado no território brasileiro. Com o passar dos anos, sobretudo, a partir do processo de interiorização do território brasileiro, as Folias e demais práticas vinculadas ao culto aos Reis e ao Menino Jesus foram apreendidas pelas populações dos sertões do atual estado de Minas Gerais, notadamente por aquelas que executavam atividades pastoris. A descoberta do ouro nas Minas no final do século XVII também possibilitou o desenvolvimento e o aprofundamento de costumes e tradições religiosas, especialmente de Folias e de expressões derivadas dos costumes ibéricos, ocorrendo notadamente no ambiente rural e nas cidades do interior, se alastrando depois para os grandes centros urbanos. (IEPHA, 2018, p. 19-20).

A Folia de Reis – também conhecida em algumas regiões como Companhia de Reis, Reisado ou Festa de Santos Reis – no Brasil, possui uma origem diversificada. Dessa maneira, não seria pertinente limitar seus primórdios a uma temporalidade ou localidade específica[25]. Apesar da existência desses festejos em várias regiões brasileiras, foi em Minas Gerais que essa tradição aprofundou suas raízes e se ampliou. Considerando as diversidades regionais, existe certo consenso nas pesquisas sobre o tema de que, no contexto brasileiro, as folias são legatárias de uma tradição cristã de origem ibérica, que atravessou o atlântico e alcançou as colônias portuguesas e espanholas.

Em Portugal, a folia teria suas primeiras manifestações por volta do século XVI, difundida por meio dos cancioneiros populares. A partir do momento em que foi integrada à Igreja Católica, a folia foi incorporada em seus rituais e adaptada para a narrativa dos três reis magos. Estes, segundo a tradição, viram no céu a estrela de Belém, que anunciava o nascimento de Jesus, saíram do oriente seguindo a estrela, levando presentes para o menino Deus. Os presentes - ouro, incenso e mirra - possuíam forte simbologia, de acordo com algumas crenças.

Incorporada à narrativa bíblica e aos rituais católicos, a celebração de Santos Reis tinha a duração de doze dias, iniciando-se no dia 24 de dezembro (na véspera do nascimento de Jesus), finalizando-se no dia 6 de janeiro, dia esse em que os Reis Magos chegaram em Belém. Em Portugal, a partir do século XVI, difundiram-se as chamadas “janeiras”, que consistiam na reunião de grupos de pessoas que saíam pelas ruas com diferentes instrumentos musicais, como bombos, flautas e violas, cantavam na porta de várias casas celebrando o ano que se iniciava. Os cantos remetiam a temas como a travessia dos reis magos e ao nascimento de Jesus.

Os portugueses, ao chegarem ao Brasil, trouxeram consigo a tradição das “janeiras” aliada às missões jesuíticas e sua incumbência de catequização e evangelização dos nativos, entre as estratégias utilizadas pelos padres, era muito comum a encenação de peças teatrais, contando as histórias dos santos e a realização de festividades dedicadas às santidades. À medida que a colonização se consolidava, os autos, as danças e procissões se estabeleciam no imaginário e nos costumes. Entre esses rituais, as janeiras e folias foram incorporadas na cultura popular.

[25] Estudiosos enfatizam que, apesar de suas influências católicas, as folias estão influenciadas nos seus imaginários por rituais que remontam às festas populares celebradas na antiguidade, principalmente em Roma, no período que antecede a Era cristã.

As folias formaram-se nas cidades e principalmente nas regiões rurais[26]. Assim como a Folia do Divino, a Folia de Reis adaptou-se ao contexto sociocultural em que estava inserida e manteve-se a mistura entre o cortejo e a diversão, a partir de músicas, indumentária e oração. Na Folia de Reis, tal como praticada em Abaeté destaca-se a prática comunitária e cooperativa da festa. Apesar de suas variantes locais, o entrevistado, à época, Éder Braga relatou que as folias se caracterizam por alguns personagens-integrantes que permanecem, ainda que ocorra variação de funções, de acordo com a localidade e tradição da região em que são formadas. São eles: o mestre, o contramestre, o alferes ou bandeireiro, os músicos e os palhaços.

No entanto, Éder destacou que não é comum a presença do alferes nas folias de Abaeté e nem em outras que ele conhece pela região. É importante salientar aqui que, por lidarmos com a tradição oral, essa "ausência" não significa necessariamente a inexistência dessa personagem. Diante da oralidade e da memória, os esquecimentos são constituintes do processo de busca e construção do passado, a partir de motivos e interesses do presente, o que explica as lacunas inerentes a todo relato que visa apreender a experiência vivida. Em Abaeté, como ressalta Éder, a formação de algumas folias, como a que ele participa, está combinada com a trajetória do congado. Quando era jovem, uniu-se aos jovens do congado do seu bairro, a fim de formarem um grupo de folia de reis. A partir dessas experiências, eles foram presenteados com uma farda de uma companhia e participou de um grupo de folia de reis. Éder também destaca os laços familiares que integram muitas companhias.

A Folia de Reis em Abaeté, atualmente, vem sofrendo algumas modificações em suas práticas. Os foliões destacam que a companhia não pernoita mais nas comunidades, vilas ou casas em que realizam as apresentações. Uma das dificuldades apresentadas é a influência das rotinas familiares e do trabalho de muitos integrantes e, por isso, a maioria das saídas da folia ocorrem nos finais de semana, durante a noite. Essas chegadas no período noturno fazem parte do ritual da apresentação, sendo considerado um espetáculo que emociona a maioria das famílias que o recebe. Ao se depararem com famílias dormindo, o "tirador", "embaixador" da folia, canta chamando a pessoa para receber a folia. O tirador é uma espécie de "porta-voz" da companhia, é ele quem improvisa o verso contando a história dos reis, do nascimento de Jesus. Ele que apresenta a companhia para a casa que visitam.

As apresentações que ocorrem durante o dia seguem outra dinâmica. A performance da companhia se modifica, o palhaço "pastorzinho" que vai à frente caracterizado, fardado, chama

[26] TRÓPIA, Luiz Fernando Vieira. As Folias de Reis em Minas Gerais. *Revista da Comissão Mineira de Folclore.* Belo Horizonte.

o dono da casa e pergunta se é permitido receber a folia. Na tradição do reisado, o palhaço é representado cumprindo funções rigorosas. Durante a folia, geralmente são três palhaços e possuem obrigações e proibições específicas (como jamais dançar diante da Bandeira ou tocá-la, apesar de ser seu guardião), costuma utilizar um apito para avisar a chegada e a partida da bandeira, além de ser o encarregado de instigar o público para que realize doações. Usando máscaras e roupas improvisadas, eles dançam descalços, saltitam e recitam versos engraçados, chamados chulas.

Éder destaca também que o puxador ou mestre é um personagem central na folia, ele é o responsável por "puxar" os versos de apresentação nas residências em que são recebidos, além de serem os interlocutores responsáveis pela manutenção da tradição oral das folias. Eles são os responsáveis pela logística da companhia, planejando as visitas, o trajeto a ser realizado, e o horário da chegada das folias de reis nas casas. Os cantos são um espetáculo à parte, tanto por sua beleza, quanto pela dificuldade na sua execução. Diferentemente das apresentações do congado que são feitas em coral, nas companhias de Reis, os cânticos são executados no modo toada, que consiste na profusão de tonalidades, em que cada uma das vozes[27] canta a mesma música em um tom diferente, para "transformar a cantoria em harmonia".

A respeito da indumentária, Éder aponta que quase todos os grupos utilizam toalhas (lenços brancos) no pescoço, simbolizando a pureza da Sagrada Família. Os foliões utilizam vários adereços e enfeites nos seus instrumentos. A bandeira é cuidadosamente ornamentada, com fitas e flores, imagens de santos e outros escritos. A vestimenta do palhaço é a mais caricata, feita de chitão, sua máscara possui vários adereços, como espelhos e fitas, e é caracterizado como se fosse um bobo da corte – nas palavras de Éder – para entreter os reis e o público. As vestimentas, comumente, são confeccionadas pelos próprios foliões ou por voluntários que se disponibilizam a auxiliar na organização das companhias.

Na madrugada do dia 24 para o dia 25 de dezembro, as folias iniciam seus cortejos, visitando as residências, alternando entre as que oferecem o café da manhã, almoço e janta. Os anfitriões dividem as demandas até o dia 6 de janeiro, no qual participam da procissão, juntando todos os outros grupos de folias. As refeições são ofertadas por vários motivos, alguns dos anfitriões doam em agradecimento a alguma promessa, outros por se identificarem e solidarizarem com a tradição. A dimensão do sagrado, por meio das promessas, das missas e das manifestações de fé, se funde aos elementos "pagãos" dos cantos e das danças. Com o passar

[27] Segundo Éder, as folias geralmente possuem cinco vozes, em ocasiões especiais, como na procissão de Santos Reis, algumas companhias incorporam a sexta voz.

das gerações, esses eventos são agregados cada vez mais no tecido cotidiano dos costumes da população abaeteense, que compreende tais eventos como momentos indistinguíveis de suas histórias pessoais e coletivas. Assim celebram os laços comunitários, a vida e as particularidades da trajetória histórica e cultural da cidade de Abaeté, perpetuando e atualizando suas tradições.

O Modo de fazer e tocar violas

Em Minas Gerais, os modos de fazer e tocar violas são saberes populares reconhecidos pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, como patrimônio cultural imaterial do estado. O instrumento musical é objeto de diversas práticas culturais que se expressam no território mineiro, como a cultura sertaneja e a religiosidade envolvendo manifestações de reinados e reisados. São muitas as variedades de violas de produção artesanal. O ofício do fazedor e do tocador estão intrinsecamente ligados como aponta o dossiê de registro elaborado pelo órgão:

> Ainda hoje há muitos construtores e luthiers de reconhecida habilidade entre músicos violeiros. Os conhecimentos relacionados a este saber-fazer são fundamentais para a presença desse instrumento no território mineiro, fazendo com que as demais dimensões associadas tenham condições de se manterem no tempo e no espaço. De tal maneira, assim como não dá para conceber as violas desvinculadas de quem as toca, também não há como pensá-las separadas de quem as constrói e, neste caso, trata-se da fabricação artesanal. Os sentidos da produção artesanal desse instrumento são atravessados por diferentes nuances que permitem compreender a diversidade do ofício e dos modos de fazer as violas em Minas Gerais. Nesse universo tão complexo, há distinções dentro da própria produção artesanal, já que o perfil de violeiros e violeiras é bastante diverso. Essa diversidade do ofício acomoda distintas funcionalidades, sendo que as necessidades de um violeiro e violeira envolvidos com festividades da religiosidade popular não serão as mesmas daquelas de um violeiro e violeira envolvidos profissionalmente com o instrumento. [...] Na produção artesanal de violas, o artesão tem o domínio de todo o processo produtivo, o que resulta em instrumentos únicos. (IEPHA, 2018).

Os fazedores de viola, chamados de luthiers, cada um com seu estilo e liberdade criativa. De acordo com o mapeamento realizado pelo Instituto, registra-se em Bom Despacho, a presença de dois artesãos que fabricam o instrumento. São eles Antônio José Cabral (violas de bambu) e Marcos Roberto de Souza (viola caipira), sendo o primeiro, o mais famoso e participante da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular.

A Mostra também oportunizou a apresentação de trabalhos de uma diversidade de violeiros/tocadores da moda caipira, dada sua forte expressão artística regional, a partir da cultura sertaneja presentes nos municípios participantes, amplamente relatadas ao longo deste trabalho.

A Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira

A capoeira é um bem imaterial registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, desde 2008 e, em 2014, a Roda de Capoeira também foi contemplada com o título de Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Trata-se de uma herança africana reprimida e discriminada com prática cultural na trajetória dos negros, no Brasil. A importância do registro está no reconhecimento dessa manifestação como patrimônio cultural, considerando o saber do mestre de capoeira, como ofício, e a roda de capoeira, como forma de expressão.

> A capoeira, uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes deem prioridade ora à sua face cultural, a seus aspectos musicais e rituais, ora à sua face esportiva, à luta e à ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo. (IPHAN, 2014).

Ainda segundo o IPHAN (2017), “tornou-se comum a utilização da denominação “Capoeira” para fazer referência aos bens culturais reconhecidos como Patrimônio Imaterial Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira”, cujo encanto pode ser visto e sentido no canto, nos toques, nos ritmos, nos jogos de corpo e nas dinâmicas das rodas espalhadas em todas as regiões do Brasil. O bem cultural conta também com o plano de salvaguarda e valorização. Dentre as ações constantes neste plano, está o mapeamento nacional de capoeiristas que pode ser realizado por meio da plataforma colaborativa www.capoeira.gov.br.

5. Considerações finais

As manifestações descritas aqui são apenas uma pequena mostra da diversidade encontrada nas cidades contempladas pelo projeto que ainda carecem de muitos estudos e pesquisas orais. Mas que fundamentam o panorama regional da cultura popular e suas distintas formas de expressão que levaram ao seu reconhecimento na constituição da identidade dos grupos locais e a se tornarem patrimônio cultural imaterial de suas comunidades.

Por fim, este material, tendo as iniciativas como fonte de investigação, traz importantes contribuições ao fomentar uma rede de significados e valores simbólicos que apontam para uma sabedoria que é inerente de cada lugar, de cada jeito coletivo de viver e expressar a cultura popular, apresentando também colaborações significativas para o aprimoramento do projeto Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular tendo em vista as necessidades, demandas e prioridades levantadas em torno da promoção do trabalho dos participantes evidenciando:

a) As contribuições dos proponentes para o trabalho de mapeamento e registro das referências culturais presentes nos territórios contemplados por esta pesquisa, possibilitando a identificação de seus fazedores e produtores;
b) Contribuições para o levantamento de práticas culturais ainda não identificadas pelas ações de diagnóstico cultural desenvolvido pelo Projeto Mostra da Diversidade: Imagens da Cultura Popular;
c) Contribuições para ações de reconhecimento do patrimônio cultural local e sua difusão como forma de promoção e valorização pelos diversos artistas, grupos e instituições que atuam no território tendo em vista seus planos de salvaguarda propostos nos Dossiês de Registros;
d) A necessidade de contemplação de iniciativas de Educação Patrimonial com desenho mais claro no Regulamento do Prêmio, visto que este trabalho apontou, claramente, o potencial educativo das ações propostas, principalmente, em torno das manifestações do patrimônio imaterial, extrapolando a dimensão da formação artística e transmissão de saberes culturais em si, abrindo espaço para a formação de educadores e a produção de materiais educativos que sirvam de suporte ao trabalho pedagógico da educação formal e não formal;
e) A necessidade de priorização de temas locais ligados à cultura e ao patrimônio de matriz africana, a partir das práticas culturais enraizadas no território, a serem trabalhadas na perspectiva da igualdade, alteridade e da equidade social no combate, sobretudo, às invisibilidades dos povos negros formadores destas regiões;

f) A necessidade de se continuar investindo em ações de capacitação e aperfeiçoamento na área da cultura, destinadas ao fomento e à gestão cultural nas diferentes áreas artísticas e de produção cultural local.

Referências

BORGES, C. M. O povo brasileiro e a catira. *EFDeportes- Revista Digital* - n. 139, dez. 2009. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd139/o-povo-brasileiro-e-a-catira.htm. Acesso em 01/06/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12/06/2023.

BRASIL. Ministério da Educação; CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO; UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, [2017b]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12/06/2023.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2012

CRUZ, W. R. DA. Congado de Abaeté: gênese, formação e atualidade. HORIZONTE - *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 44, p. 1645-1647, 29 dez. 2016.

FAVELA É ISSO AÍ. Pesquisa Mostra da Diversidade Cultural Imagens da Cultura Popular. Organização Clarice Libânio, pesquisa e redação de textos Clarice Libânio, Luzinete Assis e Weslaine Gomes, 2020.

http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/20/As%20Folias%20de%20Minas.pdf. Acesso em 13/06/2023

IEPHA. *Folias de Minas Gerais*. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. – Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018. 68 p. Disponível em

IEPHA. Saberes, linguagens e expressões musicais da viola em Minas Gerais / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018. p. 24. Disponível em: http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/21/Violas%20de%20Minas.pdf. Acesso em: 13/06/2023.

IPHAN. Folder institucional. 3. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2008.

IPHAN. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília-DF, 2016. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol1.pdf. Acesso em 13/06//2023.

IPHAN. Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf . Acesso em 12/06/2023.

IPHAN. Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF: Iphan, 2014. p. 20. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieCapoeiraWeb.pdf . Acesso em: 13/06/2023.

IPHAN. Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. Brasília: IPHAN, 2017. (Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais, 3) 36 p. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha_salvaguarda_capoeira.pdf. Acesso em 13/06/2023.

QUEIROZ, S. Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, 149 p. 98-99. Disponível http://books.scielo.org/id/hz6s2/pdf/queiroz-9788542303056.pdf . Acesso em 12/06/2023.

TRÓPIA, Luiz Fernando Vieira. *As Folias de Reis em Minas Gerais*. Revista da Comissão Mineira de Folclore. Belo Horizonte.

Sites

CEDEFES. https://www.cedefes.org.br/povo-indigena-kaxixo-guardiao-dos-cerrados/ Acesso em 13/06/2023.

COMPANHIA DAS LETRAS. https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/04692/bartolomeu-campos-de-queiros. Acesso em 13/06/2023.

FAVELA É ISSO AÍ. https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/territorios/jequitinhonha/. Acesso em 13/06/2023.

FAVELA É ISSO AÍ. https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/territorios/centro-oeste-minas/. Acesso em 13/06/2023.

FAVELA É ISSO AÍ. https://www.favelaeissoai.com.br/wp-content/uploads/2021/04/receitas-da-diversidade-v3.pdf. Acesso em 13/06/2023.

FAVELA É ISSO AÍ. https://www.favelaeissoai.com.br/wp-content/uploads/2022/03/resgate-cultural-SMG.pdf . Acesso em 13/06/2023.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. http://www.fjp.mg.gov.br/robin-hood/index.php/leirobinhood/legislacao/lei1204095#:~:text=DISP%C3%95E%20SOBRE%20A%20DISTRIBUI%C3%87%C3%83O%20DA,FEDERAL%2C%20E%20DA%20OUTRAS%20PROVIDENCIAS. Acesso em: 13/06/2023.

IBGE. https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/carbonita/panorama. Acesso em 13/06/2023.

IBGE. https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/senador-modestino-goncalves/panorama. Acesso em 13/06/2023.

IEPHA/MG. http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural. Acesso em 13/06/2023.

Instragram. https://www.instagram.com/o_carinhoso/. Acesso em 13/06/2023.

MG Quilombo. https://www.mgquilombo.com.br/artigos/bens-quilombolas-materias-e-imateriais/dona-fiotinha-e-a-lingua-da-tabatinga/. Acesso em 13/06/2023.

Povos Indígenas no Brasil. https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaxix%C3%B3. Acesso em: 12/06/2023.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/12/fiandeiras-tecelas-e-tintureiras-resgatam-orgulho-e-tradicao-no-sertao-de-minas. Acesso em 13/06/2023.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/olhares-brasil/comunidade-de-abadia/ Aceso em 13/06/2023.

UFMG. http://projetos.eeffto.ufmg.br/sarandeiros/?p=1400. Acesso em 13/06/2023.

Filmes

Documentário “Eu tenho a palavra”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qUwi3YM78NQ . Acesso em 13/06/2023.

Patrocínio

Gestão e Produção

Realização